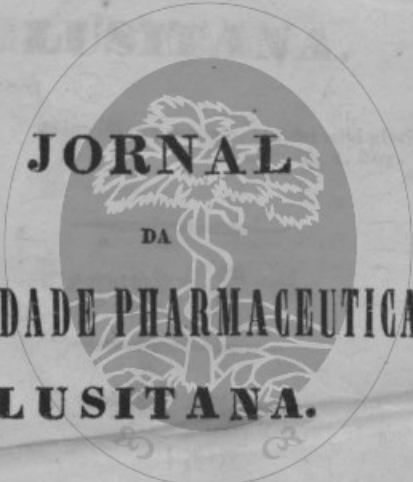




Centro de Documentação Farmacêutica.
da Ordem dos Farmacêuticos



JORNAL
DA
SOCIEDADE PHARMACEUTICA
LUSITANA.

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

JORNAL
DA
SOCIEDADE PHARMACEUTICA
LUSITANA.

Magnum iter ascendo, sed dat mihi gloria vires.
PROP. Lib. 4. Eleg. 10.

Segunda Serie.

TOMO III.



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

Lisboa.

NA IMPRENSA SILVIANA.

1852.

JORNAL

DA

SOCIEDADE FARMACÊUTICA

PARANAGÁ



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

1951

ANALISES QUÍMICAS

1951

JORNAL
DA
SOCIEDADE PHARMACEUTICA
LUSITANA.

SAÚDE PUBLICA.

Do kooso ou cusso da Abyssinia; pelo Membro Honorario,
o Sr. Dr. Bernardino Antonio Gomes.

O kooso é uma droga desde muito tempo empregada no paiz de que procede, a Abyssinia, como remedio vulgar contra a tenia, que se diz muito commum nos individuos d'aquella região. Bruce descreveu a planta, que fornece o kooso, com o nome de *Banksia abyssinica*; Lamarck com o de *Hagenia abyssinica*. Posteriormente Kunth, á vista de flores da planta, trazidas por Brayer, reconheceu n'ella não so uma especie nova, mas mesmo um genero novo; poz-lhe o nome de *Brayera anthelmintica*. O Journal of Botany de W. J. Hooker, no n.º 22, ou no de Outubro de 1850, traz a planta figurada, e com a denominação de Kunth. Apesar de todos estes dados, com tudo existe ainda alguma duvida sobre a exacta correspondencia entre as descrições feitas e os caracteres da verdadeira especie que fornece o kooso; é por conseguinte este um ponto de Historia Natural, que precisa ser mais bem esclarecido.

As virtudes anthelminticas do kooso são conhecidas tambem na Europa desde bastante tempo; Mérat no seu Dictionario de Materia Medica faz d'ellas menção, como ja

outros antes as haviam mencionado; como porém tem succedido outros remedios uteis, existia este esquecido, senão nos livros, na practica ao menos, até que n'estes ultimos tempos de novo o chamaram á attenção dos Medicos as observações do Sr. M. L. Aubert, impressas nas Memorias da Academia de Paris, tom. 9.º pag. 680, e referidas no Boletim da mesma Academia tom. XII. pag. 690 e seguintes. Depois d'isso tem-se repetido, tanto nos jornaes medicos de França, como nos de Inglaterra, a noticia de observações feitas nos dous paizes, attestando a efficacia do koso para expellir a tenia. Sem prejudicar porém o valor do remedio, devemos lembrar, que, todas as vezes que se annuncia um remedio novo, ha sempre uma tendencia para apressar a publicação dos casos de feliz resultado, faltando a mesma diligencia para fazer conhecer aquelles, em que falha, e que ás vezes são em maior numero: d'ahi vem tantas vezes na historia do medicamento o seu primeiro periodo, ou o do enthusiasmo por elle, como tambem o do colapso, que costuma seguir-se ou o de reacção a respeito d'esse enthusiasmo, e algumas vezes o mal merecido esquecimento em que fica a final e por muito tempo.

Em Lisboa não sabemos que se tenha, modernamente pelo menos, feito emprego do koso, senão por ora umas duas vezes. Nenhum d'estes casos se pode ainda chamar um bom caso d'esta applicação. — O primeiro (na ordem chronologica), que é de nossa observação e conselho, foi o de uma creança de doze annos, que ha muito tempo lançava quando em quando pedaços de tenia, ou os articulos d'este entosoario, chamados vermes cucurbitinos. Esta creança tomou, e com a melhor resignação, a dose propria do remedio, isto é, meia onça do po diluido n'agua, e por successivas porções; á ultima porção porém tudo foi vomitado, e assim inutilizadas as diligencias feitas. Devemos tambem advertir que a occasião, para o bom exito da medicação, não era a melhor, por quanto a creança não deitava por esse tempo os vermes cucurbitinos, que são, como é sabido, o verdadeiro indicio da opportunida-

de para a dita applicação. — O segundo caso é da observação e conselho do nosso Collega o Dr. Barral. A doente era pessoa adulta, estava evacuando os vermes cucurbitinos, o estomago em boas circumstancias de receber o remedio; em consequencia todas as circumstancias favoreciam a applicação, e podiam fazer esperar o melhor resultado. Algum se obteve, não foi porém ainda tão satisfactorio, como os que o são de modo completo para estes casos. Sahiram, passadas horas depois da applicação, que foi o mais convenientemente dirigida e perfeitamente tolerada, alguns fragmentos de tenia, entre os quaes haviam porções de articulos, que pela estreiteza deviam ser proximos do collo do entosoario; não foi possivel porém descobrir entre estes pedaços o que tivesse a cabeça: em consequencia pode ficar duvida se o verme foi de todo expellido. Mais pareciam estes fragmentos ser os que o animal costuma destacar de si de quando em quando, do que constituirem o todo do verme expulsado, como o costuma ser nos bons casos de acção anthelmintica alcançada pelos medicamentos tenifugos. Notaremos porém que o Sr. Aubert, na Memoria que citámos, observou ser proprio da acção do kooso o fazer expulsar a tenia em fragmentos, como a d'esta observação pareceram ser. Mas o que aquelle pratico tambem observa, e que nos convém ter muito em lembrança a respeito do uso que devemos fazer do kooso, é que precisa ser administrado mais de uma vez, e com intervallo de poucos dias, dous a quatro, para produzir todo o effeito de que é capaz. Os Abyssinios, que dão pouco valor á cura radical da sua doença verminosa, poucas vezes expellem de todo a tenia por meio do kooso, contentam-se de obter d'este remedio o effeito palliativo, que é mais facil esperar d'elle, segundo parece; isto é a expulsão da maior parte do verme, o que os desembaraça por um certo tempo dos encommodos da doença; recorrendo de novo ao mesmo remedio, ou aos de similhante acção, quando esses encommodos se reproduzem.

A planta do kooso é uma arvore; a parte empregada são as flores. A dose para um adulto deve ser de quatro

a cinco oitavas, que se administra em pó, e diluido em agua sufficiente para o poder engulir todo em pequeno espaço de tempo, uma hora o mais. Tambem se aconselha fazer infundir aquella dose em uma libra de agua fervendo, e tomar este infuso junctamente com o pó em duas doses approximadas. Um outro modo de administração pode ser o involver o pó em hostia, formando assim bôlos, capazes de se engulirem inteiros, e dos quaes se tomarão assim tantos quantos sejam precisos para corresponderem á dose completa, a qual deve ser assim ingerida toda em curto espaço de tempo.

E' conveniente auxiliar a medicação com o uso dos purgantes tomados antes e depois da administração do kooso, por exemplo, de vespora, e tres ou quatro horas depois.

Os Abyssinios no dia d'esta medicação, diz Aubert, não tomam alimento, e bebem o que chamam *mez*, que é um hydromel fermentado.

E' pois o kooso mais um tenifugo, que temos á disposição; o valor relativo que elle tem a respeito dos outros medicamentos de sua classe, é o que a observação ainda não demonstrou. Parece-nos que é menos desagradavel ao paladar, e menos susceptivel de fazer nas vias digestivas, e no systema nervoso, a impressão desfavoravel, que produz a casca de raiz de romeira; o que pode ser tambem um indicio da sua menor acção.

Usam na Abyssinia, segundo Aubert, dous outros tenifugos, que alli chamam Abbatsjogo e Bisenna. O primeiro pela descripção que dá, parece ser o bolbo de uma alliea, o outro diz proceder de uma arvore. Nem um nem outro são por ora conhecidos na Europa.

Uma dose de kooso vendia-se ha um anno em Paris por perto de 8\$000 réis, hoje felizmente este preço está reduzido, e levado a termos mais razoaveis. (*)

E' quanto por ora podemos informar a respeito do novo anthelmintico.

(*) Em Lisboa sabemos que existe o pó do kooso nas pharmacias de Sr. Barral, e do Sr. Barreto. Os Redactores,

CLINICA DO SR. DR. BARRAL.

Do emprego do sulphato de bebeerina no tractamento das febres intermittentes. Observações feitas no Hospital de S. José, Infermaria n.º 1.

A *bebeerina*, ou *biberina*, é um novo alcaloide, que em 1834 foi pela primeira vez obtido pelo Dr. Rodie, Cirurgião da Armada Inglesa, da casca da *bebeeru*, ou *bebeerca*, arvore, assim chamada pelos habitantes das margens do Demerara na Guyana Inglesa, d'onde é oriunda.

O processo empregado para o obter é o mesmo que o da quinina.

No seu maior estado de pureza a *bebeerina* apresenta-se debaixo da forma de uma materia amorpha, translucida, côr de limão, extractiforme, de uma reacção alcalina muito pronunciada, muito solúvel no alcohol, menos no ether, e quasi nada na agua.

O Dr. Douglas Maclagan d'Edimburgh, e T. Tilley, Professor de Chymica em Birmingham, fazendo a analyse d'este producto, acharam, que a sua composição se pode exprimir pela formula « $C^{53}H^{20}AzO^6$.»

A *bebeeru* ja era, ha muito tempo, conhecida pelos Ingleses por causa da sua madeira, a que chamam « coração verde » (*green-heart*), e que empregam em obras de marcenaria, e na construcção naval; mas so depois que Rodie a descreveu, e obteve da sua casca o alcaloide febrifugo, é que começou a ser estudada pelos Naturalistas ingleses.

Sir Robert Schomburgh (*Jorn. Bot. de Hooker de Dez. 1844.*), classificando-a, collocou esta arvore no genero *nectandra* da familia das *laurineas*, e lhe chamou *nectandra Rodei*, em honra, talvez, de quem primeiro a tinha estudado, e feito figurar na sciencia de uma maneira importante.

Maclagan, repetindo as experiencias de Rodie sobre a casca d'esta arvore, e tambem sobre as sementes, achou n'ellas, além da *bebeerina*, um outro alcaloide, insolúvel no ether, a que chamou *sepeerina*, e um acido *bebeerico*.

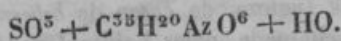
Dos saes de que é base a *bebeerina*, apenas o sulphato.

2.^a Serie, T. III.— N.º 1.

to se tem empregado em Medicina, e está sendo hoje objecto de grande fabrico em Edimbourg.

Sulphato de bebeerina.

E' um sal que resulta da acção do acido sulphurico sobre a *bebeerina*, e cuja composição se representa pela formula seguinte :



P.P. Crystallisa este sal em pequenas laminas irregulares, e muito delgadas, cõr de castanha escura, translucidas, de um sabor amargo e persistente.

P.C. E' completamente solúvel em agua distillada, menos no alcohol, e quasi nada nos ethers. O seu soluto aquoso avermelha ligeiramente o papel de *tornasol*, e o infuso de violetas, não produzindo mudança alguma no papel de curcuma. Lançado sobre uma lamina de ferro candente crepita levemente, e muda depois a sua cõr para alourada, e por fim decompõe-se com formação de um residuo de carvão esponjoso, ficando a lamina toda azulada pelo sulphureto de ferro, que se forma.

Usos. O *sulphato de bebeerina* goza de propriedades tónicas e febrifugas. As experiencias de Rodie, e d'outros Medicos Ingлезes, no tractamento das febres intermittentes, grangearam-lhe um tal ou qual credito como succedaneo da quina, especialmente em Edimbourg, onde mais se fabrica, e é muito usado: todavia nem no resto da Grã-Bretanha, nem em França é ainda muito conhecido, pois que os livros francezes quasi não mencionam este novo preparado, apenas Méral e de Lens no seu supplemento impresso em 1846, e Fremy e Pelouze tractam mui ligeiramente da *bebeerina*. O Sr. Dr. B. A. Gomes, que, ha pouco, esteve em Paris, perguntando por este medicamento nas boticas mais acreditadas, não obteve d'elle a menor noticia, nem tão pouco soube que fosse alli usado como remedio antiperiodico.

Entretanto, diz Guibourt, que a proporção, em que os doentes de sezões são curados em Inglaterra por meio

d'este sal, se tem calculado, termo medio, na de 6 para 11. Desgraçadamente os ensaios feitos n'esta infermaria não são tão satisfactorios, como aquelles, apezar de se escolherem os doentes, a quem se applicou esta nova medicação, dos que estavam nas melhores condições possíveis, pois eram simpleses as sezões, que padeciam, não eram inveteradas, nem os infermos de constituição muito deteriorada; não obstante estas condições favoraveis o *sulphato de bebeerina*, administrado na dose de 12 e 24 grãos, por espaço de mais de oito dias, não produziu effeitos decisivos nos doentes sujeitos a este tractamento: não se poudo obter a cura; apenas se fez sensivel a diminuição dos paroxismos, ou a alteração na hora dos accessos, sendo por isso necessario em geral recorrer á quinina, com a qual brevemente se restabeleciam os doentes.

Foram doze os sezonaticos, que fizeram objecto d'esta observação, e apenas dous d'estes obtiveram bom resultado da applicação d'este novo medicamento; d'onde se vê, que n'este primeiro ensaio, feito em Portugal, é muito mais desfavoravel a proporção dos casos de cura para os não curados, do que tem sido em Edimbourg.

Não parece que se possa attribuir esta inefficacia a má qualidade ou sophisticação do medicamento empregado, porque é do mesmo do que se usa em Inglaterra, d'onde veio, e apresenta todos os caracteres que lhe assignam os Medicos e Pharmaceuticos, que o tem estudado; se é devida a influencias climatericas, a temperamentos ou constituições differentes dos nossos doentes, deve proscrever-se o seu uso na Medicina Portugueza, visto que, não tendo a efficacia dos preparados de quina, nem ao menos se recommenda pela barateza de muitos outros dos seus succedaneos, que lhe são superiores em virtudes antiperiodicas.

O *sulphato de bebeerina* custa ao Hospital 4 réis cada grão; mas sendo sempre indispensavel administral-o, pelo menos, em dose duplicada d'aquella em que de ordinario se applica a quinina que é do preço de 6 réis cada grão, vê-se que será anti-economico o seu uso em um estabelecimento de caridade, em que se devem escolher de

preferencia os medicamentos, que á maior efficacia reunirem a maior barateza.

Não tendo sido feitas estas experiencias em numero sufficiente, para se poder fazer um juizo exacto sobre a efficacia d'este medicamento, nem sendo agora o tempo opportuno para se repetirem semelhantes ensaios, por não serem abundantes os exemplares de sezões, esperar-se-ha pela primavera proxima, em que mais extensamente se poderão renovar estes ensaios, e de mais algumas substancias que passam como bons succedaneos da quina.

Para terminar diremos, que as *góttas antifebris de Warburgh*, tão gabadas pelos practicos inglezes no tractamento das febres intermittentes, devem as suas virtudes anti-periodicas á *bebeerina*, que, dizem, contem.

22 de Dezembro de 1851.

Cunha Vianna.



CHYMICA.

Consulta da Sociedade, com o ensaio chymico de uma agua potavel do Valle do Perciro, Freguezia de Bellas.

A Sociedade Pharmaceutica Lusitana, reunida em Sessão plena no dia 13 de Novembro do corrente anno, discutiu o seguinte Parecer de que havia encarregado a sua Commissão de Chymica.

SENHORES! — A Commissão Permanente de Chymica foi convidada, por um Officio do Sr. Primeiro Secretario, a proceder ao exame de uma agua potavel a pedido do Sr. Antonio Theofilo de Araujo:

A agua, cujo exame se pedio, brota no sitio da Camara, Freguezia de Bellas, em umas terras situadas no valle denominado de *Perciro*.

No logar da vertente não podémos fazer mais do que recolher a agua, de modo que não viesse inquinada por materias estranhas; pois que haviam obras para construir um poço onde se havia de reunir a agua.

A agua é limpida, sem côr nem cheiro, fresca, e de sabor agradável.

Não tem reacção alcalina, mas posta em contacto com a tinctura de tornasol avermelha-a ligeiramente com uma cor avinhada.

Não altera o sulphurato ammonico, nem tão pouco dá precipitado pelo sulphidrico.

Precipita abundantemente a agua de cal e o precipitado redissolve-se em um excesso da agua.

Dá pouco precipitado com o chlorureto de baryo, e acido chlorhydrico.

Tambem precipita pouco pelo azotato de prata e acido azotico.

Os saes soluveis, depois da ebullicão, dão as mesmas reacções com o sal de baryta e o de prata.

Tractada, conforme o methodo sabido, pelo oxalato de ammoniaco e phosphato de soda ammoniacal, indicou a presença de saes de cal e de magnesia.

O liquido, que ficou d'esta reacção, depois de tractado segundo o methodo indicado por Frésenius, não precipitou pelo chlorureto de platina, nem pelo acido carbazotico; mas sim pelo antimoniato de potassa.

Dissolve o sabão.

1 Litro da mesma convenientemente evaporada, deu de materias fixas = $0,312$.

A agua contém por tanto:

Cal no estado de bicarbonato pela maior parte.

Magnesia.

Soda.

(não contém ferro.)

Acido carbonico e sulphurico.

Chloro.

Alguna materia organica que se manifestou no residuo das evaporações; mas em pequenissima quantidade.

A Comissão conclue que é agua potavel de boa qualidade.

Laboratorio da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 8 de Novembro de 1851. — José Alexandre Rodrigues,

Relator. — *Isidoro da Costa Azevedo.* — *Vicente Tedeschi.*
— *José Tedeschi.*

Pelo que, achando a Sociedade este Parecer conforme os preceitos e regras da Sciencia, o approva e toma como seu proprio, mandando-o passar em forma de Consulta.

Em certeza do que, mandámos passar a presente, que vae assignada pela Mesa e timbrada com o Emblema de que usamos.

Lisboa e Sala das Sessões da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 13 de Novembro de 1851; 17.º Anno da sua Instituição. — *Antonio de Carvalho*, Presidente. — *Henrique José de Sousa Telles*, 1.º Secretario. — *Vicente Tedeschi*, 2.º Secretario.

**Processo para se reconhecer a presença do chloroformio;
pelo Sr. Snow.**

O processo que o Sr. Dr. Snow acaba de submitter á Sociedade Medica de Westminster em Inglaterra, para descobrir o chloroformio nos cadaveres, não é mais do que uma modificação do que se publicou no *Jornal de Chymica Medica de Paris*, em Março de 1849. O processo e apparelho de que se serve para estas observações, é descripto da seguinte maneira: o sangue, ou a parte do cadaver, que tem de se examinar, mette-se em uma garrafa munida d'um tubo de vidro curvado em angulo-recto, do qual uma parte se aquece até ao rubro. Um segundo tubo, fixado á extremidade do primeiro, e humedecido interiormente com um soluto de nitrato de prata, se mergulha em um frasco de Woull humedecido tambem com o mesmo soluto. Aquecendo a garrafa, a banho d'arcia, o vapor que se produz passa para o tubo aquecido ao rubro; o chloroformio, se existe, decompõe-se; o chloro e o acido chlorhydrico tornam-se livres, dirigem-se ao segundo tubo, onde formam um precipitado branco, de chlorureto de prata, que ennegrece promptamente ao ar. Assegura-se facilmente da natureza do precipitado, cortando o tubo com a lima e introduzindo-lhe em uma parte, uma ou duas gottas d'acido nitrico, e, em uma outra, algumas gottas d'ammô-

niaco liquido. Operando assim, o Sr. Snow reconheceu distinctamente a presença do chloroformio em dous gatos novos, mortos pela inalação d'este liquido, seis dias depois da sua morte; apesar de terem os animaes estado ao ar, e de que a quantidade do chloroformio, respirado por cada gato, fosse menor que um grão. As partes examinadas foram os intestinos, o estomago, o cerebro, os musculos e as extremidades do corpo. Em todas estas partes elle poudo descobrir o chloroformio. Obteve mesmo um precipitado de chlorureto de prata, operando sobre algumas porções dos musculos pertencentes à perna d'um menino amputado no Hospital de S. Jorge, e que para este effeito tinha sido submettido à inalação do chloroformio. O processo é tão susceptivel, que se tem chegado a reconhecer distinctamente a presença d'um centesimo de grão de chloroformio precisamente dissolvido em mil grãos d'agua. As unicas substancias capazes de produzirem, por este methodo, o chlorureto de prata, são o chlorureto d'ethylo e algumas outras semelhantes ao chloroformio, por sua composição e reacção; e que se vendem mais difficulosamente, e cujo emprego é mais restricto. Existem chloruretos no corpo humano, porém estes não se decompõem abaixo do calor rubro, mas somente quando as materias estão sêccas, em tanto que o processo de que tractamos, e o grau de calor a que os corpos são submettidos, não ultrapasse o da agua fervendo; a materia não se pode seccar, porque a maior parte do vapor produzido se condensa no tubo, e pela disposição d'este recahe na garrafa. O processo não é sujeito a algum erro ou engano, o Dr. Snow recebeu do Sr. John Parrot algumas porções d'intestinos d'uma mulher que se encontrou morta em circumstancias mui mysteriosas. Estas materias, compostas de uma porção de cerebro e de figado, haviãmsido fechadas hermeticamente, e ainda que tidas em ebullição, mediante duas ou tres horas em sua propria sorosidade, não produziram vestigio algum de chlorureto de prata, em tanto que as circumstancias em que o chloroformio occasionou a morte, o precipitado princi-

piou a apparecer no momento em que o calor applicado ao ponto em contacto com a materia, attingio o ponto da ebullição.

(Pharmaceutical Journal.)

H. J. de Sousa Telles.

PHYSICA.

Synopse das observações meteorologicas do mez de Dezembro de 1851, feitas na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa.

Temperatura media da atmosphaera (dentro de casa)	10° R.
" maxima "	12°
" minima "	7°
Maxima variação diurna de temperatura	2°
Pressão media da atmosphaera	762,98 ^{mil.}
" maxima "	772,13
" minima "	746,73
Principaes ventos reinantes	NE. S.
Somma da altura da agua no pluviometro	0,10 $\frac{1}{2}$ ^{pol. linh.}
Dia mais pluvioso 24, agua no pluviometro	0, 6
Grau medio do hygrometro	1°, 2

Centro de Documentação e Observações Farmacêutica

As molestias mais frequentes n'este mez foram as anginas; algumas tomando a forma crupal, e tornando-se lethaes, mormente nas creanças; no que não ha mais do que a confirmação do Aphorismo XXII. da Secção III. d'Hippocrates « *Autumno vero, et plurimi vel aestivi morbi sunt... et anginae...* » Com tudo estas anginas teem todas, ou quasi todas, o caracter especial que notámos na constituição medica dos mezes passados, a secreção especial d'um muco nimiamente viscoso e espesso que incommoda os in-

fermos d'um modo terrivel; e para o qual os bochechos algum tanto detersivos, nos teem parecido muito bons; o tractamento antiphlogistico simples aproveita muito menos. As otites e otorrheas teem tido quasi sempre um caracter inseparavel d'estas anginas; a razão é facil de perceber.

De resto o mez não apresentou cousa alguma de muito especial, que mereça referir-se, ao menos é esta a consequencia da minha clinica, e da minha observação.

Casa no Largo do Caldas, em 31 de Dezembro de 1851.

S.^a Beirão.

HISTORIA NATURAL.

Viagens, herborisações, e hervasios; pelo Sr. J. L. M. Poiret.

Viagens.

« A Botanica, diz Fontenelle no *Elogio de Tournesfort*, não é uma sciencia sedentaria e negligente, que se possa adquirir no descanso e dentro do gabinete, como a Geometria e a Historia, que, quando muito como a Chymica, a Anatomia, e a Astronomia, não exigem senão operações de pouco movimento; ao contrario requer que se percorram as montanhas e as florestas, que se suba pelos rochedos escarpados, e que se não receiem os precipicios. Os unicos livros que nos podem devidamente instruir sobre esta materia, encontram-se espalhados por toda a superficie da terra, sendo por isso necessario resolver-nos á fadiga e ao perigo de os procurar e colligir; d'onde resultapparecerem raras vezes homens eminentes n'esta sciencia. O grau de paixão necessaria para constituir um sabio n'outra qualquer sciencia, não basta para fazer um grande Botanico; e, mesmo com este entusiasmo, torna-se ainda indispensavel uma saúde que possa seguil-o, uma robustez do corpo que lhe corresponda, &c. »

Portanto, somente as navegações e as viagens podem fazer-nos conhecer essas brilhantes produções da natureza,

esses vegetaes numerosos, que, por toda a parte, revestem a superficie do globo, e variam, segundo o clima, sua exposiçao e temperatura: assim, as plantas nascidas debaixo do sol ardente da Africa, não são as mesmas que se encontram na Europa; as da India não se assemelham ás da America; e a bella vegetação dos tropicos desaparece, á medida que avançamos para os géllos dos polos. Que gozo para o Naturalista, transportado longe de sua patria, e que pela primeira vez é surprehendido pelas producções d'um clima estranho! Alli nada se assemelha ao que tem visto, e o que sabe torna-se um termo de comparação para melhor julgar do que observa: não é a mesma terra como a que abandonou; flores inteiramente novas adornam o chão que pisa; a floresta que o recebe, sob suas sombras, não lhe offerece uma unica das arvores conhecidas na Europa. Quantas vezes, no vivo transporte de seu encanto, goza d'antemão do prazer de vêr um dia transpôr estas bellas plantas para entre as do seu paiz natal! Que agradável recompensa de seus trabalhos, quando vir brilhar em nossos jardins essas ricas flores da America ou da India! No meio d'estas ideias beneficis, esquece que um sol abrazador o devora, que a fadiga esgotta suas forças, que esta nova terra está banhada de seus suores: não vê, n'estas indagações, senão as vantagens de sua patria, a perfeição, o augmento da sciencia. Se possuímos hoje mais amplo conhecimento das producções da natureza, se a Botanica tem feito progressos tão rapidos, devemos-los particularmente aos trabalhos, á corajosa intrepidez dos viajantes.

E' pois o Naturalista-viajante um conquistador cheio de nobre ambição, que tem por fim enriquecer seu paiz das producções naturaes de todas as partes do globo. Na elevação de suas ideias, não vê outros limites ás suas conquistas senão os do Universo; e, alentado n'esta vasta empreza pela esperanza do resultado, não conhece fadigas nem perigos. Ainda que, com intenções puras, poderá talvez excitar desconfianças dos povos barbaros, achar-se exposto á sua ferocidade, mas nada o detém; parte para

preencher seus grandes destinos. Não marcha á frente d'um poderoso exercito, ameaçando os povos e os thronos; é apenas um homem pacifico, que não tem outro desejo que o de espalhar beneficios, outra defesa que palavras de paz.

¿ Quem acreditará que, sob este modesto exterior, pode, por suas descobertas, enriquecer vastas provincias, povoar desertos, lançar os fundamentos d'um commercio vivificante, preparar de longe o estabelecimento de uteis colonias, offerecer recursos á industria, riquezas ao trabalho, novos gozos á sociedade? E estas asserções, por mais admiraveis que possam ser, não teem nada de exaggeradas, e são todos os dias confirmadas pela experiencia.

¿ Que actividade não ha desenvolvido, entre grandes nações, a descoberta de especearias, a cultura da amoreira e bichos da seda, a do cafeeiro, da canna do assucar; o commercio do anil, e da cochonilha nutrida pelo nopal; a introdução do milho, da batata na Europa?

Um governo intelligente, cujas vistas previdentes sabem descortinar o futuro, e reportar-se ao passado, poderá bem calcular quanto o estudo da natureza é muitas vezes importante para a prosperidade dos Estados, e quantas vantagens preciosas podem resultar das viagens comprehendidas para os progressos das Sciencias.

¿ Quantos seculos se não teem empregado, nas Artes, na Materia Medica, na Economia, &c., as substancias exoticas, fructos, raizes, as gomas laccas, &c., sem noção alguma das plantas que as forneciam? O que não poderam fazer os negociantes que frequentavam os paizes estrangeiros, conseguiram os Botanicos, provando por suas descobertas, que, muitas d'essas substancias, colhidas com grandes despesas nos paizes longinquos, podiam igualmente ser extrahidas de nossas plantas indigenas, que teem, com as exoticas, relações de genero ou de familia; e assim se conheceu que a violeta da Europa continha, em suas raizes, apanhadas em grande porção, as mesmas propriedades emeticas que a ipecacuanha, a qual pertence ao mesmo genero; que a maior parte de nossos *orchis*

bulbosos podiam fornecer salepo tão perfeito como o do Levante, &c.

Por este modo se diffundiram na sociedade as descobertas do viajante! o sibarita saboreia os fructos mais delicados; espiritos perfumados pelos aromas da India, embalsamam seu palacio; nossos moveis são construidos da madeira mais bella; nossas carruagens brilham com um verniz duravel. Este luxo d'ostentação enriquece as Artes, desinvolve a Industria, e promove o bem estar dos numerosos Artistas que occupa: por outra parte, o habitante dos campos acha, em troca das suas produções, algumas vezes assás mediocres, outras mais abundantes, e frequentemente mais substanciaes. Todos aproveitam d'estes beneficios, e não é raro ser apenas conhecido, o homem que os preparou; ignora-se quantos suores e fadigas custaram a seu auctor; chega-se, algumas vezes, até a olhar com uma especie de reprobção essa nobre paixão que transporta o Botanico longe de seu paiz, para se occupar da indagação de vegetaes estranhos. Seu nome e trabalhos ficam no esquecimento: talvez acontecesse d'outra maneira, se elle podesse, na sua volta, annunciar logo o feliz uso que se pode fazer das plantas que traz; mas é muitas vezes, depois de longos ensaios, que se descobre o emprego das plantas exoticas, cultivadas ou por curiosidade ou para ornamento de nossos jardins. Se são arvores de grande altura, quantos annos não demandam ou antes seculos para as aclimatar e multiplicar! E' preciso enxertar fructos acidos, mas esta tentativa repete-se algumas vezes sem resultado, antes que se possa conhecer que materias lhes convém, a cultura que exigem, e os usos a que se podem applicar.

Assim decorrem muitos annos, durante os quaes o Naturalista está esquecido: em quanto se goza dos fructos de seus trabalhos, seus dias passam na obscuridade, e algumas vezes n'uma mediocridade visinha da indigencia. E' necessario todavia fazer justiça aos sabios de nossos dias: teem achado o meio de perpetuar, tanto quanto lhes tem sido possivel, a memoria de todos aquelles que, por suas viagens

e trabalhos, têm contribuido para alongar os limites da sciencia; seus nomes acham-se ligados ás plantas novamente descobertas. Felizes, se esta homenagem não tivese sido muitas vezes manchada pela adulação, dirigida a entes conhecidos mais por suas dignidades ou nascimento, que por seus trabalhos! Tem-se visto prodigalissima a mesmo a cortezãos titulares, como se as riquezas ou a gerarchia podessem cobrir a prostituição com um véo honroso; ao passo que o nome de sabio, dado ao genio, signal-a os talentos e os serviços, e se torna em outros tantos monumentos preciosos para a historia da sciencia.

Quantas recordações semelhantes vêem augmentar os agradaveis gozos do homem, quando nos bosques as arvores novas que os embelezam lhe lembram os nomes d'aquelles que as descobriram, o transportam aos paizes onde crescem, e lhe pintam as fadigas e os perigos que d'ordinario acompanham semelhantes conquistas! E' pois um tributo bem merecido immortalizar, n'estas chronicas viventes da sciencia, o nome de todos os viajantes que enriqueceram seu paiz de vegetaes exoticos; tributo que devemos pagar-lhes com tanta maior obrigação, que é muitas vezes a unica recompensa de seus longos trabalhos: sendo assim que Linneo poz o nome de *robinia* a essa arvore preciosa, conhecida vulgarmente com o nome d'*acacia*, de *falsa acacia*, introduzida em França por João Robin, no reinado de Henrique 4.º, em o anno de 1600.

Depois d'haver exposto as vantagens que as sciencias e a sociedade podiam tirar das viagens emprehendidas por Naturalistas esclarecidos, devo tambem apresentar algumas reflexões sobre a execução d'estas grandes emprezas; a fim de que na sua volta, o viajante não tenha que arrepender-se de haver desprezado indagações que não pode mais reparar. E' particularmente na mocidade que se faz sentir a paixão das viagens; pois que n'esta idade a imaginação, exaltada pela grandeza do espectáculo do Universo, torna-se susceptivel das mais vivas concepções; e que uma impaciente curiosidade atormenta um mancebo, abrazando-o no desejo de a satisfazer. Esta louvavel

emulação, esta dedicação a um genero de vida tão penoso, podem conduzir ás maiores cousas o coração que d'ellas está penetrado, mas se é bello entregar-se a taes desejos, é ainda mais prudente não o fazer em quanto se não houver chegado a um grau d'instrucção propria a conseguir bom resultado. Importa pois possuir os necessarios dotes do corpo e espirito, sem os quaes o viajante não poderá executar cousa alguma sublime, nem fazer uma ideia de tudo que vir.

O homem que nasceu fraco, debilitado pelos prazeres, acostumado a um genero de vida muito delicada, tornar-se-ha bem depressa enfasiado pelas fadigas inseparaveis de uma longa viagem, e se achará fora do estado de se entregar ás observações que leva em vista; sendo-lhe por isso indispensavel uma saúde robusta, um corpo endurecido pela fadiga, coragem nos perigos, constancia no meio dos obstaculos, e em fim renunciar os seus habitos contrahidos desde a infancia, e que o tempo converteu em necessidades. As viagens na Europa são apenas longos passeios; não succedendo o mesmo nos vastos paizes dos outros continentes, entre essas tribus errantes, muitas vezes mais para temer do que a intemperie de seu clima. O viajante deve conhecer o uso das armas, sobre tudo das de fogo, tanto por sua propria defeza, como para provêr, no caso de necessidade, á sua subsistencia; sendo além d'isso essencial saber nadar, dirigir uma embarcação, cuidar e medicar um cavallo, governar uma carroça, &c.

As disposições d'espirito não são menos necessarias que as do corpo: é necessario, para bem observar, apprender a vêr sem prejuizos, com discernimento e reflexão; a considerar os objectos debaixo de suas differentes faces; e a isto se chega por um juizo recto, pelo costume d'observar a natureza e os homens, com conhecimentos adquiridos pelo estudo e meditação; sendo sobre tudo necessario reprimir qualquer inclinação para a libertinagem. E com effeito, o homem não existe sem paixões; mas a que deve dominar no viajante é somente a ambição das

descobertas e dos conhecimentos uteis, porque se alguma outra alterasse a serenidade de sua alma, afastal-o-hia do fim de sua viagem. A experiência nos ensina que todo aquelle que olha os objectos, com o coração possuido d'uma paixão a elles alheia, os vê quasi sempre mal; por que os vê com ligeireza e distracção: as affecções profundas lançam-nos no estado d'abatimento, que conduz á melancolia, e nos torna insupportavel tudo que não toma o caracter de nossos pensamentos.

Uma imaginação assaz exaltada, pode ainda lançar-nos em muitos erros, que aliás se evitarão todas as vezes que o juizo lhe regular os movimentos: convém certamente que a imaginação ponha em acção nossas faculdades intellectuaes, mas ella não deve nunca exaggerar os objectos, antes importa vê-los taes e quaes são, com o golpe de vista severo da observação. Os prejuizos nacionaes são outra origem d'erros, que nos fazem mal julgar os povos que visitamos; taxando mui levemente de barbaras e desgraçadas as Nações que não teem os mesmos habitos e costumes que nós; como se a felicidade não podesse penetrar, e até mais facilmente, na choupana do selvagem, que nos palacios da opulencia!

Não tenho apresentado estas reflexões, senão porque as indagações dos Naturalistas raras vezes se limitam aos objectos d'Historia Natural, e porque os costumes, os usos, o governo das Nações, devem igualmente fixar sua attenção; mas como as plantas fazem o principal assumpto do Botanico, accrescentarei algumas ponderações sobre a maneira de proceder ás indagações, e sobre os meios de conservar e transferir para a Europa as sementes colhidas.

(Continúa.)

J. D. Corrêa.

REVISTA DOS JORNAES.

O Redactor da Gazeta Medica do Porto. — Felizmente é falso o boato que se espalhou em Lisboa de ter fallecido o sabio e erudito Redactor da Gazeta Medica. O engano proveio de uma tal ou qual similhança entre os nomes d'este nosso Collega e d'um outro cuja morte veio annunciada no Braz Tisana. Recebemos o n.º 240 da Gazeta, no qual o Sr. João Ferreira publicou um artigo seu e promette outros para depois de Janeiro. Folgâmos de poder dar esta boa nova aos nossos Collegas, que, como nós, lamentavam a perda d'um dos mais sabios Cirurgiões da epocha.

Reagente do enxofre. — Todas as substancias, que contem enxofre, calcinadas com um carbonato de soda, e com o carvão ou sem elle segundo a desoxydação o exige, produzem um sulphureto alcalino. Junctando ao liquido, que provém da lixiviação do residuo da calcinação, uma gotta de *nitroprussiato de potassa*, manifesta-se logo uma bella cõr purpurea que denuncia o enxofre. O emprego d'este reagente para o enxofre é devido ao Sr. Bailey. O Jornal de Ph. de Londres colloca este ensaio pelo *nitroprussiato de potassa* entre os mais empregados na analyse pelo maçarico. Diz mais, que por elle se pode chegar a descobrir a mais pequena quantidade d'enxofre na albumina coagulada, no corno, nos grãos de mostarda, &c., calcinados, convenientemente, com o maçarico sobre uma lamina de platina. Um so cabello de tamanho menor que uma pollegada deu ao Sr. Bailey, por este processo, a cõr purpurea caracteristica. (*J. de Chimie Médicale.*)

Preparação da morphina. — O Sr. Roder, Pharmaceutico, dá o seguinte processo para se preparar a morphina. Concentra-se, por evaporação, o extracto aquoso d'opio, e mistura-se com o chlorureto d'estanho até que se não forme mais precipitado. Deixa-se repousar; decan-

ta-se o liquido claro, lava-se o precipitado, junctam-se as aguas da lavagem ao liquido primitivo, e lança-se-lhes ammonia; faz-se digerir com o ether o precipitado que resulta, para separar a narcotina; logo que se julga estar esta separada, tracta-se o residuo pelo alcohol até que o liquido não venha amargoso. Distilla-se então uma porção do alcohol, e a morphina se deposita crystallizada. (*J. de Chimie Médicale.*)

Opio portuguez. — O Sr. A. Chevallier publicou um artigo no *Journal de Chimie Médicale de Pharmacie et Toxicologie* em que combatte com fortissimas razões a opinião dos seus collegas da Academia de Medicina, que refutaram a indicação por elle feita á mesma Academia, para que a cultura do *papaver* em França fosse animada, visto produzir um opio tão rico em morphina como o exotico; e para que o opio estrangeiro fosse avaliado (*titré*) antes de ser empregado pelos Pharmaceuticos nas preparações opiaceas. Para fundamentar as suas razões allega o Sr. Chevallier as analyses de Ball, na Inglaterra; de Arnot, na Escocia; de Bretonneau, em Chenonceaux; de Savaresi e Saxe, em Napoles; de Mérat et Delens ácerca do opio de Auxerre; de Pestandra, &c. &c. Sentimos que o nosso Collega não tivesse noticia dos *Ensaiois practicois sobre o opio portuguez* feitos pelo Dr. Bernardino Antonio Gomes e publicados no tomo 5.º da 1.ª serie do *Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*, que vem em apoio da opinião do Collega.

Ventosas de novo genero. — Na sessão da Academia de Medicina de Paris apresentou o Sr. Blatin uma ventosa de caoutchouc vulcanizado, a que deu o nome de *ventouse á refoulement*. Substitue as ventosas em que a rarefacção do ar se obtem por meio de uma bomba, ou pela combustão do alcohol, ou da estopa. Assenta-se o bocal sobre a pelle comprimindo com os dedos as paredes flexiveis; e, depois de bem ajustada á parte em que se quer operár, deixa-se de comprimir as paredes, que, obedecendo á sua força expansiva, se elevam, e fazem o vacuo de uma maneira sufficiente para que tenha lugar

2.ª Serie, T. III. — N.º 1.

uma sucção energica. A figura que L'Abeille apresenta é semelhante a uma borrachinha, das que se usam para as injecções, cortada pelos dous terços da parte mais dilatada. Recomendamos este instrumento aos nossos Collegas, Norberto e Vicente Leitão, cujos trabalhos n'este genero são geralmente apreciados.

Esporão de centeio. — O Sr. Viel propõe como meio de pulverisar facilmente o esporão de centeio, e de o conservar por annos sem alteração, o seccal-o na estufa, e pulverisal-o com o dobro do seu peso de assucar de primeira qualidade, e conserval-o em pequenos frascos de bocca larga rolhados a esmeril. Nós preferimos empregar o esporão do mesmo anno, e pulverisal-o quando tem de se applicar.

Sousa Telles, Junior.



PECAS OFFICIAES.

Officio da Sociedade, dirigido ao Conselho de Saúde Publica do Reino, ácerca de drogas falsificadas e apprehendidas em Evora.

Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — 16.º Anno. — N.º 127.

Ill.º Sr. — Havendo um dos nossos Sub-Delegados, em Evora, remettido á Sociedade varias substancias medicinaes, que se julgaram falsificadas, e que alli foram apprehendidas a diferentes vendilhões, ella as mandou examinar pela sua Commissão de Pharmacia, cujo Parecer com o Officio do mesmo Sub-Delegado e parte de cada uma das substancias examinadas, tenho a honra de remetter a V. S.ª para que o Conselho de Saúde Publica do Reino, tomando conhecimento do facto, dê as providencias que julgar convenientes, ácerca dos objectos, que se conservam apprehendidos n'aquella Cidade.

Deus Guarde a V. S.ª Lisboa e Secretaria da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 10 de Março de 1851.

— Ill.^{ma} Sr. Dr. *Matheus Cesario Rodrigues Moacho*, Dignissimo Fiscal do Conselho de Saúde Publica do Reino.
— Henrique José de Sousa Telles, 1.^o Secretario.

*Parecer da Commissão de Pharmacia, a que se refere
o Officio supra.*

SENHORES! — A' Commissão de Pharmacia foi remetido uma condeça, com varias drogas, vindas d'Evora, para dar o seu Parecer.

N.^o 1. Um embrulho com varias cascas chatas e enroladas, sem cheiro, muito friaveis, algum tanto amargas, que parece pertencerem á qualidade chamada no commercio *quina humalis*, e que talvez ja foram tractadas por decocção, e por isso muito ordinaria.

N.^o 2. Uma porção de raiz de rhapsontico, ordinaria, ja furada, e que vem designada como raiz de rhuibarbo.

N.^o 3. Uma pequena quantidade de uma substancia resinosa, alvadia, sem cheiro, e com um gosto resinoso, que parece ser devido á mistura de uma pequena quantidade de escammonéa, e de grande porção de resina de pinho. Na relação que acompanha as drogas traz o nome de escammonéa.

N.^o 4. Um vidro de sulphato de quinina, de chapa de Pelletier, que logo se vê não ser do dito Auctor, por ser muito pequeno o vidro. A substancia que tem dentro, tractada pelo acido sulphurico, deu uma côr róxa; indicio de ser uma grande parte salicina.

N.^o 4, a. Outro vidro de sulphato de quinina, tambem de chapa de Pelletier, a qual bem como o vidro, se reconhece serem falsos. A substancia que tem dentro, projectada nas brazas dellagra, phenomeno que não acontece com o verdadeiro sulphato; tractada pela agua distillada, e filtrado o soluto, deu, pelo sulphato de ferro puro, côr purpurina, do que conclue a Commissão ser uã mistura d'algum sulphato de quinina, e nitrato de potassa.

N.º 4, b. Um vidro que parece dos verdadeiros do sulphato de Pelletier, e que dentro tem um pó amorfo, amargo, leve e que parece ser sulphato de quinina, misturado talvez com mannita; pelo residuo carbonoso que deixou, e pelo precipitado que deu pela agua de baryta.

N.º 5. Um pequeno pão, com o nome d'opio, muito duro, partido, escuro por dentro, e liso, quasi sem cheiro, com gosto que lembra o do extracto d'alcaçú, com que parece estar falsificado, tendo o aspecto do opio d'Alexandria; talvez seja o opio que já foi privado da morfina, o que a Commissão não verificou por não estar habilitada com os devidos reactivos, e por ser isto mais da competencia da Commissão de Chymica.

N.º 6. Uns poucos de pães, de uma substancia extractiva, que vem com o nome de extracto de quina, e que pelo gosto e cheiro que tem, parece serem uã mistura d'extracto d'alcaçú com aloes hepatico.

N.º 7. Uma pequena porção de um extracto, que parece ser extracto d'alcaçú falsificado com assucar queimado.

Em conclusão, a quina é muito inferior; a raiz que traz o nome de rhuibarbo, é o rhapontico velho e ordinario; a escammonéa, parece ser uã mistura de grande parte de resina de pinho e pequena porção da dita escammonéa; os tres vidros de sulphato de quinina, são todos de qualidade incapaz, e que se deve rejeitar; o opio, nas mesmas circumstancia está; os extractos são de tal natureza que se devem junctar ao resto das drogas e serem todas inutilizadas.

Gabinete da Commissão de Pharmacia, em 20 de Janeiro de 1851. — Francisco Antonio Alves d'Azevedo, Vice-Director.

Officio da Sociedade, endereçado ao Conselho de Saúde Publica do Reino, acerca dos abusos de Policia Medica aconfectados em Bucellas.

Ill.^{mos} Srs. — A Sociedade Pharmaceutica Lusitana tem a honra d'apresentar a V. S.^{as} a inclusa copia d'uma

participação sobre abusos de Policia Medica, a fim de que V.^{as} S.^{as} tomando-a na devida consideração, mandem proceder como julgarem conveniente a bem da Saúde Publica. Deus guarde a V.^{as} S.^{as} Lisboa, e Secretaria da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, em 11 de Julho de 1851.
= Henrique José de Sousa Telles, 1.^o Secretario.

Officio a que se refere a Correspondencia supra.

Ill.^{mo} Sr. — Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. S.^a um facto de que tenho sido victima, a fim de que V. S.^a, levando-o ao conhecimento da Sociedade, ella proveja de remedio prompto, conforme o caso requer.

Ha dous charlatães denominados Cirurgiões, um em Louza chamado Firmino Ezequiel de Menezes, conhecido pelo Cirurgião = Pereira =, e outro na Cabeça conhecido pelo Cirurgião = Pinto = chamado Francisco Rodrigues Seixas; aquelle foi Ajudante do Hospital, e este não passou do 2.^o anno, apesar de andar lá mais de seis annos, até que foi expulso. Contra estes sujeitos representou o Cirurgião d'esta Terra, Antão Pereira da Silva, nos fins do anno proximo passado, e em consequencia d'esta representação creio que tiveram ordem de prisão, mas o tempo que tudo encobre protegeu estes Srs, e eis que tornam a apparecer como d'antes; e para que o Cirurgião d'esta Terra ignore onde vão vêr os doentes, recommendam que não vênham á minha Botica buscar remedios, isto com varios pretextos, com o fim do Cirurgião não vêr as receitas, e com grave descredito meu e perca nos meus interesses. O tal Pinto este mez creio que a 12, foi a casa de um doente chamado Joaquim Serra, que estava nos paroxismos da morte, e ja desenganado por tres Facultativos legaes, fez-lhe um receituario que foi aviado na Cabeça, obrigando o criado da casa a acompanhal-o para esse fim, cujo receituario custou 1\$830 réis; ganhou 1\$440 réis, e mandou chamar o Medico a Azueira, que veio ganhar 7\$200 réis, e no caminho disse ao criado que o amo estava morto, e que poucas horas podia durar!!! Isto além de ser char-

latanismo, é mais alguma cousa, porque effectivamente o homem morreu passadas poucas horas, e a pobre viuva foi sobrecarregada com estas despesas sem fructo algum.

A' vista do exposto espero que a Sociedade, sempre solícita pelo cumprimento dos seus Estatutos, representará ao Conselho de Saúde n'este sentido, podendo mesmo referir-se á representação a que alludi.

Deus guarde a V. S.^a Bucellas, em 27 de Junho de 1851. — Ill.^{mo} Sr. 1.^o Secretario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — *Carlos Maria Monteiro Freire.*

—
Extracto das Actas das Sessões Litterarias.

Acta n.^o 432, de 11 de Dezembro de 1851.

Presidencia do Sr. A. Carvalho.

Pelas 6 horas da noite foi aberta a Sessão, lida e approvada a Acta da antecedente.

O Sr. 1.^o Secretario deu conta da correspondencia e dos objectos doados; e participou haver fallecido o nosso Consocio Instituidor, o Sr. Antonio José Moniz. — A Sociedade recebeu com grande sentimento esta tão triste noticia.

O 2.^o Secretario fez a leitura da Acta da ultima Sessão do Conselho Administrativo.

O Sr. J. A. Rodrigues fez uma proposta de Candidato para Membro Correspondente Nacional; a qual foi approvada, e admittido, com as formalidades do Regimento, o Sr. Antonio Carlos de Sousa, Pharmaceutico em Beja.

O Sr. J. Tedeschi propoz que um dos Membros Contribuintes fosse admittido na Classe de Correspondente Estrangeiro. — Foi remettida para a Commissão de Direito Pharmaceutico.

O Sr. Telles Junior, como Director da Commissão d'Historia Natural, leu o Parecer ácerca da planta que nos tinha sido remettida pelo Sr. Rebocho, nosso Consocio re-

sidente nas Caldas da Rainha. — Ficou para segunda leitura.

O Sr. J. D. Corrêa lembrou a utilidade de pôr-se em vigor a deliberação da Sociedade, sobre a iniciativa concedida á Mesa de apresentar questões scientificas para discussão.

O Sr. Telles Junior apoiou esta lembrança, e chamou a attenção dos Socios presentes sobre dous factos, que, não sendo de muita importancia, não deixavam de ter algum interesse; e vinham a ser: que acontecia á limonada de citrato de magnesia tornar-se algumas vezes muito densa, o que ja tinha sido verificado por mais alguns Collegas; que um outro Collega lhe tinha dito que lhe acontecera ter um pouco de sulphato de quinina exposto ao sol, e tornar-se-lhe avermelhado; e que era importante indagarem-se as causas d'estas mudanças.

Depois de mais alguns Socios fallarem sobre o que acabou d'expôr o Sr. Telles Junior, deliberou a Sociedade que, ácerca do primeiro facto, fosse incumbido de dar o seu parecer o mesmo Sr. Telles; e, em quanto ao segundo, o Sr. M. V. de Jesus.

O Sr. J. Tedeschi disse que tendo sido eleito Deputado um nosso Collega, propunha que a Mesa o fosse comprimentar por parte d'esta Sociedade. — *Approvado.*

O Sr. J. D. Corrêa addicionou, á proposta do Sr. Tedeschi, que a Mesa igualmente comprimentasse os nossos Consocios que foram eleitos Deputados. — *Approvado.*

A's 7 horas e meia fechou o Sr. Presidente a Sessão.

Vicente Tedeschi,

2.º Secretario.

da Ordem dos ~~Pharmaceuticos~~ Farmacêuticos

ABUSOS DE POLICIA PHARMACEUTICA.

Ill.^{mo} Sr. — Terminarei participando a V. S.^a para o fazer presente á Sociedade, que a Policia Sanitaria n'esta Ilha está de tal sorte abandonada, que até os Jornaes, alheios a qualquer dos ramos da Arte de Curar,

d'isso criticam. Por toda a parte, inclusivamente pelas ruas, se vende arsenico, e purgantes de sal. Nas Lojas de Merceria vendem-se por grosso e miudo purgantes de sal, oleo de ricino, manná, oleo d'amendoas, verdete, noz vomica, gomma arabica, &c.; o peor é que tudo isto está de mistura!!! Requer-se a quem compete, não se dão providencias; e ainda em cima se fica mal com quem se queixa!

Ainda ha pouco esteve aqui a Botica d'uma Misericordia administrada por um Practicante de Pharmacia, que so tinha 18 mezes de practica, e essa tão má que o Pharmaceutico aonde practicava o expulsou! E' por isso que se envenenam vulgarmente as pessoas, sem que muitas vezes se proceda contra taes envenenamentos.

Faça V. S.^a sciente de tudo quanto tenho expendido á Illustre Sociedade, de que é digno Secretario, para vêr se, d'algun modo, pode, ainda que não seja d'uma vez, obter que se remedeem tantos males; e do resultado rogo me faça sciente. Deus Guarde a V. S.^a Ribeira Grande na Ilha de S. Miguel, em 10 de Dezembro de 1851. = Ill.^{mo} Sr. Henrique José de Sousa Telles, Primeiro Secretario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — Antonio d'Oliveira Moraes, Delegado da mesma Sociedade.

Ill.^{mo} Sr. — Rogo a V. S.^a queira apresentar á nossa Sociedade a exposição do seguinte facto, bem como dar-me conhecimento de sua judiciosa resolução a semelhante respeito.

Acha-se estabelecido, ha muitos annos, n'esta Villa um Collega nosso, que se propoz a avançar-se com os povos circumvisinhos, fornecendo-lhes os medicamentos necessarios a troco de meio alqueire de pão de centeio por cada cabeça familiar; augmentando os proselytos de tão illusorio monopolio sensivelmente, com grave prejuizo dos mais Collegas, que timbram da dignidade de nossa profissão, e observancia da Lei.

Convencido de que este facto é um abuso scandaloso

das Leis sanitarias, além de prejudicar os interesses dos mais Collegas, e querendo obrar com prudencia, resolve-me a expôr-lhe pessoalmente, em sua casa, a illegalidade de semelhante mercancia; e outras muitas considerações, que tinham por fim resolver-o a por-lhe termo, para não ser forçado a disputar-lhe um abuso que nenhuma Lei garante para obviar sophisticções.

Debalde empreguei todos os recursos da razão, insistindo elle pertinazmente em « que não havia Lei que lhe prohibisse a avença com os povos; que a Taxa é unicamente para não exorbitar dos preços n'ella exarados; e que apresentando aos avençaes as receitas legalmente sommadas, ninguem podia vedar-lhe este acto de phylantropia a beneficio do publico, que era o seu fim.» E' uma evasiva contra producente em vista d'outros factos que demonstram assás d'avareza n'um homem que, a par da maxima clientela pharmaceutica, mais pelas tretas do que pelas letras, possui uma avultada fortuna em bens de raiz.

N'estas circumstancias, e porque ha aqui um Advogado que opina a seu favor, intendi que devia levar este facto ao conhecimento da nossa Sociedade, não so para me illucidar n'este caso, mas para impetrar do Governo de Sua Magestade, ou, sendo sufficiente, do Conselho de Saúde Publica, as convenientes disposições; para vedar o monopolio em questão, que tem tanto de illicito como de prejudicial á humanidade inferma.

Mas se por ventura a Lei estiver obscura n'esta parte, lembrava a V. S.^a a conveniencia de submetter a sua interpretação á consulta da Benemerita Associação dos Advogados d'essa Capital. Deus Guarde a V. S.^a Mirandella, em 21 de Dezembro de 1851. = Ill.^{mo} Sr. Henrique José de Sousa Telles, 1.^o Secretario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. — José Silverio Rodrigues Cardoso, Delegado da Sociedade n'esta Comarca.

DIVERSIDADES.

Eschola de Pharmacia e Cirurgia em Braga.

Nas Memorias para a historia da vida do Veneravel e sabio Arcebispo de Braga, D. Fr. Caetano Brandão, publicadas em 2 volumes no anno de 1818 em Lisboa, encontrámos as seguintes passagens que utilisaremos na Historia da Pharmacia em Portugal, que estamos escrevendo, e que de certo agradarão aos nossos leitores, não só pelo que encerram, mas por serem escriptas pela propria mão de um Prelado, que a todos os respeitoes se pode chamar exemplar de Bispos.

«Recolhido á Cidade (falla o compilador das cartas do Veneravel Arcebispo) continuou infatigavelmente nos seus trabalhos pastoraes, que abrangiam a todos os ramos, não só aos que se dirigiam immediatamente ao bem das almas, mas geralmente ao bem publico, como foi a creação d'uma Aula de Chirurgia, cujo plano mostra o methodo, e sciencia, com que é regulado um curso de cinco annos; para cujo exercicio e desempenho mandou vir os livros necessarios, instrumentos, um bom esqueleto, e ficou concorrendo com tudo o que se fizesse preciso para manter tam util estabelecimento. (Tomo 2.º pag. 402.)»

«Pelo requerimento incluso (falla o Arcebispo) verá Vm. o arbitrio, que excogitei a fim de dar sahida a alguns dos meus Orfãos, que já estão nos termos. Não lhe parece ajustado? Acho um lindo Medico, que tendo feito os seus Actos na Universidade com geral approvação, com a mesma principia a exercitar aqui as funcções da sua arte: consigno-lhe ordenado de cem mil réis; e entra a ensinar doze meninos do Seminario, além d'outros de fora; e diz elle que os Rapazes dam as mais bellas esperanças. Mas isto de que serve sem a providencia mencionada no Requerimento? Vem logo o Proto-Medicato, e lança tudo pelos ares. Queira pois Vm. fallar a N. com empenho, pa-

ra que elle patrocine este negocio, que bem sabe que não é meu mas do Publico; advertindo-lhe que em todo o Arcebisado, sendo tam vasto, não ha outra Aula d'esta natureza; e por isso experimentam os Povos tam grande falta de quem os cure conforme as regras; pois de ordinario só acham sarrafações ignorantissimos.»

Requerimento.

«Representa a V. Alteza Real o Arcebispo Primaz que tendo estabelecido na Cidade de Braga um Seminario de educação dos meninos Orfãos, expostos e desamparados, em que já se recolhem e ensinam 150 não só nos precisos Dogmas da nossa santa Religião, mas nas regras da urbanidade Christã, na obediencia, e respeito, que é devido a Deus, a Vossa Alteza Real, e aos outros legitimos Superiores; aprendem todos a ler, escrever, e contar; muitos a Grammatica Portugueza, e Latina; os principios de Rhetorica, Phylosophia, e Geometria; alguns o Dezenho; outros a Pintura; outros a Musica; e d'elles sahe um grande numero (depois de examinados e conhecida a sua inclinação) para officios mechanicos: pensando porém o supplicante quanto seria util á humanidade fazer instruir methodicamente alguns na Arte da Chirurgia; pois com este meio se acudirá á necessidade de muitos povos, principalmente das Aldéas, e outros Logares, onde não ha Medico, se utilizarão os Hospitaes; e se dará um officio ao Moço desamparado; por isso fez abrir já em Outubro do anno passado de 1798 uma Aula da dita Faculdade não só para os Alumnos do Seminario, mas para os de fora, que se quizerem aproveitar; comprou livros facultativos, instrumentos, e mais cousas necessarias para as operações anatomicas, que já costumam fazer no Hospital; sendo o seu designio, que se adoptasse n'esta aula o plano incluso (1). Mas porque um tam util estabelecimen-

(1) Não encontrámos o plano a que o Arcebispo se refere n'esta carta, porém diligenciámos obtel-o, bem como mais esclarecimentos ácerca d'este assumpto.

to nunca poderá corresponder aos seus fins sem a Approvação e Protecção de Vossa Alteza, pede, &c. (Carta de 21 de Fevereiro de 1799. Tomo 2.º Pag. 428.)

« Ahi remetto (escreve o Arcebispo) novas copias do Plano e Representação, relativos á Aula de Chirurgia, que tenho instituido para os meus Orfãos: queira Vm. apresental-os ao Ex.^{mo} Marquez Mordomo Mór, pedindo-lhe que me ajude a conseguir de Sua Alteza esta singular mercê que será na verdade de grande vantagem para o Publico, do que já vam apparecendo bons signaes no progresso notavel, que mostram os meninos aprendizes, frequentando as curas do Hospital. (Carta de 13 de Novembro de 1800. Tomo 2.º Pag. 461.)

«..... Assim joeirados os que dam melhores esperanças (estudantes Orfãos), fazem-se applicar á Grammatica Latina, Rhetorica, Phylosophia, e Theologia; alguns á Musica, ao Risco, á Pintura, e Escultura; outros em fim á Farmacia, e á Chirurgia; que de tudo isto ha Mestres no Seminario.

«..... Ahi acabam agora de sahir d'elles dez Alumnos com as suas Cartas de Chirurgia, em que fizeram avultados progressos, segundo o testemunho dos Professores; e vam substituir a tantos outros, de que abunda a Provincia, que por falta de principios não servem talvez senão de matar gente. (Em uma resposta que em 1802 deu ao Nuncio Calepi, residente em Lisboa. Tomo 2.º Pag. 556 e 557.)»

Sousa Telles, Junior.

SAÚDE PUBLICA.

Envenenamento pelo phosphoro, meios para o combatter;
pelo Sr. E. Cottercau, Chymico.

Quando se der o caso d'envenenamento pelo phosphoro, e que o veneno fôr tomado no estado solido, o meio que convém seguir, para destruir seus prejuizos, é administrar 10 a 15 centigr. (2 a 3 grãos) d'emético, com o fim d'o fazer vomitar antes que tenha tempo d'actuar, ou ao menos antes que produza algum symptoma notavel. Se o phosphoro foi tomado n'um grande estado de divisão, podem-se tirar grandes vantagens do methodo, que consiste em o doente tomar o mais promptamente possivel uma quantidade consideravel d'agua, tendo em suspensão a magnesia calcinada. Esta practica tem tres resultados: 1.º, impedir que o phosphoro arda no ar, contido no estomago, pelo effeito da deslocação, operada pela agua; 2.º, provocar o vomito, alargando consideravelmente este orgão, sem augmentar a irritação, que a substancia venenosa possa ja ter produzido; 3.º, em fim, saturar os acidos do phosphoro que se possam ja ter formado, e impedir de corroerem os tecidos com os quaes elles estão em contacto.

Como nos casos urgentes não se tem sempre a magnesia á mão, a agua de sabão, a lixivia das lavagens, e uma agua alcalisada, como a que se obtem pela lavagem com a cinza de fogão, podem empregar-se com successo. Pode-se mesmo, aproveitando a propriedade que os acidos possuem de coagular a albumina, fazer uso da agua que contenha a mais forte proporção possivel d'este principio. E igualmente se tem louvado o emprego da agua-fervida e resfriada fora do contacto do ar; este liquido apresenta a dupla vantagem de não levar ao phosphoro algum elemento de combustão, e de determinar mais facilmente o vomito.

Se, apesar de todos estes meios, acontecer que a in-

2.^a Serie, T. III. — N.º 2. 6

flammação das primeiras vias se manifeste, ou que o doente seja preza dos symptomas nervosos d'afflicção, é mister recorrer, sem demora, aos antiphlogisticos os mais poderosos.

As publicações alemães, as mais recentes, nos dão a noticia de que um Chymico Alemão, o Sr. Dulos, recommendou um novo antidoto nos casos d'envenenamento pelo phosphoro. Este contraveneno é o hypochlorito de magnesia, que se obtém misturando uma parte de magnesia calcinada com oito d'agua chlorada. Eis a formula adoptada pelo Auctor, para preparar este medicamento :

Magnesia calcinada	2 gram.	20
Agua chlorada	17	„ 50
— distillada	122	„ 50

Mistura-se e agita-se antes de cada dose, para pôr em suspensão a magnesia que está no estado livre.

Os Srs. Dulos e Béchert emprehenderam uma serie d'experiencias em cães para provar os bons effectos d'este preparado; e os ensaios d'estes dous practicos foram sempre coroados de successos, quer o phosphoro se tenha administrado solvido no oleo, quer se tenha incorporado com a farinha.

(*L'Abeille Médicale.*)

P. J. da Silva.

PHARMACIA.

Balsamo contra as friciras, pelo Sr. Debierre.

Tinctura de quina	} aa 15 gram.
Acetato de chumbo liquido	
Balsamo do Commendador	} aa 30 „
Laudano de Sydenham	
Oleo camphorado	
Agua de cal	

Misturam-se estas substancias, e com este linimento se untam pela manhã e á noute as partes affectadas, co-

brindo-as de panno branco, se as frieiras não estão ulceradas; mas, no caso contrario, tractam-se com papel joseph untado do mesmo linimento. Quando esta molestia apparece nas mãos, convém o uso de luvas de pellica.

(*L'Abeille Médicale.*)

— *Corréa, Junior.*

Linimento contra as frieiras; pelo Sr. MARCEL.

Aguar-ardente camphorada . . .	}ãa 60 gram.
Vinho de quina	
Iodureto de potassio	4 „
Laudano de Rousseau	4 „

M. S. A. Emprega-se em compressas, de manhã e á noute, sobre as frieiras não ulceradas; e, no espaço de alguns dias, curam-se completamente.

Xarope de Tolu; pelo Sr. MARCEL.

Bastantes formulas teem sido publicadas; todas dão um xarope aromatico e muito agradável, porém é longa a preparação. Operando da seguinte maneira obtem-se o mesmo resultado e com muita facilidade:

Xarope commum fervendo	2 kil.
Balsamo de Tolu	125 gram.

Deita-se o xarope fervendo no balsamo de Tolu, tapa-se o vaso, deixa-se em contacto por espaço de 6 horas, agitando-se de vez em quando, e filtra-se.

N. B. O balsamo de Tolu pode servir muitas vezes.

Preparação do xarope purgativo de jalapa; pelo Sr. VIEL.

Jalapa pulverisada	80 gram.
Alcohol de 10°	300 „
Assucar ligeiramente pulverisado ..	300 „

Põe-se a jalapa e o alcohol em um balão, faz-se digerir por espaço de 5 a 6 horas a brando calor (30 a 40 graus), coa-se, filtra-se, e ajuncta-se o assucar; quando este ultimo estiver derretido, passa-se pelo coador, aromatiza-se, e conserva-se para uso. Este xarope, de um

gosto agradável, purga bem as crianças, e toma-se na dose de uma a duas colheres de sopa.

(*Répertoire de Pharmacie.*)

Corréa, Junior.

Remédios febrifugos alemães.

Tinctura febrifuga de Warburg.

Com este nome emprega-se na Alemanha, principalmente na Austria, um preparado que goza de grande reputação febrifuga, e cuja composição, segundo os trabalhos de Pach, Azelt, e Bikert, seria a seguinte:

Azevre hepatico.....	4 gram.
Raiz de zedoaria.....	4 „
„ d'angelica.....	0,10 centigr.
Camphora.....	0,10 „
Açafrão.....	0,15 „
Alcohol rectificado.....	100 gram.

Faz-se digerir, e ajuncta-se á alcoholatura, por 100 gram.:

Sulphato de quinina..... 2 gram.

Toma-se na dose de 20 gram. por dia.

Tinctura febrifuga, usada no Hospital de Vienna.

Azevre.....	45 gram.
Camphora.....	6 „
Cascas de laranja.....	250 „
Raiz d'enula campana.....	250 „
Alcohol rectificado.....	7,500 „

Faz-se digerir por espaço de 8 dias, e ajuncta-se ao liquor coado:

Sulphato de quinina.....	125 gram.
Alcohol rectificado.....	75 „
Laudano de Sydenham.....	45 „

Mistura-se, e filtra-se. O doente tomará 8 gram. d'esta tinctura antes do accesso.

(*Buchner's Répertoireum.*)

Corréa, Junior.

HISTORIA NATURAL.

Parecer da Comissão d'Historia Natural ácerca d'uma planta e sementes d'um vegetal, denominado "Vomitorio-purgante."

SENHORES! — A vossa Comissão d'Historia Natural recebeu, no dia 2 de Novembro, um Officio do Sr. 2.^o Secretario acompanhado d'uma planta sêcca, de dous embrulhos, contendo sementes da mesma, e do extracto d'uma carta do nosso Collega José Maria Rebocho, Pharmaceutico nas Caldas, no qual este Sr. pedia se lhe indicasse o nome scientifico d'aquelle vegetal, conhecido, no Logar do Pinhal, pelo nome de = Vomitorio-purgante =, e como tal empregado em emulsão feita com dez a doze sementes para uma criança, e vinte e quatro para um adulto.

A Comissão, examinando a planta, reconheceu ser a = *Euphorbia Lathyris* de Linneu, da dodecandria trigynia, e da familia das euphorbiaceas. Esta planta, conhecida vulgarmente pelos nomes de = *Tartago* ou *Catapucia menor* =, tem os caracteres seguintes:

Caule dicóthomo. Folhas sessis, oppostas, imbricadas em quatro direcções, lanceoladas e integerrimas. Umbella de quatro raios forquilhaes. Capsula quasi redonda, triangular, rugosa, de côr acinzentada, com tres cavidades, cada uma das quaes encerra uma semente. Sementes ovadas, obtusas d'ambos os lados, do tamanho das do canhamo, e sulcadas longitudinalmente de um lado; uma das extremidades apresenta ùma elevação orbicular, branca, crenada na margem; amendoa branca, muito oleosa, contida em um episperma delgado e quebradiço.

E' biannual; floresce em Maio e Junho, e é desprovida de cheiro, e quasi insipida; as sementes são acres e corrosivas.

Encontra-se, espontanea, proximo das povoações, na Extremadura, e cultiva-se em alguns jardins.

Das sementes d'esta planta extrae-se um oleo fixo, ou reduzindo-as a pasta e expremendo-as, ou tractando a pasta pelo alcohol, ou pelo ether, e evaporando o dissolvente. Este oleo é branco, transparente, e muito oxygenavel, pelo que se deve obter pouco tempo antes de fazer d'elle uso. Priva-se do principio acre lavando-o em agua a ferver acidulada com o acido sulphurico.

Os Auctores de *Materia Medica* consideram-o violento purgativo e emetico. O Sr. Guibourt diz que das sementes d'esta planta, outr' hora chamadas *Grana regia minora*, se extrae um oleo, succedaneo do de *Croton tiglium*, que purga na dose de oito gottas. O Sr. Dr. Albano, na sua *Pharmacographia*, aconselha-o como tal, e na mesma dose em emulsão arabica.

A vossa Commissão podendo limitar-se a apresentar so o nome da planta em questão, e a indicar os livros que d'ella tractam, julgou conveniente ser mais explicita, não so porque certas obras são raras nas provincias, mas especialmente para assim estimular todos os nossos Collegas para estabelecerem estas correspondencias scientificas com a Sociedade, para as quaes a actual Commissão d'Historia Natural estará sempre prompta, e de que resultam muitos bens.

Gabinete da Commissão d'Historia Natural, em 21 de Novembro de 1851. — *João José de Sousa Telles*, Director. — *José Pereira d'Azevedo*, Vice-Director. — *Sebastião Athanazio Estanislau da Silva*, Vogal.

Noticia resumida da *Historia Naturalis-Palmarum* de K. F. F. Von-Martius, lida na Sessão da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 28 de Maio de 1851, pelo Sr. Dr. Bernardino Antonio Gomes.

SENHORES! — Fomos encarregados pela Academia de dar uma resumida noticia da Obra sobre as Palmeiras,

do Sr. Karl Frederick Philippe Von-Martius, a qual acaba de ser publicada com o titulo de — *Historia Naturalis-Palmarum*, e que havia começado com o de — *Genera et species Palmarum, quas in itinere per Brasiliam annos 1817 — 1820 collegit, descripsit et iconibus illustravit*. Um exemplar d'esta magnifica Obra, assim como os de outras do mesmo auctor, existem hoje na livraria da Academia, devidos todos á munificencia d'este mui distincto naturalista, e ás boas relações, que elle sustenta com o nosso paiz, por intermedio da sua corporação scientifica, a mais auctorisada.

Sentimos não ter a sufficiente habilitação para bem executar o que nos foi commettido, porque não somos naturalista, e de botanica temos apenas os conhecimentos, que nos são indispensaveis como medico, e como professor de materia medica; faremos com tudo por corresponder á confiança, com que nos honrou a Academia, e por satisfazer ao seu empenho, cumprindo a sua resolução do modo melhor que nos for possivel.

Os primeiros fasciculos do — *Genera et species palmarum* — appareceram em 1823, e os ultimos em 1849. A obra completa, como hoje está, consta de tres partes. A primeira com o titulo de — *Introdução* — tracta da estructura, morphologia, e historia do desinvolvimento das palmeiras; da sua distribuição geographica; e juntamente se occupa das palmeiras fosseis. A segunda parte descreve as palmeiras do Brasil; e na terceira se faz a enumeração systematica da Ordem, de todas as suas tribus, dos generos, e das especies mais particularmente dignas de menção. A impressão, feita em Munich em folio grande, foi executada com todo o esmero; enriquecem-a estampas do mais bello desenho e colorido, e sobre tudo da mais escrupulosa exactidão, quanto aos objectos representados, dando por isso á intelligencia do texto muito valioso auxilio. Esta esplendida obra, o mais brilhante monumento, que o auctor podia elevar á sua propria memoria, e que tão digno é de ser consagrado ao estudo dos Principes da vegetação, como com tanta

razão distinguem os botânicos as palmeiras dos outros vegetaes, é o fructo do porfiado e continuo estudo de vinte e sete annos de um naturalista, como o Sr. Martius, e da coadjuvação, além d'isso, de outros botânicos distinctos, como são o Professor da Universidade Tubingense Hugo Mohl, e Zucharini, que o auxiliaram na parte anatomica, Unger no que respeita a palmeiras fosseis, o Professor de Fribourg Alex. Broun, quanto ás doutrinas do processo anthogenico, e os professores Mirbel e Schleiden nas partes relativas á evolução das gemmas e á fecundação das flores. Auxiliaram-o, além d'isso, pela remessa de plantas, de estampas, e de noticias, quanto respeita á India, Reinwardt, Walich e Griffith; quanto á Nova-Hollanda Ferd. Bauer e R. Brown; ás Antilhas Adr. Jussieu e Ad. Brogniart; ao Perú e Amazonas Phipps; ao Mexico Liebermann; e quanto á America austral d'Orbigny.

O consorcio de Sua Magestade Imperial, de mui saudosa memoria, o Senhor D. Pedro IV., celebrado em 1817 com Sua Alteza a Archiduqueza d'Austria Leopoldina, foi a occasião e motivo da viagem do Sr. Martius ao Brasil. O Governo da Austria e o da Baviera, sollicitos, como em geral são todos os governos de Alemanha, pelo progresso das Sciencias Naturaes, aproveitaram tão boa occasião, que para isso se lhes offerencia, fazendo acompanhar a Princeza Austriaca por uma commissão de naturalistas, encarregados de explorar as vastas regiões do Brasil. Foram escolhidos para fazer parte d'esta Commissão, como Membros da Academia das Sciencias em Munich, o Sr. Fr. Von-Martius e o Dr. Spix, o primeiro encarregado da parte botânica, o segundo da parte zoologica. A escolha recalho assim sobre pessoas, então já muito conhecidas e altamente avaliadas por seus trabalhos nos ramos respectivos; promettendo por isso o quanto veio felizmente a alcançar-se do suas importantes explorações.

Com os auxilios do seu governo, com os que, na posição especial em que foi, devia necessariamente receber

do nosso Governo e das Auctoridades, que então tinhamos no Brasil, e por effeito sobre tudo da sua actividade e ardor de explorações, poude conseguir o Sr. Martius percorrer desde 1817 até 1820 as Provincias do Rio de Janeiro, de S. Paulo, de Matto Grosso, Minas Geraes, Goyazes, Pernambuco, Bahia, Pará, Piauhy e Maranhão; visitou o paiz diamantino, que elle compara ao mais formoso e bem cultivado jardim, o Rio de S. Francisco, o dos Ilheos, d'onde penetrou pelo interior das florestas na extensão de sessenta legoas, e subio todo o Amazonas até aos limites occidentaes do Imperio. As suas excursões estenderam-se assim pela enorme arêa, que comprehende 600 legoas de Norte a Sul, e de mais de 1000 de l'este a oeste. A colheita de plantas que fez, representa 7500 especies, cujos exemplares foram enriquecer, além de outros, principalmente o Museu Brasileiro de Munich (*). Esta interessante, e bem aproveitada viagem, produziu, além da obra sobre as palmeiras, outras e muito importantes, do mesmo auctor, como são as seguintes:

Nova genera et species palmarum, quas itinere per Brasiliam anno 1817—1820 suscepto collegit et descripsit. Monachii 1824—1832. 3 vol. f.

Specimen materiæ medicæ brasiliensis. Monachii 1824.

Icones plantarum cryptogamicarum, quas in itinere annis 1817—1820 per Brasiliam instituto collegit et descripsit. Monachii impensis auctoris 1828—1834.

Herbarium Floræ brasiliensis. Plantæ brasilienses exsiccatae, quas denominatas partius diagnosi aut observationibus instructas botanophilis offert. Monachii 1837.

Systhema materiæ medicæ vegetabilis brasiliensis. Lipsiæ 1843.

Flora brasiliensis, seu enumeratio plantarum in Brasilia &c., que existe publicada em parte, e que o auctor promete concluir.

Taes são, além de outros muitos, os valiosos serviços,

(*) Pode ver-se a noticia sobre este objecto no — Musée botanique de Benj. Delessert do Sr. Lasegue a pag. 250.

prestados á Sciencia por este eximio e incansavel naturalista, e que para nós devem ter o especial interesse de nos fazer conhecer as producções naturaes do vasto territorio do Brasil; de um paiz para nós tão cheio de gratas recordações, descoberto e povoado pela raça Portugueza, e cujas relações ainda são, e serão sempre para nós da maior importancia. Do Brasil nenhum naturalista vio mais e fez conhecer tanto, como o Sr. Martius; dando-se para isso o mais feliz e pouco commum concurso de circumstancias, como são, uma elevada e bem cultivada intelligencia, muitos conhecimentos practicos e especiaes do objecto ja antes adquiridos, sufficiente vigor physico, actividade, e o auxilio de sufficientes meios pecuniarios; o que foi tudo aproveitado do modo o mais brilhante e assignalado para fazer reconhecer no Sr. Martius um dos primeiros viajantes-naturalistas do nosso tempo. Se o Sr. Martius porém se faz credor da estimação e do respeito de todos os homens de Sciencia, como os não devem ter por elle os Portuguezes, com quem o auctor viveu tanto, cuja linguagem elle falla e escreve como um portuguez, e aos quaes deu sempre e continua a dar provas de sympathia e de deferencia, remettendo, como sempre remetteu, a esta Academia, e do modo o mais generoso, exemplares das suas obras, importantes não so pelo valor scientifico, mas de mais pelo muito dispendio, com que são impressas e enriquecidas de estampas. Poucos estrangeiros homens de sciencia, teem direito, como o Sr. Martius, á gratidão e á consideração do Governo Portuguez; e a Academia, em nosso intender, cumpre com um rigoroso dever concorrendo para que, do modo digno da pessoa e do objecto, se lhe dê disso um testemunho publico.

A remessa, feita em fasciculos, da — *Historia Naturalis Palmarum* — não o foi infelizmente com tanta regularidade, que não succedesse, como em outros semelhantes casos, o virem folhas duplicadas, faltando ao mesmo tempo outras. O exemplar da Academia acha-se por este motivo incompleto em algumas partes, o que se fez

ja diligencia para remediar. Antes porém que se complete este exemplar, unico que temos em Lisboa, e possa assim ter d'elle conhecimento na sua totalidade, iremos dando noticia d'aquella parte, a respeito da qual o poderemos desde ja fazer. E deste modo começaremos com o primeiro capitulo da Introducção, o qual tracta, como dissemos, da estrutura das palmeiras, e foi objecto do trabalho especial do professor Hugo Mohl.

Foi pelo exame anatomico de uma palmeira, a *Phœnix dactilifera*, que Danbenton primeiro estabeleceu a lei do crescimento pelo centro no tronco d'estes vegetaes, lei que Desfontaines depois generalizou e estendeu a todas as plantas monocotyledoneas, e que fez converter por De Candolle a distincção de plantas monocotyledoneas e dicotyledoneas na de endogenas e exogenas. A doutrina assim estabelecida prevaleceu geralmente na sciencia, até que Moldenhawer, por estudo especialmente feito das gramineas, a controverteu; e ja antes Aub. Du Petit Thouard havia annuciado a possibilidade de um crescimento feito pela peripheria no tronco das palmeiras. Estes vegetaes, que podem considerar-se o typo das plantas monocotyledoneas, prestam-se por isto, e por seu grande desinvolvimento, melhor que outros vegetaes d'esta grande divisão, ao exame da questão. Este exame por meio da dessecção e da observação microscopica, cuidadosamente feito no tronco ou caudice de muitas especies de palmeiras, conduziu Hugo Mohl a reconhecer n'estes troncos a seguinte estrutura.

Os caudices das palmeiras constam de tecido cellular parenchymatoso, de fasciculos vasculares, e de fasciculos fibrosos ou tecido prosenchymatoso. O tecido cellular é formado de cellulas dispostas em series longitudinaes; estas cellulas modificam-se de modo variado na sua grandeza e forma, na espessura e consistencia de suas paredes, constituindo assim a parte parenchymatosa dos caudices. Em geral de paredes menos consistentes, estas cellulas na parte central do caudice dão ao parenchyma a apparencia medullar; algumas vezes tambem series de

cellulas da mesma estrutura, e com uma situação, que se aproxima da horisontal e radiada, tomam a forma como de raios medulares; na parte mais peripherica do caudice, e por effeito de encrostações successivas, as paredes das cellulas, tornando-se espessas e duras, ganham a forma lenhosa, e fazem que a porção respectiva do parenchyma figure como parte cortical; no entanto verdadeira medulla, raios medulares, e casca, como os das plantas dicotyledoneas, não existem nas plantas monocotyledoneas. So conservam epiderme os caudices arundinaceos e os calamosos, nos outros caudices das palmeiras desaparece; e raras vezes as cellulas que formam este epiderme são porosas, ou são cellulas com estomas, como succede, por exemplo, na *Raphis flabelliformis*, e como é geral em outras Ordens de plantas. As mesmas cellulas epidermicas podem na superficie externa prolongar-se em pellos ou em escamas, como succede nas plantas dicotyledoneas. Confirma Mohl a opinião em contrario á de Mirbel, que as cellulas do parenchyma nas palmeiras, como n'outros vegetaes, não são porosas, mas que as faz parecer assim a transparencia na sua camada ou membrana mais externa. São realmente porosas todas as camadas membranosas mais internas de cada cellula; e se correspondem umas a outras por esses poros de tal forma, que justapostas formam no interior da cellula uma especie de canal, que a membrana externa tapa na sua extremidade peripherica, onde parece tambem furada por motivo de sua transparencia. E' para observar ainda, a respeito das cellulas parenchymatosas do caudice das palmeiras, que podem conter amydo ou chlorophylla; o que não se tem nellas observado é raphides ou outros corpos crystallinos, come se observam n'outros parenchymas.

Os fasciculos vasculares vindo das frondes, da base d'estas encaminham-se primeiro ao centro do caudice; d'ahi, curvando-se, vão para a parte externa, e d'este modo cruzam na parte superior do caudice os fasciculos vasculares mais antigos, ou os provenientes das frondes

dos annos anteriores, para depois se tornarem externos e se sobreporem a estes fasciculos mais antigos.

Por este modo se vê, que os fasciculos de mais recente formação, e por consequente o crescimento do caudice, em lugar de serem centraes, como se havia supposto, so o são assim na parte mais superior do caudice, tornando-se na realidade periphericos na sua maior extensão, por effeito do encruzamento referido. — Estes fasciculos vasculares constam de uma parte cellulosa situada sempre para o lado interno ou central do caudice, e que o auctor chama lenhosa; de outra parte externa, que elle compara ao liber das dicotyledoneas; e em terceiro lugar de vasos. Tanto a parte lenhosa, como o liber, são constituídos por cellulas alongadas ou não alongadas, acylindradas, hexagonas, ou de outra forma; e differem nos dous casos principalmente, porque as cellulas da porção lenhosa teem as paredes mais tenues, porque é maior a sua capacidade interna, e são além d'isso estas cellulas lenhosas pontuadas, com septos internos horisontaes, affectando o arranjo e a posição dos tecidos parenchymatosos, sem nunca conterem grãos de fecula: em quanto que as cellulas do liber teem paredes mais espessas, feitas assim pela sobreposição interna e successiva de camadas, que tornam por isso cada vez menor a cavidade interna de cada cellula; teem septos diagonaes nestas cavidades; e além d'isso o arranjo ou disposição das cellulas, em vez de parenchymatoso, affecta a forma prosenchymatosa. Entre o lenho e o liber de cada fasciculo existem os vasos maiores, os pontuados, e os escalariformes, que os percorrem em quasi toda a extensão; existem os vasos espiraes e annulares, que so apparecem na parte mais superior dos fasciculos, e em quanto estes se encaminham pelo centro ou parte medullar do caudice; e finalmente fazem parte d'estes fasciculos, extremando-se ou não dos outros vasos, certas cellulas mais alongadas ou vasos, formados de membranas tenues, e que contem um succo cheio de globulos, não circulante, mas podendo experimentar o movimento intracellular, chamado vi-

bratorio de R. Brown, seu primeiro descobridor. Estes ultimos vasos, que poderiam tomar-se por vasos proprios e lateciferos, como os que existem n'outras Ordens de plantas, não teem, segundo o auctor, todos os seus caracteres, e por isso devem d'elles distinguir-se.

(*Continúa.*)

Viagens, herborisações, e hervarios; pelo Sr. J. L. M. Peiret;
continuado de pag. 23.

Herborisações.

Dá-se o nome d'herborisações a essas excursões feitas no campo, na intenção de colher e estudar as plantas que crescem espontaneamente; este exercicio é, para o Botanico, um de seus mais agradaveis gozos: entregando-se, no meio dos prados e dos bosques, a procurar plantas, o homem parece entrar em todos os seus direitos naturaes; o que ambiciona pertence a todos, pertence ao primeiro occupante. ; Quem quereria disputar-lhe as flores do campo? ; Quem poderia invejal-as? So terá a temer, quando muito, o dente da ovelha, ou as mandibulas devoradoras do insecto; mas a natureza é tão rica em suas produções, como os desejos do Naturalista tão faceis de satisfazer! Uma simples flor é, para elle, uma descoberta feliz; conquista pacifica, que não trará o pezar de ter causado a morte d'um ente sensivel! gozo puro, que não tende a endurecer o coração em presença das convulsões de um animal ferido pelo chumbo mortifero.

A caixa do Botanico, cheia de flores, causa a seu possuidor mais doce alegria que a bolsa ensanguentada do caçador; e, qualquer que seja o prazer de comer os membros de um animal morto por nós, duvido que possa egualar ao que nos dá a analyse das plantas, apanhadas pelas nossas proprias mãos. Convenho que o exercicio da caça desinvolve as forças e conserva a saúde; mas por ventura não se encontram tambem estas vantagens nas herborisações, quando nos obrigam a percorrer vastas localida-

des, a subir escarpados rochedos, a supportar a fadiga e a intemperie das estações?

No meio d'estas excursões, quantas ideias agradaveis occupam nosso pensamento logo que, transpondo o circulo estreito de nosso horisonte, longe das habitações humanas, vamos estudar a natureza n'esses logares solitarios e selvagens, que a cultura não tem alterado, e a arte ainda não embellezou! Como se afiguram pequenas á nossa vista essas tapadas, esses brilhantes jardins, onde o rico entretem sua penosa ociosidade! E' certo que estes recebem o tributo d'admiração devido ao genio industrioso do homem, mas não se espere achar n'elles esses gozos do coração, que so se experimentam no meio das produções da simples natureza, gozos que nem são exclusivos, nem dependentes da vontade dos outros homens.

Em um d'esses bellos dias de verão, em que a natureza ostenta todo o luxo da vegetação, o Botanico, transportado desde a madrugada para os prados tapetados de flores, respirando o ar puro da manhã, vê começar para si um dia de prazer; a saúde circula-lhe nas veias, e suas ideias tomam a côr risonha das flores que acaba de estudar. Posto que so, não está todavia isolado; acha-se no seio da natureza, no meio de seus jardins; se tem companheiros d'herborisação, a alegria, a confiança, um amavel abandono marcham comsigo. Quantas amizades duraveis e preciosas se formam n'estas circumstancias, sobretudo entre aquelles que, sem pretensões a essa fama que aspira a logares ou honras, não podem experimentar o ciu-me que ella excita! A unica emulação consiste em ser o primeiro no descobrimento d'uma planta difficil de achar, e em determinar seu caracter e nome.

Estas excursões prestam ao Botanico o meio mais seguro d'estudar as plantas, taes como a natureza as produz, e no proprio logar onde as fez nascer; vê-as em sua verdadeira forma, com todos os caracteres que lhes são proprios, e demais a mais com as circumstancias de localidade, que lhes dão um encanto inexplicavel. Os passeios que se fazem no campo, nos logares que habitamos, e so-

bre tudo nos sitios incultos, abandonados ou pouco frequentados, no meio de bosques montanhosos, pedregosos, cortados de grandes barrancos, apresentam-nos uma pequena ideia das viagens botanicas nos paizes mais afastados: não são certamente as mesmâs plantas; mas as que ali se observam estão em situações quasi analogas.

Quando nos dispomos a fazer uma herborisação, convém tomar certas precauções, para conseguir com mais segurança o fim que nos propomos, herborisando.

1.º E' util munir-mos d'uma obra pouco volumosa, quer seja um *prodromo* geral das plantas conhecidas, quer o das plantas naturaes do paiz ou do clima que habitamos; obra que deve apresentar, em poucas palavras, os caracteres essenciaes dos generos e ao mesmo tempo das especies, sem synonymia, nem descripção, e quando muito alguma pequena observação.

2.º Uma caixa de folha de Flandres, delgada e leve e meia cylindrica, abrindo-se ao comprimento por uma tampa com eixo, cujas dimensões devem ser desde oito pollegadas até quinze ou mais, sobre uma profundidade proporcionada, destinada para as viagens; tendo nas extremidades um anel solto para passar uma fita, a fim de poder assim ser levada a tiracollo.

3.º Um microscopio com muitas lentes, de differentes fôcos, para as observações delicadas, que teremos occasião de fazer sobre as differentes partes da fructificação das plantas.

4.º Um estylete e uma pequena lamina cortante, aguda como a d'um canivete, para fazer a dessecção das flores; pequenas pinças, chatas e delgadas, para tomar e sustentar com mais facilidade as partes que se querem examinar.

5.º Uma especie de sacho, para arrancar as raizes que se pretendem observar, como as dos salepos; e bem assim devemos munir-nos d'uma canna, á qual se possa adaptar um gancho para puxar os ramos das arvores ou as plantas aquaticas, e igualmente atar um pudãozinho para cortar os ramos em flor ou em fructo.

6.º Lapis e papel, para transcrever ou notar immediatamente as observações que poderiam escapar á memoria.

7.º Aquelles que se entregam ao mesmo tempo á busca d'insectos, o que não é raro, poderão levar uma porção d'alfinetes de diversos tamanhos, e uma caixa com o fundo de cortiça, onde segurem os insectos; outros levam uma especie de costella guarnecida d'uma rêde fina em forma de sacco, para apanhar as borboletas sem as alterar: eu accrescentaria a isto outra caixa com algodão, para fechar as conchas fluviaes ou terrestres, um pouco raras e delicadas.

Como as mesmas plantas não crescem igualmente em toda a parte, o Botanico deve procurar variar o mais possível suas excursões, para desprezar nenhuma localidade.

1.º Nas planícies, visitará as charnecas, terras fortes, fracas, saibrosas ou calcareas; os terrenos cultivados, prados, jardins, extremidades, os logares sombrios ou expostos ao sol pleno.

2.º Percorrerá as montanhas de diferente natureza e diversas elevações, seu cume e declivio, segundo as diferentes posições; os rochedos, os valles, barrancos, &c.

3.º Observará as aguas estagnadas, os charcos, as fontes, as cataractas, as aguas mineraes; seguirá a margem dos rios, das ribeiras, e dos lagos; igualmente terá em vista tanto as plantas que crescem ao longo dos rios, como as que nascem no fundo das aguas ou á sua superficie.

4.º Nos logares habitados, investigará a beira dos caminhos, os entulhos, os telhados, os muros antigos, os poços, as adegas, os jardins particulares, as estufas, os viveiros, os taboleiros, os adubos, as pilhas de madeira pôdre, &c.

5.º Nas regiões maritimas, seguirá as costas, visitará as praias, as dunas, os rochedos, as gruttas formadas pela agua, as ilhas pouco distantes da praia; e procurará as plantas marinhas que crescem em diferentes profundidades.

6.º Não basta visitar uma unica vez estas diversas localidades; convém, se habitamos o paiz, percorrel-as pe-

lo menos duas vezes em cada estação, notar as plantas que apenas se acham em flor, a fim de irmos mais tarde apanhar os fructos; e em fim apontar a epocha da florescencia e da maduração dos fructos de cada uma d'ellas.

7.º A primavera, e sobre tudo grande parte de estio, são as duas estações mais proprias para colhêr muitas plantas; todavia as outras estações não são para desprezar, porque muitas especies não florescem ou não fructificam senão no outono, mesmo um pouco avançado: e até o inverno, com seus gêlos, não é inteiramente morto para o Botanico.

Sabendo aproveitar os dias em que se derrete a neve, ou sejam humidos ou chuvosos, achar-se-ha grande porção de musgo, e outras cryptogamicas, que so n'essa epocha apresentam fructificação. E' particularmente nas grandes florestas dos paizes septentrionaes que crescem as mais bellas e mais numerosas especies de musgo: acham-se umas sobre as arvores, nos rochedos, nos logares humidos e sombrios, ao longo dos rios, e em volta das fontes, &c.; outras nos prados, na encosta das collinas, sobre os telhados, nos muros antigos, por entre os entulhos, &c. E' tambem nos tempos humidos, depois das chuvas, e no principio da primavera, assim como no outono, que apparecem os cogumelos. (Continúa.)

J. D. Corrêa.

DIREITO PHARMACEUTICO PORTUGUEZ.

Chronologia de todas as Leis, Decretos, Alvarás, e Portarias, relativas nos Pharmaceuticos, desde a Fundação da Monarchia Portugueza; continuada do tomo 1.º da 2.ª serie, pag. 360.

N.º 65.

Eu elRey faço saber aos que este alvara virem que os officiaes da Camara da villa de alcontim me fizeraõ saber por sua Carta que por a dita villa ser muy doentia e naõ aver nella medico nem boticario morria muita gente por

se lhe não acudir com os Remedios necesarios e que movidos das queixas do povo ordenarãõ buscar hum medico e hum boticario e os trouxeraõ pera a dita villa da de Serpa onde Residem de hum ano a esta parte con suas casas e que delles tinha o povo muita satisfaçãõ e me peidiaõ lhes fizesse mersse de licença para lhes poderẽ dar das rendas do Conselho em cada hum assi daria ao medico trinta mil reis e ao boticario des pera ajuda de sua sustentaçãõ e do conteudo na dita Carta mandei tomar informaçãõ pello provedor da Comarca do Reino do algarve a qual vista per mim e seu parecer ei por bem de dar Licença aos ditos officiaes da Camara que elles posaõ dar das Rendas della não entrando nisso a minha terça ao dito medico doze mil reis e ao boticario oito em cada hum anno com obrigaçãõ que eles, asestiraõ com suas cazas na dita villa sem fazer della ausencia de consideraçãõ E mando ao provedor da Comarca leve em conta em cada hum anno aos ditos officiaes da camara os ditos vinte mil reis constandolhe que os Receberãõ os ditos medico e boticario e que Resediraõ na dita villa e as mais justicas officiaes e pessoas a que o conhecimento disto pertencer que cumpram e guardem como nelle se contem posto que o effeito delle aja de durar mais de hum anno sem embargo da Ordenaçãõ do Livro segundo titulo quarenta em contrario. joãõ tavares Corea o fez em Lixboa a nove de junho de mil e seis centos vinte e hum duarte Corea de Sousa o fez escrever. (Livro 11.º da Chancellaria de FILIPPE III. = a folhas 47 v.)

N.º 66.

Eu elRey faço saber aos que este alvara virem que os officiaes da Camara da villa de montalvaõ me fizeraõ saber per sua Carta em que dizem que a dita villa tem quatro centos vezinhos e seus montes no termo a qual he muito quente e doentia e os moradores della muito pobres e não tem outro trato con que vivem se não lavouras e criaçãõ de gado e a mais da gente more por não haver nella ficio nem boticairo, e os não haver se não em Castello

de vide e em nisa que estaõ da dita villa quatro legoas e pro a gente ser pobre os medicos naõ querem hir menos de dous mil reis e por esse respeito os naõ mandaõ buscar, e assi morem a mingoa por falta de cura e me peidiaõ lhes ficesse merce mandar passar provysão para que das rendas da dita Camara possaõ dar em cada hum ano a hum medico graduado por Coimbra que more e viva na dita villa vinte e quatro mil reis de salario e hum boticario que tambem viva na terra con sua botica des mil reis e do conteudo na dita Carta mandei tomar informaçãõ pello provedor da Comarca da Cidade de portalegre, a qual vista por mim e seu paresser Ei por bem que os officiaes da dita Camara de montalvaõ possaõ dar de salario em cada hum ano por tempo de cinco annos a hum medico vinte e quatro mil reis e a hum boticario des mil reis das rendas da dita Camara salva a minha terça os quaes asistiraõ na dita villa naõ fazendo della ausencia de consideraçaõ E mando ao dito provedor da Comarca leve em conta aos ditos officiaes da Camara os ditos vinte e quatro mil reis que derem ao medico e os des ao boticario constandólhes os receberaõ e que este se cumpra e guarde como se nelle conthem posto que seu effeito delle aja de durar mais de hum anno sen embargo da Ordenaçãõ em contrario joaõ tavares Correa o fez em Lixboa a quinze de junho de seis centos e vinte e dous Duarte Correa o fez escrever.

(Livro 18.º da = Chancellaria de FILIPPE III. = a folhas 10 v.)

N.º 67.

Eu elRey faço saber aos que este Alvara virem que os officiaes da Camara da villa de Albufeira me fizeraõ saber por sua Carta que os moradores da dita villa e seu termo padeciaõ grandes incommodidades em suas doenças por naõ aver na tera medico nem boticario e moriaõ muitas pessoas a mingua por falta de mesinhas e maiormente os pobres que naõ tinhaõ possebelidade para mandar chamar medico nem buscar as mesinhas a Cidade de faro

que são seis legoas da dita villa e o mais perto luguar della e que nenhum medico graduado nem butiquario quer recedir na dita villa sem partido serto e me pediaõ fozc Servido que se lançassem de mais no cabeçaõ da dita villa en cada hum anno trinta mil reis para hum medico e dés para hum boticario por as Rendas da dita camara não serem bastantes para dellas se fazer esta despeza e do conteudo na dita carta mandei tomar informaçaõ pelo provedor da Comarca do Reino do algarve E visto o que por ella costa e seu parecer Ei por bem que os ditos officiaes da Camara posaõ dar a hum medico graduado pella Universidade de Coimbra vinte cinco mil reis en cada hum ano e a hum buticario des mil reis o qual medico recedira na dita villa para curar os doentes sen fazer della ausencia de concideraçãõ e o buticario asistira na dita villa e tera sua botica provida de todas as mesinhas necessarias e dos ditos trinta e cinco mil reis se lancara de mais ametade cada anno no cabeçaõ da dita villa e a outra ametade se pagara das Rendas do Conselho da dita villa salva a minha terça e mando aos lançadores que fizerem o dito Cabeçaõ lancem nelle de mais da metade dos ditos trinta e cinco mil reis para os ditos medicos e buticario e que o provedor da Comarca levem em conta aos officiaes da Camara da dita villa a otra ametade constandolhe que a deraõ ao dito medico e buticario e que elles recediraõ e asestiraõ na dita villa sem fazer della ausencia de concideraçãõ e este se conprira como nelle se contem que valera posto que o efeito delle aja de durar mais de hum anno sem embargo da Ordenaçãõ do segundo titolo quarta em contrario joaõ feio o fez en lixboa a vinte e hu de outubro de mil e seis centos e vinte dous. Duarte Correa de Sousa o fez escrever.

(Livro 18.º da = Chancellaria de FILIPPE III. = a folhas 63 v.)

(Continúa.)

PHYSICA.

Synopse das observações meteorologicas do mez de Janeiro de 1852, feitas na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa.

Temperatura media da atmosphaera	9°,9
„ maxima „	13
„ minima „	8
Maxima variação diurna de temperatura	2
Pressão media da atmosphaera	762,98 ^{mil.}
„ maxima „	774,69
„ minima „	741,67
Ventos reinantes	O, N, NE.
Altura da agua no pluviometro	4,6 ^{pol. linh.}
Dia mais chuvoso	1
Grau medio d'humidade no hygrometro	— 2°,9

Observações.

O facto mais importante nas observações meteorologicas d'este mez é o das grandes variações barometricas, passando de 741^{mil.},67 a 774^{mil.},69, perto de 33 millimetros entre o maximo e o minimo da pressão atmospherica, o que é muito raro aqui em Lisboa: no dia 12 do mez, em que a pressão foi maxima, observei tres apoplexias, e uma epistaxis na minha clinica civil; fiz então notar este facto ao meu Collega o Sr. Magalhães Coutinho, em cuja casa teve logar um dos casos referidos (o da epistaxis). E' de summa vantagem o ir registrando estas correspondencias entre o estado physico da circumfusa e as molestias que se observam coincidir mais vezes com esses estados. E' por isso que não cessarei de fazer egual pedido a todos os Col-

legas. Quando o *Jornal do Hospital de S. José* apparecer deve ser d'uma importancia summa, para esta confrontação, bem como para outros muitos fins.

As anginas e as escarlatinas ainda continuam a ser a molestia estacionaria de Lisboa. Durante o mez de Janeiro alguns casos se verificaram, rapidos na sua marcha, e lethaes no seu termo! A medicina a mais razoavel, e empregada o mais a tempo que é possivel, não tem sido bastante para pôr termo á marcha sempre crescente, e incidi-diosa d'alguns casos.

Tem-me parecido que os casos verificados juncto á margem do Tejo, apresentam maior gravidade, e que são ahí muito mais frequentes. Seria para desejar que os nossos Collegas examinassem se, na sua practica, teem verificado o mesmo. Os casos mais frequentes, de que tenho noticia, nem passam da Praça d'Alcantara para baixo, nem do Largo do Conde Barão para cima; todavia hoje (2 de Fevereiro) vi dous casos, e um d'elles grave, na Hospedaria *Aurora* no fim da Rua Augusta, esquina da dos Capellistas.

Em bastantes dos casos observados parece que o estado anginoso é pertencente a uma febre eruptiva (a escarlatina), a qual quando não se chega a manifestar a erupção, quasi sempre é muito mais grave. A morte tem sobrevindo mais vezes pelo character maligno e ataxico, que a febre tem tomado, do que pelo estado local, das amygdalas, da pharinge, e da laringe; tudo isto tem bastante importancia para o tractamento.

Casa no Largo do Caldas, em 2 Fevereiro de 1852.
S.^a Beirão.

da Ordem dos Farmacêuticos

REVISTA DOS JORNAES.

Xarope de dentição. — Bem certo é o proloquio: quem tem padrinho não morre mouro. O Dr. Delabarre, e o Pharmaceutico Accault foram citados perante a 8.^a Camara do Tribunal do Seine pelos seguintes crimes: 1.^o

composição d'um remedio secreto; 2.º annuncios impresos; 3.º venda em pesos medicinaes. O Dr. ou antes o seu advogado, sustentou 1.º que a primeira dentição não era uma doença!! 2.º que o seu xarope (note-se bem) tinha todas as propriedades odontalgicas desejaveis, e que era essencialmente anti-convulsivo. 3.º que era composto de substancias alimentares indigenas e exoticas, innocuas. 4.º que não era de uso externo, por quanto se applica (attenção) ás gengivas, friccionando-as com elle.

Depois de ter provado que um trabalho organico, que tantas vezes mata as crianças, não é doença; que um xarope anti-convulsivo não é remedio; e que a cavidade buccal é uma parte externa do corpo; admira-nos não ter o Dr. Delabarre accrescentado que o seu xarope vem no Codex escripto com tincta sympathica.

O Tribunal absolveo-os. Em Dezembro passado escrevia o Sr. Chevallier o seguinte: le medecin a le droit de formuler, mais il n'a, pas plus qu'un autre, celui de preparer des medicaments dont la formule n'est pas connue. . .

Bom exemplo. — A Rainha de España, para celebrar utilmente o nascimento da Princeza, mandou que em todas as Universidades se confira gratuitamente, depois dos premios extraordinarios, um grau de Bacharel em cada Faculdade, abrindo-se concurso, para que a elle concorram todos os estudantes, que, aos requisitos exigidos pelos regulamentos, reunam a circumstancia de serem pobres, e que se tenham opposto, e não obtido o premio extraordinario, ou que se não tenham podido apresentar como oppositores ao mesmo.

Que em eguaes termos e sob as mesmas condições se confira em cada Universidade, e em cada uma das Faculdades que comprehendam, um grau de Licenciado.

Que na de Philosophia as suas secções tirem á sorte aquella cujos alumnos tomam parte no concurso para obter o referido grau.

Que na Universidade central se confira um grau de Doctor por cada Faculdade, intendendo-se para a de Philosophia o sorteio de suas secções para a licençatura.

Que na concessão d'estes graus seja expressa a clausula de serem conferidos gratuitamente e com o fim de solemnizar o nascimento da Augusta Princeza.

Bom seria que em Portugal se tomasse este exemplo da Rainha de España, e d'uma vez para sempre se acalhassem os *perdões de acto*, que so servem de damno aos estudantes.

A Universidade de Coimbra e as Escolas Médico-Cirurgicas de Lisboa e Porto. — Recommendâmos a leitura d'um artigo que com este titulo publicou o Sr. Dr. Beirão no n.º 12 do Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas, pertencente a Dezembro de 1851. E' digno de louvor a imparcialidade com que é tractada alli a questão do ensino pharmaceutico.

Programma de um premio, proposto pela Sociedade de Pharmacia de Paris, sobre o acido racemico. — A Sociedade de Pharmacia de Paris concederá em 1853 um premio de valor de 1500 francos ao auctor da memoria em que se achem resolydas as duas questões seguintes :

Existem tartaratos que conttenham o acido racemico ja formado?

Determinar as circumstancias em que o acido tartarico se poderia transformar em acido racemico.

O Sr. Kastner de Thann, preparando o acido tartarico, descobriu o acido racemico ou paratartrico. Em 1819 John mostrou que este acido differia de todos os acidos conhecidos. Dez annos depois Gay-Lussac e o Sr. Walchner provaram que elle era isomero do acido tartarico.

Ambos os acidos tem a mesma origem; o acido tartarico extrahe-se do sarro do vinho, o acido racemico foi obtido n'um tractamento do tartaro. Os dous acidos tem exactamente a mesma composição, e até nas suas combinações salinas são identicos. São dous corpos isomericos, semelhantes na composição, distinctos nas propriedades. São os mesmos elementos de tal sorte reunidos que formam duas moleculas diversas. A polarisação circular veio confirmar o facto, porque, tendo o acido tartarico um poder rotatorio para a direita, o acido racemico não tem poder de

rotação. O Sr. Pasteur demonstrou ser o acido racemico formado de dous acidos differentes, o *dextroracemico*, e o acido *levoracemico*, que especialmente differe d'aquelle pela sua rotação para a esquerda; vindo assim o estado rotatorio neutro do acido racemico a resultar da mistura, em quantidades eguaes, dos dous acidos cujos poderes de rotação são eguaes, mas contrarios.

O acido racemico foi obtido uma so vez, e accidentalmente. Depois que o Sr. Kastner o obteve ninguem mais poudo encontral-o ou obtel-o. Com tudo é um dos corpos isomericos conhecidos, mais interessantes.

Convém, pois, indagar se este acido existe ja formado em certos tartaros de vinho; se a localidade em que a uva se creou, ou as condições da fabricaçào do vinho, teem influencia sobre a sua origem. O modo de resolver estas questões consiste em analysar os tartaros de localidades muito differentes. Esta indagação torna-se muito breve, por quanto basta observar o poder rotatorio dos tartaros para depois tirar as consequencias.

Tambem é possivel que o acido racemico obtido pelo Sr. Kastner não existisse no tartaro de que elle se serviu, mas que se formasse n'alguuma circumstancia da operação, a que elle não attendesse; a transformação do acido tartarico em racemico, parece ao Sr. Kastner muito provavel, e tanto mais quanto existe um exemplo analogo, porque o Sr. Pasteur viu o acido *levoracemico* tomar a rotação para a direita pelo facto de se dissolver o racemato de cal no acido chlorhydrico. Os concorrentes deverão indagar as circumstancias da passagem do acido tartarico para acido racemico.

As memorias, escriptas em francez ou latim, deverão ser enviadas, fechadas, e francas de porte, antes do 1.º de Janeiro de 1853, ao Sr. Soubeiran, Secretario geral da Sociedade de Pharmacia, rue de l'Arbalète, 21, à Paris.

Programma de um premio sobre a analyse da espinha cervina, proposto pela Sociedade de Paris para 1853. — Os fructos da espinha cervina (*Rhamnus catharticus*) são muito purgativos. Quinze a vinte grãos d'estes pequenos fructos purgam violentamente, em

quanto uma onça de xarope de espinha cervina das nossas officinas, que contém os dous terços do seu peso de succo, produz apenas uma ligeira purgação. Isto prova que a materia purgativa abunda muito mais no residuo do fructo que no sumo da espinha cervina. Posto ser a espinha cervina um dos melhores purgativos indigenas, tem merecido pouca attenção dos Chymicos. Sabemos apenas ácerca da sua composição o que Dubuc de Ruen nos diz n'uma memoria, mais particularmente consagrada ás preparações pharmaceuticas da espinha cervina; e o Sr. Vogel pae, n'outra memoria em que este Chymico estudou particularmente a materia corante do succo. Modernamente o Sr. Fleury, de Corbeil designou, com o nome de *rhamnina*, uma materia amarellada, que extrahiu do residuo dos fructos, fazendo-o ferver em agua. O maior interesse, no estudo chymico da espinha cervina, é procurar n'ella o principio purgativo. ¿ E' uma materia resinosa como parece indicar uma observação de Dubuc, ou é a *rhamnina* do Sr. Fleury? ¿ Será uma materia crystallizada igual á que o Sr. Preisser tirou dos fructos do *rhamnus infectorius*, ou grão da Persia dos tinctureiros? ¿ E' uma substancia ainda não conhecida?

Tambem interessa estudar a materia ou as materias corantes do fructo. Devem ser analogas, se não identicas com as que existem nos grãos da Persia. Segundo o Sr. Preisser é uma materia branca, quando pura, que transformações successivas fazem passar a amarella, a verde, e a purpurea. Segundo o Sr. Kane são duas materias distinctas; a *chryso-rhamnina*, amarella d'ouro, insolúvel na agua fria, solúvel no alcohol, e no ether; e a *xantho-rhamnina*, amarellada, solúvel na agua e no alcohol, e insolúvel no ether. Esta forma-se, segundo elle, pela fixação do oxygenio sobre a primeira materia corante; é esta, que pela acção dos acidos se cora em purpurino.

Fazendo um novo estudo d'estas materias interessantes para a Chymica especulativa e applicada, deverão assegurar-se se (como podem fazel-o presumir as observações comparadas dos Srs. Fleury e Preisser) a materia corante é uma e a mesma que a materia purgativa.

A Sociedade de Pharmacia dará, em 1853, um premio do valor de 1,000 francos á melhor analyse dos fructos da espinha cervina. Os Auctores deverão ajunctar á memoria uma porção dos principios que tiverem separado.

A direcção é a mesma do programma supra.

Meio de reconhecer a pureza do guayaco. — Tomam-se 15 a 20 grammas de guayaco, e diluem-se em uma certa quantidade de chlorureto (de soda, de potassa, ou de cal) liquido, bastante para o molhar completamente. Passados poucos segundos todo o guayaco tem tomado a côr esverdeada, e as outras madeiras, que o podem falsificar, conservam a côr propria. Escorrendo-se o liquido, e lançando a materia sobre um papel, consegue-se avaliar, approximadamente, a quantidade de guayaco, e a de substancias estranhas. Este processo é do Sr. Huraut.

Pureza do chloroformio. — Segundo o Sr. Sédillot os maus effeitos do chloroformio são muitas vezes devidos a elle conter chloro ou oleos hydrocarbonados. Para reconhecer se é puro aconselha lançar-lhe um pouco d'acido sulphurico concentrado; se é puro a mistura fica transparente, estando impuro ennegrece.

Aguas minero-medicinaes. — A Academia de Medicina de Paris propõe o seguinte programma para premio, para o anno de 1853. Achar um methodo de experimentação chymica proprio para fazer conhecer nas aguas mineraes os corpos simplicies ou compostos, taes como elles existem realmente no estado normal. — A Academia propõe esta questão por julgar insufficientes os dous methodos que hoje se seguem nas analyses, e que consistem ou em isolar os gazes, os acidos, e as bases, e determinar os seus pesos; ou em combinar os elementos, segundo certas considerações theoricas, para formar os compostos que se suppõe existirem nas aguas, no seu estado natural.

Cadeias galvano-electricas. — Recebemos, traduzido do Alemão pelo nosso amigo João Felix Pereira, o Terceiro relatorio annual sobre a efficacia therapeutica d'estas cadeias, na sua applicação nas molestias rheumaticas, gottosas, e nervosas de todas as especies. Veremos o que

dizem os nossos Medicos. . . . O folheto consta-nos que está á venda.

Banquete scientifico. — Varios Medicos Alemães, Ingлезes, Russos, Gregos, Norte-americanos, Suiços, e o sabio Dr. Espanhol o Sr. Vicente y Hedo, deram um banquete, em Paris, ao celebre syphiliographo o Sr. Ricord; houve brindes entusiasticos em honra da Sciencia, e dos sabios, que assistiam á festa, entre os quaes se acharam os Srs. Berard, Orfila, e Jobert.

Conferencias sanitarias. — Terminaram no dia 19 de Janeiro as conferencias sanitarias, que tiveram lugar em Paris. Assistiram á ultima sessão os Ministros de Negocios Estrangeiros e de Commercio e Agricultura, que agradeceram aos Membros d'aquelle Congresso os seus desvelos. A conferencia apresentou aos Ministros um projecto de convenio, e outro de regulamento internacionaes, que os Governos, que concorreram áquelle Congresso, deverão rectificar dentro do prazo de tres mezes. Os Medicos e Consules estrangeiros que assistiram ás conferencias foram condecorados pelo Governo Francez com a Cruz da Legião de Honra. Os Membros do Congresso deram um banquete de despedida, e abriram uma subscrição para dotarem o menino mais pobre que nasceu em Paris no dia 18 de Janeiro de 1852, no qual terminaram as conferencias.

Sousa Telles, Junior.



Centro de Doenças e Farmacêutica

PEÇAS OFFICIAES.

Ill.^{mo} Sr. — Por me não ter sido entregue directamente o n.º 11 do Jornal da Sociedade Pharmaceutica, aconteceu que so hoje 10 de Fevereiro me chegasse á mão; e deparando alli com uma formula de ensaio para reconhecer a falsificação do carbonato de magnesia do commercio, quando for feita com carbonato de cal, não posso deixar de tomar a liberdade de ponderar á Commissão, de que V. S.^a é Director, que aquella formula é viciosissima e

contraria a factos triviaes de Chymica analytica, e que pode attrahir censuras graves sobre uma Classe cujo exercicio profissional tem na Chymica o seu principal apoio. A formula diz assim: « dissolve-se a magnesia suspeita em acido nitrico, filtra-se o dissoluto, e tracta-se pelo oxalato d'ammonia. Se a magnesia é pura, não dará precipitado, ao contrario apparecerá oxalato de cal se existir « esta base. »

Esta formula contém dous erros; em primeiro logar o oxalato de cal é solúvel (e facilmente) no acido nitrico; e não se designando limite á addição d'aquelle acido, nem se mandando neutralisar o seu excesso (que pode havel-o e grande), é claro que tal precipitado não apparecerá, e que pode haver cal sem que o reagente a accuse.

Em segundo logar, suppondo mesmo que o liquido estivesse neutro, se o oxalato d'ammonia precipita egualmente a magnesia, como hade o operador discriminar a cal da magnesia no precipitado formado pelo reagente?

Em 24 d'Abril do anno passado, dando conta de um ensaio de magnesia que eu fizera, para esclarecer certa discussão que se ventilava na Sociedade, indiquei a formula racional d'este ensaio e que é a seguinte, a qual proponho para substituir aquella.

Dissolve-se o carbonato de magnesia suspeito, em acido chlorhydrico diluido, o qual expellindo o acido carbonico dissolve a magnesia, e a cal, se esta estiver misturada; neutralisa-se o excesso d'acido com ammonia (*) que formando chlorureto d'ammonia, o qual tem a propriedade de dissolver os saes insolúveis de magnesia, obsta a que esta seja precipitada com a cal pelo reagente.

Junctando oxalato d'ammonia ao liquido assim preparado, o precipitado que então se formar, é que so pode ser oxalato de cal. = De V. S.^a &c. &c. — José Alexandre Rodrigues.

(*) O acido chlorhydrico tambem dissolve o oxalato de cal.

Extracto das Actas das Sessões Litterarias.

Acta n.º 433, de 8 de Janeiro de 1852.

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.

Foi aberta a Sessão pelas 6 horas da noite, lida e approvada a Acta da antecedente.

O Sr. 1.º Secretario deu conta da correspondencia; e entre ella se fez menção de dous Officios dos nossos Delegados, na Ribeira Grande da Ilha de S. Miguel e em Mirandella, nos quaes relatam abusos de policia pharmaceutica, e pedem á Sociedade que solicite providencias.

O Sr. Presidente consultou a Sociedade acerca do destino que se devia dar a estes dous Officios. Fallaram os Srs., J. Tedeschi, Telles Senior e Junior; e a Sociedade deliberou que fossem remettidos á Commissão de Redacção, para serem publicados no Jornal, sob o titulo = *Abusos de Policia Pharmaceutica* =, e bem assim todos os que nos forem enviados n'este sentido. (Vide pag. 31 e 32.)

O Sr. João Felix Pereira remetteu a sua These defendida na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa, com o titulo « *Anesthesia Cirurgica* » pedindo o juizo critico da Sociedade. Esta assentiu gostosa ao pedido do Sr. Pereira, e deliberou que fosse ouvida uma Commissão *ad hoc*, formada dos Srs., Drs. Benevides e Beirão, e Ogando.

O Sr. Azevedo (Francisco) fez uma Proposta de Candidato para Membro Effectivo; a qual, considerada urgente, foi approvada, e admittido o Sr. Antonio José Moniz, Pharmaceutico residente em Lisboa.

Teve segunda leitura e discussão, o Parecer da Commissão de Historia Natural, acerca d'uma planta e sementes d'um vegetal, denominado « *Vomitorio purgativo* » remettido pelo Sr. Rebocho, nosso Delegado nas Caldas da Rainha. — Approvado. (Vide pag. 41.)

O Sr. Oliveira Senior agradeceu, em seu nome e no do nosso Consocio das Caldas, a brevidade e bom desempenho da Commissão d'Historia Natural.

O Sr. M. V. Jesus deu conta das observações que obtivera e havia sido encarregado pela Sociedade na prece-

dente Sessão, ácerca do sulphato de quinina; e terminou declarando que tendo, por espaço de quinze dias, submettido uma porção de sulphato á acção directa dos raios solares, este não se avermelhara; que não duvidava da veracidade do acontecido e anunciado na Sessão passada, mas que poderiam ter-se dado circumstancias pelas quaes desse logar áquelle phenomeno; e que entretanto continuaria a fazer mais algumas observações a este respeito.

O Sr. Telles Junior disse que os seus muitos affazeres o tinham inhibido de dar solução a outra identica missão de que fora incumbido na antecedente Sessão.

O Sr. Telles Senior propoz as questões seguintes: 1.º Qual dos methodos será melhor para preparar a pomada estibiada, e a pomada d'iodureto de potassio, se empregando os saes pulverisados ou solvidos n'agua distillada? 2.º Se, attendendo aos diversos estados da banha, pode esta ser substituida, na pomada d'iodureto, pelo ceroto d'espermaceti brando?

O Sr. Telles Junior lembrou a utilidade de se prepararem duas pomadas mercuriaes, uma pelo methodo ordinario, e outra com o protoxydo de mercurio, segundo a formula de Baresprung; a fim de se conhecer se os effectos seriam identicos. Lembrou que ninguem melhor poderia encarregar-se d'esta commissão que o Sr. Corrêa, como Pharmaceutico em Chefe d'um Estabelecimento aonde se podiam ensaiar e estudar os resultados do uso das duas differentes pomadas.

O Sr. J. D. Corrêa disse que não tinha a menor difficuldade em dirigir as preparações das pomadas que haviam sido indicadas pelo illustre Socio, mas que lhe parecia conveniente que a Sociedade solicitasse do Ex.^{mo} Sr. Enfermeiro-Mor o que acabava de ser proposto pelo Sr. Telles Junior. — A Sociedade auctorisou a Mesa para officiar n'este sentido.

Pelas 8 horas e meia fechou-se a Sessão.

Vicente Tedeschi,
2.º Secretario.

PHARMACIA.

Emprego de diversos preparados d'ammoniaco; pelo Dr. Cazenave.

O alcali volatil é; com seus compostos, um agente therapeutico quasi sempre muito activo; e que tem sido usado, com diversos titulos.

O sub-carbonato d'ammonia tem sido empregado vantajosamente em certas molestias de syphilis secundaria.

Mistura de Perilhe.

- Herva cidreira..... 125 partes.
 - Folliolos de senne..... 15 "
 - Agua 1000 "
- Infunda, cõe, e ajunte a 340 d'este infuso:
- Assucar..... 125 "
 - Carbonato d'ammonia.... 4 "

F. S. A.

Meio copo de 6 em 6 horas.

Servi-me com bom resultado, nas mesmas circumstancias, da formula seguinte:

Mistura ammoniacal.

- Xarope de mezereão..... 60,0
- Xarope de Tolú..... 125,0
- Carbonato d'ammonia..... 15,0

F. S. A.

Uma colher pela manhã e á tarde na syphilis consecutiva.

Por analogia, appliquei, n'estes ultimos tempos, proveitosamente, o sub-carbonato d'ammonia no tractamento de doencas de pelle, e contra as erupções d'especie chronica.

Xarope de carbonato d'ammonia.

Sub-carbonato d'ammonia... 2 gram.

Xarope sudorifico do Codex.. 200 "

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

Misture.

De uma a tres colheres de sopa por dia contra a *psoriasis* e a *lepra vulgar*.

Pomada mercurial composta.

Unguento napolitano	30,0
Cal extincta	8,0
Sal ammoniaco	4,0
Enxofre	4,0

F. S. A.

Esta pomada é usada no Hospital de Toulon, como o unguento napolitano no tractamento da syphilis. Tem a vantagem de manchar menos a roupa branca, e de não provocar a salivação (*Officine de Dorvault*).

Pomada de Gondret.

Sebo	30,0
Banha de porco	30,0
Derreta em frasco de bocca larga; e ajunte:	
Ammonia liquida	60,0

Agite-se o frasco fortemente na agua fria até ao resfriamento (*Codex*).

Esta pomada vesicante tem sido applicada com favoravel successo pelo Sr. Bielt no tractamento do *favus*.

Loção ammoniacal.

Ammonia liquida	1 gram.
Agua de sêmeas	500 "

F. S. A.

Para loções na acne sebacea.

Esta loção é que me tem produzido melhores resultados no tractamento d'esta especie tão rebelde, na acne. A ammonia é ainda um bom topico nas outras variedades, e especialmente na *acne indurata*; mas então convém diluil-o por exemplo em infuso aromatico de salva.

(*Annal. des mal. de la peau.*)

Corréa, Junior.

PHYSICA.

Synopse das observações meteorológicas do mez de Fevereiro de 1852, feitas na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa.

Temperatura media da atmosphaera	9°,4 R.
,, maxima ,,	11
,, minima ,,	8
Maxima variação diurna de temperatura	1
Pressão media da atmosphaera	762,32 ^{m.l.}
,, maxima ,,	774,69
,, minima ,,	741,67
Ventos mais dominantes	N. NE. SE.
Altura da agua no pluviometro	0,7 ^{pol. linh.}
Dia mais chuvoso do mez 14	0,5
Grau medio d'humidade no hygrometro	0°,4

Observações.

Se comparar-mos as condições da atmosphaera, representadas n'este mappa, com as que este mez costuma apresentar nos outros annos, vê-se que em Fevereiro de 1852 choveu muito menos do que tinha chovido em eguaes mezes dos annos preteritos, e que a pressão atmosphérica, representada pelo barometro, é muito superior a que costuma corresponder a este mez: quanto ao mais quasi que não ha differença alguma notavel a referir.

Pelo lado do estado sanitario de Lisboa podemos asseverar que as molestias, que tem apparecido, são mais assustadoras pela sua intensidade, do que pelo seu numero; ainda que as febres typhoides tenham apparecido com muita generalisação desde o meado do mez.

- As erysipelas tem substituido as escarlatinas; no pe-

queno Hospital de S. Lazaro, que tem apenas quarenta e quatro enfermos, houveram sete casos d'erysipelas, dos quaes quatro foram de face e cabeça, e um assaz grave. Incidentalmente notarei que os empregados mais antigos d'este Hospital tem observado que, tendo sido muito frequentes as erysipelas nos doentes d'esta casa; depois que tem feito uso do assacú, as erysipelas são rarissimas! Será o assacú para a erysipela o que a bella-dona se diz ser para a escarlatina?

Devo fazer uma rectificação ás considerações que junctei ao mappa do mez passado. Havia dito que não me constara que tivessem havido escarlatinas, epidemicamente, d'Alcântara para baixo; isto não é exacto: na Casa Pia sita no extinto Convento de Belém, segundo o testemunho do digno Medico d'aquelle Estabelecimento, houveram perto de cem casos d'escarlatina, alguns dos quaes foram lethaes. O Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa hade encarregar-se da descripção d'esta epidemia.

As apoplexias tem sido frequentes, algumas tão rapidas, que não deram logar a soccorro algum. No Hospital de S. José houve um caso de tetano n'ũa mulher que tinha uma ulcera na parte interna da tibia do lado direito; o osso estava descoberto, a doente falleceu. As condições atmosphericas concorreriam para o apparecimento d'esta terrivel e mortal complicação? Acredito que sim.

As pneumonias, e pleurisias tambem tem apparecido com aquella frequencia propria das molestias estacionarias.

Casa no Largo do Caldas, em 5 de Março de 1852.

S.^a Beirão.

da Ordem dos Farmacêuticos,

HISTORIA NATURAL.

Noticia resumida da Historia Naturalis-Palmarum de K. F. P. Von-Martius; continuada de pag. 50.

Os fasciculos vasculares, com relação aos elementos anatomicos, que os constituem, modificam-se nos diferentes pontos da sua extensão. Começam na base do cau-

dice, e na sua parte mais extensa, por serem filiformes, e compostos so de cellulas prosenchymatosas; vão depois engrossando por effeito de maior numero de cellulas prosenchymatosas e dos vasos, que se lhes vão ajuntando pelo lado interno; e além d'isso engrossam pela addição das cellulas da parte lenhosa, que vão egualmente apparecendo e augmentando em numero á medida que se observam os fasciculos mais superiormente. D'este modo succede, que na parte inferior dos fasciculos, e por consequente a mais externa dos caudices, deve predominar n'estes fasciculos o liber sobre a parte lenhosa, em quanto que na parte superior dos mesmos fasciculos, e por consequente na parte interna do caudice, o inverso deve succeder.

O auctor prova a origem utricular dos vasos, por observação feita nas palmeiras, e cita como mais proprios para essa observação o *Calamus draco*, a *Mauritia vinifera*, nos quaes cada utriculo chega a ter uma a duas linhas de comprimento, e um quinto de linha de largura, o que os torna mui proprios para permittir a observação da sua transformação em vasos.

O auctor faz tambem notar a relação ou conformidade quasi constante, que se observa existir entre as modificações, por que passam os vasos nos differentes pontos do seu trajecto, e as dos tecidos que lhe são adjacentes; ou entre as dos vasos e vasos, que se correspondem, ou se tocam. E' isto o effeito, segundo Mohl, de uma lei organogenica, que diz não ter sido assignada por outros phytotomos, e que elle faz derivar de outra lei, que exprime do seguinte modo: em duas cellulas adjacentes os poros de cada uma correspondem-se sempre por situação opposta.

A respeito dos poros e das fendas dos vasos ha a fazer a mesma observação, que ja fizemos para os das cellulas, isto é, que não existem realmente semelhantes poros ou fendas, mas são so apparentes. Teem além d'isso estes poros e fendas a mesma origem e natureza, que os das cellulas.

Comparando a estrutura do tronco das palmeiras com a dos troncos de outras monocotyledoneas, observa-se entre a de uns e de outros a maior analogia; é a estrutura que Moldenhawer observou, por exemplo, nas gramineas, é a que se vê nas liliaceas, e em geral nos caules de todas as plantas monocotyledoneas, com pequenas modificações para cada Ordem d'estes vegetaes. Em que não combinam porém a observação e opinião de Mohl com as de Moldenhawer, que são ao mesmo respeito as de Hayesiuss, de Link, e de Rieser, é quanto á existencia de camadas de liber especialmente acumuladas na parte peripherica dos caules das monocotyledoneas. Não as admite Mohl, como as admittem os outros citados observadores. O erro nasce, segundo Mohl, de terem tomado por camadas de liber as de tecido cellular existentes na parte externa do caudice, e cujas cellulas, variando entre a forma dodecaedrica e cylindrica, engrossam nas suas paredes, e dão assim a essas camadas uma apparencia particular, que as fizeram confundir com as do liber, mas que não teem a sua verdadeira natureza. Estas camadas de tecido cellular fazem, como já vimos, nas palmeiras o officio de cortex, sem que por isso possam confundir-se com o verdadeiro cortex das dicotyledoneas.

A comparação das monocotyledoneas com as dicotyledoneas conduz a fazer desvanecer a grande disparidade, que se suppoz haver nos caules das plantas de cada uma d'estas duas grandes divisões, ou deixa perceber melhor quaes são os pontos de contacto, as analogias, que aproximam a estrutura de uns e de outros. Assim o feixe de vasos, que nasce da base de cada folha, e que nas dicotyledoneas é conhecido com o nome de corôa de Du Petit Thouard, corresponde exactamente aos fasciculos vasculares das palmeiras, como em geral aos das plantas monocotyledoneas. Supponhamos, que estes feixes de vasos, em lugar de caminharem isolados por toda a espessura de tecido cellular e parenchymatoso do caule, pelo contrario se unem entre si, se anastomosam, se entrela-

çam na sua parte vascular, e se ajunctam em camadas circulares á roda de uma porção d'esse tecido cellular, que assim toma a forma de medulla; supponhamos ainda, que os feixes vasculares de nova formação, em lugar de se organisarem ao lado dos mais antigos, penetram entre o liber e o lenho d'estes ultimos, e de modo tal, que as novas camadas lenhosas se vão sobrepondo pelo lado externo ás mais antigas, e as do liber de modo semelhante se ajunctam á face interna das camadas de liber da formação anterior; e veremos os caudices das palmeiras, ou em geral os caules das monocotyledoneas, convertidos por este modo em caules de dicotyledoneas. Nas dicotyledoneas annuaes, ou herbaceas, nas quaes so ha fasciculos de uma formação, a concordancia entre a estrutura dos seus caules, e a dos caules das plantas monocotyledoneas torna-se por isso muito mais notavel.

Os fasciculos vasculares tiram a sua origem dos fasciculos fibrosos ou tecido prosenchymatoso, que lhes é por isso anterior em formação. Para este fim os utriculos ou cellulas alongadas, que formam os fasciculos fibrosos, se vão abrindo uns nos outros nos pontos em que se tocam, transformando-se assim a serie de cavidades cellulosas em uma unica cavidade alongada ou vascular. Nos caudices das palmeiras os feixes fibrosos, que hão de assim converter-se successivamente em fasciculos vasculares, existem accumulados na parte externa ou peripherica dos caudices. O engrossamento do caudice das palmeiras, como o dos caules de outras monocotyledoneas, era difficil de explicar na antiga supposição do crescimento endogeno; hoje torna-se de mais facil explicação esse engrossamento, admittida a estrutura e o crescimento peripherico, como Moldenhawer e Mohl mostraram existirem nas monocotyledoneas.

As raizes das palmeiras nascem da base do caudice entre as camadas dos fasciculos fibrosos e as dos fasciculos vasculares. Constam de radículas acylindradas, terminando por extremidades obtusas, e revestem-as pellos e algumas vezes aculeos. Succedem-se umas a outras em seu

nascimento, apparecendo as de nova formação ao lado externo ou logo acima das radiculas de formação anterior. A estrutura d'estas raizes é analoga á dos caudices: os seus fasciculos vasculares reúnem-se porém em um corpo unico, os vasos maiores tomam a posição do centro d'este corpo, e os vasos proprios á da periphèria; é o inverso do que succede no caudice. Não se observam vasos espiraes n'estes fasciculos. Os fasciculos vasculares das raizes ramificam-se por entre os fasciculos vasculares da base do caudice, sem continuarem com estes, até se desvanecerem na sua superficie exterior. Por um modo semelhante se prolonga, ramifica, e desvanece entre a parte fibrosa e externa do caudice a porção fibrosa e cortical da raiz, assim como e em sentido inverso o faz a parte fibrosa do caudice na correspondente da raiz.

Quando as raizes ou radiculas se ramificam, os ramos nascem uns dos outros, e estes do ramo principal, por modo semelhante áquelle por que vimos nascerem essas radiculas da base do caudice.

Em consequencia a opinião de Du Petit Touard, admitindo, que os fasciculos fibrosos e os vasculares das raizes são a continuação dos que existem no caudice, e que uns e outros se originam das gemmas-folhas, não combina com o que se observa a este respeito na estrutura das plantas monocotyledoneas.

As frondes das palmeiras constam quasi sempre de uma bainha amplexicaule, do peciolo, e da expansão superior membranosa. Quanto á estrutura, tem um mesophyllo formado de cellulas alongadas ou hexagonas, perpendiculares ou não á epiderme, contendo grãos de chlorophylla ou materia verde, e algumas vezes um succo hyalino: tem epiderme de cellulas quadrangulares, que ás vezes degeneram na forma rhomboidal e hexagona, dispostas por camadas, prolongando-se ou não em pellos, e guarnecidas de stomatos: tem finalmente fasciculos vasculares e fibrosos, que são a continuação dos do caudice, os quaes fasciculos entrando na bainha, no peciolo, e na expansão da fronde, ahi se ramificam, modificando-se na

sua estrutura de modo variado; succedendo, por exemplo, que os fasciculos vasculares degeneram ás vezes em fasciculos fibrosos, e os fibrosos em fasciculos vasculares. Estes fasciculos caminham na fronde isolados, ou se anastomosam nas suas ultimas divisões. São estes fasciculos fibrosos, accumulados na parte sub-epidermica da fronde, que alguns botanicos, como Meyen, confundiram com o liber das folhas das dicotyledoneas, mas erradamente, segundo Mohl, visto que a sua origem e natureza são diversas.

As nervuras das frondes das palmeiras, segundo a sua grandeza e posição, podem dividir-se em primarias, secundarias, e terciarias. As frondes compostas são-o desde o seu primeiro desinvoltimento, observando-se já então as divisões, que as hão de formar, unidas apenas por uma curta pubescencia. A composição d'estas frondes é o resultado da divisão feita na expansão folhosa sobre os lados das suas nervuras primarias.

Os raphides que dissemos não se observarem no caudice, encontram-se nas folhas e nas raizes das palmeiras. Meyen os confundiu com os pellos, ou como taes os considerou. O auctor confirma as observações de Turpin a respeito da forma d'estes raphides, que é a de crystaes prismaticos rectangulares e quadrilateros, terminados por pyramides; e tambem verificou as de Raspail, de Mayen, e de Kieser, quanto á existencia intracellular, e não intersticial d'estes raphides, como outros a suppuzeram.

As palmeiras, contra o que se tem pensado, podem ramificar-se, porque ramos são os espadices floraes, por que ramos com frondes se observam mesmo no *Phaenix dactylifera*, no *Chamerops humilis*, em diferentes especies do genero *Rhaphis*, e porque notavelmente ramificada é a palmeira *Hyphaene Doum*. Estes ramos costumam nascer da axilla das frondes.

Os espadices não devem considerar-se como frondes modificadas, nem as flores por conseguinte, que esses espadices sustentam, são modificações das pinnulas ou divisões das frondes. Os espadices são verdadeiramente ra-

mificações do caudice, e as flores ramos de segunda, de terceira, ou de ulterior ordem, igualmente modificados. As espathas, e as escamas que guarnecem os espadices, é que são frondes modificadas, correspondendo por sua situação a estas ramificações também modificadas em espadices. Effectivamente os espadices, apesar de uma estrutura, como teem, analoga á dos caudices, não nascem com tudo d'estes, como as frondes, por continuidade de fasciculos fibrosos e vasculares, mas por simples contiguidades d'estes fasciculos, como dissemos succeder a respeito das raizes, no modo porque derivam da base do caudice. O mesmo se deve dizer dos espadices, quanto ao modo e natureza da sua propria ramificação. As espathas porém, e as escamas, que guarnecem os espadices e as suas ramificações, por sua estrutura e modo de inserção, mostram toda a analogia com as frondes. A ramificação nos espadices das palmeiras toma a forma da ramificação das dicotyledoneas, por quanto em lugar de nascerem na axilla das escamas ou na das espathas, como dissemos que nasciam os ramos das palmeiras da axilla das frondes, ficando por isso n'essa origem cobertos estes ramos pelas bainhas respectivas, nascem ao contrario os ditos espadices e as suas ramificações afastadas das escamas e espathas respectivas.

As espathas podem considerar-se como frondes, em que vão confundidos a bainha, o peciolo, e a expansão superior membranosa, ou como frondes reduzidas a uma so d'estas partes, a bainha, por exemplo. As espathas podem ser simples, duplas, triplas, ou multiplas para cada espadice.

Nas flores das palmeiras o perigoneo é duplo; o externo ou calice é formado de tres peças livres, ou mais ou menos adunadas, e o interno ou corolla de outras tres, mas com apparencia e côr geralmente mais calicina de que petaloide. Estas divisões do perigoneo são notavelmente pequenas e engrossadas, especialmente as internas, que podem ser além d'isso carnosas, coriáceas, lenhosas, ou escariosas; não são caducas, mas persistem

com o fructo, desinvolve-se com elle, e so junctas com o mesmo fructo é que a final se separam. A estrutura do perigoneo corresponde á das folhas, e na corolla encontram-se cellulas aereas e cellulas com raphides.

Nos estames é para notar a grandeza das antheras, proporcionalmente muito maiores que os filetes. Estas antheras são quadriloculares, formadas de epiderme e de endothecio, como n'outros vegetaes; notando-se além d'isso a existencia n'este endothecio de cellulas alongadas e em forma de fibras, com a disposição parietal, annular, ou reticular, que se observa em outros casos. Estas cellulas alongadas não foram descobertas por Meyen e Purkingius, como se suppoz, mas, segundo observa Mohl, ja foram assignaladas por Mirbel. As cellulas pollinicas nem sempre são formadas de duas membranas, mas algumas vezes nas palmeiras constam de uma so, em prega, e que a humidade facilmente desdobra pelo entumescimento da cellula.

Os ovarios teem em todas as palmeiras a maior uniformidade de estrutura. São tres em cada flor, livres ou adunados, e formam os folhas carpellares adunadas pelos bordos, ás vezes porém de modo incompleto, e deixando por isso aberturas ou fendas na sua parte superior, isto é, nos pontos aonde as folhas carpellares não chegaram a unir-se. Cada ovario é unilocular, contém um ovulo inserido por cordão umbilical, ou sem elle, á linha mediana da folha carpellar e nunca aos seus bordos; estes ovulos são alevantados ou remontantes, e na sua estrutura nada se encontra, que não seja commum á estrutura dos ovulos de outras ordens de vegetaes.

No desinvolvimento dos ovarios, e na sua transformação em fructos, o auctor mostra do modo o mais claro como a organização primitiva d'este ovarios se modifica para dar as differentes formas de fructos, que se observam nas palmeiras. Assim, por exemplo, se as cellulas, de que consta a substancia do ovario, conservam as membranas que as formam na sua primitiva consistencia branda e espessura tenue, o fructo resultante do desinvolti-

mento d'este ovario será uma baga. Se na parte central do ovario as células endurecem por sobreposição de camadas membranosas, que se vão adicionando ao lado interno de suas paredes, essa parte central se transformará em caroço, e o fructo será uma drupa. Se o parenchyma central do ovario, em vez de endurecer todo á roda das tres sementes, endurecer isoladamente á roda de cada uma, o fructo se tornará uma baga tripyrenne. Pode tambem endurecer cada carpello na sua parte externa e peripherica, e os tres carpellos assim adunados formarem em fructo duro e dividido internamente em tres loculos, separados uns dos outros por septos membranosos. Do mesmo modo podem apparecer modificações intermedias ás referidas. Tanto a parte endurecida, como a carnosa dos fructos, é percorrida por fasciculos vasculares e fibrosos na generalidade dos casos; algumas vezes porém succede faltarem estes fasciculos no caroço, como no genero *Manicaria*; e outras vezes são tantos, que a parte simplesmente cellulosa no fructo torna-se quasi nulla. O endocarpo adhire intimamente ao corpo da semente, sendo communs para ambos os fasciculos vasculares, as quaes formam rede tanto sobre o endocarpo, como no tegumento das sementes. Este tegumento é sempre simples nas palmeiras, não obstante a asserção contraria de Gaertner. As células dos ovarios apparecem ás vezes cheias de raphides; as dos tegumentos das sementes enchem-se de uma materia particular avermelhada: nas do albume nunca existe amydo, muitas vezes porém se observam estas células cheias de materia oleosa; nas células do embrião não apparece nem amydo, nem outro conteúdo solido.

As sementes das palmeiras, por effeito da posição diversa do embrião em cada uma, podem ser orthotropas, camphylostropas, ou anatroas. O albume aloja o embrião em uma escavação proxima da sua peripheria. Na porção do albume, que tapa esta escavação, e que lhe serve de operculo, as células são mais diminutas, e formadas de membranas mais tennes, do que nas outras partes do mesmo albume.

A radícula no embrião está virada para a parte externa da semente, e é involvida pelas cellulas do cotyledon. A plumula tambem fica involvida no cotyledon, mas não é totalmente encoberta por elle, porque existe na sua superficie externa uma pequena fenda, que corresponde exactamente á situação da dita plumula. No ponto, que separa a radícula e a plumula, ou no nó vital do embrião, observa-se a rede vascular, d'onde partem os fasciculos vasculares rudimentares, que se distribuem na radícula, na plumula, e no corpo cotyledonar. A plumula consta de dous ou tres foliolos ou bainhas, que se vestem reciprocamente. Pela germinação os primeiros foliolos, ou os mais externos chegam apenas a ter o desinvolvimento das bainhas das frondes, e so os outros, é que alcançam todo o desinvolvimento proprio d'estas frondes. A germinação da semente executa-se além d'isso do seguinte modo. As cellulas do albúme atrophiam-se e desapparecem á medida que o embrião se desinvolve e cresce; nos fasciculos vasculares em rudimento ou apenas formados de cellulas alongadas vão-se formando os vasos espiraes; a radícula rompe as cellulas cotyledonares, que a encobriam, para se transformar em raiz; a plumula adquire o seu desinvolvimento de modo semelhante, não rompendo com tudo cellulas de cotyledon, mas sahindo atravez da fenda que n'elle lhe corresponde em posição. E d'este modo cada elemento organico, continuando o seu respectivo desinvolvimento, levará as differentes partes do embrião ao grau de organisação, que é proprio da planta adulta.

Viagens, herborisações, e hervasrios; pelo Sr. J. L. M. Polret;
continuado de pag. 54.

Hervario.

Não ha, depois das herborisações, occupação mais agradável ao Botanico que a da formação d'um hervario: n'elle colloca methodicamente as brilhantes conquistas de suas excursões, e com ellas as mais dōces recordações; é o

jornal de seus passeios campestres, e das circumstancias notaveis que os acompanharam. A' vista de tal planta, se apresenta logo esse rochedo que nos foi necessario subir para a colhermos; esse lago que contornámos; esses cêrros, essas risonhas paizagens que percorremos — é o quadro d'uma feliz e longa existencia. Um hervario, formado pelas mãos de seu possuidor, é, sem duvida, motivo d'emoções agradaveis e preciosas.

Debaixo do ponto de vista scientifico, um hervario é d'uma necessidade indispensavel, para nos lembrarmos das plantas que observámos; para nos offerecer o meio de as estudar em todos os tempos e estações; de as ter constantemente á nossa disposição; de as poder comparar entre si; e, finalmente, d'estabelecer a ordem geral e as distribuições particulares que se julgam convenientes. No campo, assim como nos jardins, não se pode vêr senão um certo numero de plantas ao mesmo tempo, no estado proprio para serem observadas, por causa das diversas epochas de seu desenvolvimento e florescencia; ao passo que um hervario offerece grandes recursos para o seu estudo: e com effeito, quando as flores d'estas plantas não são d'uma pequenez extrema, podem-se, submettendo-as durante algum tempo ao vapor d'agua fervendo, amollecêr suas partes, abril-as depois, affastal-as com a ponta d'um estylete ou alfinete, e observar sua verdadeira estrutura, o numero, a forma, a posição de seus órgãos sexuaes; para o que não é necessario mais que alguma destreza, habito, tempo, e paciencia.

Vê-se por isto a grande utilidade d'um hervario para aquelle que quer alongar seus conhecimentos no estudo dos vegetaes; e quanto é precioso, para o Botânico, uma collecção de plantas sêccas, comprehendendo, por um lado, tudo quanto se tem podido colhêr nos jardins e no campo, e por outro, tudo que se houver obtido dos paizes estrangeiros, seja pelas viagens, seja por correspondencias com as pessoas que se dão ás mesmas observações: além d'isto a vantagem mais evidente, na formação d'um hervario, consiste em colhêr, preparar e deseccar por si mes-

mo, tanto quanto é possível, as plantas que o compõem. Sobre o prazer d'esta agradável occupação, e da posse dos objectos, este trabalho forma insensivelmente o golpe de vista dos que se entregam a similhante occupação, e o põe em estado de reconhecer ao primeiro lança d'olhos as plantas, sem dependencia do conhecimento dos respectivos caracteres: entretanto, como não podemos tudo colher, por nós mesmos, sente-se quanto é util conseguir, por troca ou correspondencias, as especies que faltam para completar um genero, ou as que constituem generos particulares.

Para que um herbario apresente este grau d'utilidade que acabo d'expôr, é essencial escolher bem as amostras que propozermos dessecar; convido sobre tudo evitar colher individuos alterados por certas circumstancias, fragmentos desfigurados, monstruosidades que nos enganariam, se determinassemos depois a forma e a proporção das partes, segundo estes individuos de ma escolha. Se, por exemplo, se tomar o rebentão d'uma arvore nova, ter-se-hão muitas vezes folhas pelo menos uma vez maiores do que as da mesma arvore, tomadas d'um individuo na sua grandeza natural; se colhermos uma planta que o acaso pode fazer encontrar em um logar sêcco e montuoso, a qual aliás é propria dos logares baixos e humidos, teremos um individuo mesquinho e fraco, que se offerecerá debaixo d'um aspecto que não lhe é natural, e a descripção que se fizer, segundo este individuo alterado, será defeituosa quando se comparar com os caracteres que apresentará a mesma planta tomada em seu verdadeiro logar natal; em fim, é preciso que da mesma arvoredinha não apanhemos ao acaso a primeira amostra que se nos apresentar, antes deveremos escolher uma ou mais que tenham perfeitamente a apparencia e os caracteres naturaes á planta, e que não seja nem desfigurada por accidentes, por uma superabundancia de seiva, nem arruinada por insectos, ou devorada em parte pelo gado, &c. A experiencia forma em pouco tempo o golpe de vista necessario para uma escolha tão importante.

Convém que as plantas sejam, tanto quanto for possível, recolhidas para o herbario com todas as suas partes, flores, fructos, folhas, raizes, &c.: se as plantas são muito grandes, dividem-se em porções da grandeza do papel, que deve ter pelo menos dezeseis pollegadas de comprido sobre oito de largura, tendo cuidado de numerar cada porção, que se colloca, em uma folha á parte; quando porém não pode ter logar este methodo, não se deve pelo menos deixar de conservar as partes mais essenciaes das plantas, as que as caracterisam, taes como as flores e os fructos, as folhas superiores, inferiores e mesmo as radicaes, que teem muitas vezes uma forma differente. Não se cortarão, das amostras muito volumosas, senão os ramos ou as folhas, para assim se facilitar a dessecação; mas, n'este caso, é necessario que se possa distinguir a familia, a fim de não destruir o character da foliação e ramificação. Pode-se prescindir das raizes, uma vez que não seja possível entrarem no herbario, e não offerecerem cousa alguma de particular; bastando tomar nota, o que se não deve jamais esquecer: em quanto ás arvores, das quaes grande numero florescem nos primeiros dias da primavera, antes d'apparição das folhas, e não dão o fructo senão no outono, é necessario ser exacto em recolher suas differentes partes, nas estações proprias, e reunil-as no herbario.

E' assás vantajoso não colher plantas senão quando o tempo está muito sêcco, e que o sol tenha feito desaparecer toda a humidade: as plantas molhadas seccam-se mal, ennegrecem ou apodrecem, se, na sua dessecação se não tomam precauções particulares; mas como ha circumstancias em que se não pode escolher o tempo, e que é necessario aproveitar os momentos favoraveis para colher certas plantas que nem sempre temos á nossa disposição, convém saber, que com algum cuidado, se consegue seccar plantas, colhidas mesmo durante a chuva, tão bem como as que se apanham nos tempos sêccos. Basta para isto multiplicar as pressões, com pequenos intervallos, sobre tudo quanto ás primeiras; tendo especialmente em

vista de não metter as plantas na prensa, antes de lhes haver limpado a humidade exterior, passando-as, muitas vezes seguidas, por entre pannos brancos ou papeis sêccos e sem colla, que se comprimem unicamente com a mão, mudando-se immediatamente.

As plantas aquaticas e marinhas, que somente se podem apanhar na agua, exigem uma preparação particular: é necessario, depois de se terem tirado d'agua, laval-as bem, para lhes separar os limos de que muitas vezes estão cobertas; deixando-se as plantas marinhas algumas horas em agua doce, que se mudará muitas vezes, a fim de fazer dissolver o sal de que se acham impregnadas: sem esta precaução, a planta, ainda que sêcca na apparencia, atrahiria pouco depois a humidade do ar, alterar-se-hia, e corromperia as outras; convindo, antes de as metter na prensa, tel-as, durante algum tempo, em pannos bem sêccos, e não lhes fazer soffrer se não uma mediocre pressão. As que são molles, e divididas em filamentos capilares, como a maior parte das confervas, &c., exigem tambem uma preparação peculiar. Seria difficil dispôr-as convenientemente sobre o papel; mas isto se consegue com maior facilidade pondo em um vaso cheio d'agua, de bocca larga, os individuos que se pertendem conservar; desinvolve-se e se estendem em sua posição natural: então introduz-se no fundo do vaso a folha de papel destinada a recebê-los, que se vae tirando pouco a pouco até que chegue á superficie d'agua; põe-se então a planta sobre o papel, estende-se na ordem de suas ramificações, e fica collada. Quando por acaso se altera esta ordem, remedeia-se dispondo as ditas ramificações com a ponta d'um estylete; deixa-se seccar o papel ao ar, e quando está quasi sêcco, faz-se-lhe soffrer, entre muitas folhas de papel, uma ligeira pressão, para evitar que se inutilise. E' d'esta maneira que se compõem estes bellos quadros das mais delicadas plantas marinhas.

Para bem seccar as plantas, é necessario provêr-nos de uma porção de papel pardo pouco collado: forma-se primeiramente uma camada de tres ou quatro folhas de pa-

pel bem sêcco, estende-se uma planta com cuidado, e, quanto for possível, em sua posição natural, desinvolvendo todas as suas partes de maneira que se não misturem umas com as outras. Por isto, é necessario ou desbastar alguns ramos, ou introduzir, entre as partes que se tocam, um bocado de papel; precaução precisa, com particularidade para as petalas e os órgãos sexuaes: podem-se abrir ao comprimento as hastes muito espessas ou duras; fazendo o mesmo sobre alguma porção separada, a fim de que se possa reconhecer o canal medullar e a disposição da medulla. O involtorio de certo composto de flores grandes deve ser submittido á mesma operação, porém de maneira que restem muitos flosculos e sementes; acham-se com precaução, e, á medida que murcham as hastes das plantas herbaceas; em geral, é necessario evitar a grossura, e os altos e baixos, que impediriam a compressão sobre todas as partes da planta. Não devemos deixar de ajunctar, ás amostras das arvores ou arbustos, bocados de casca tirados do tronco, os ramos e ramusculos, com numeros que indiquem a que parte da arvore pertencem; e além d'isso ter cuidado de seccar separadamente as diferentes partes das flores, o involtorio, a corolla aberta e fendida, quando é monopetala, os órgãos sexuaes, &c.

Submettem-se momentaneamente, com laminas de chumbo, as partes resistentes das plantas, em quanto se arranjam as outras; não se precisando tirar as referidas laminas, senão depois de ter coberto a planta com uma nova folha de papel, que se tem em uã mão, em quanto com a outra se tiram as laminas. Forma-se uma segunda camada de papel, semelhante ao primeiro, para n'ella se collocar uma nova planta, e assim successivamente até se arranjarem doze a quinze; cobrem-se com uma prancha da grandeza do papel, e se forma por cima uma pilha igual á primeira, e assim em diante até que se haja disposto toda a colheita. As pranchas impedem a communição da humidade de uma pilha com outra, e tornam a pressão mais igual; carrega-se este todo com algum corpo pesa-

do, ou nos servimos de uma prensa, cuja força se gradua á vontade.

O effeito d'esta operação, consiste em uma prompta dessecção; mas para o obter é necessario que as plantas se mudem muitas vezes de papel, até que estejam perfeitamente sêccas, não se devendo deixar mais de doze a quinze horas as primeiras vezes, vinte e quatro e mais á medida que se approximarem da dessecção. Como ha plantas mais ou menos seccas ou grossas, convém compôr cada maço de plantas quasi da mesma consistencia, taes como as gramineas e os fetos, que se seccam muito rapidamente, sobre tudo quando estão sós; porque, se as misturam com outras mais limosas, participam da sua humidade.

Para mudar as plantas de papel, tornam-se indispensaveis algumas precauções: ha muitas que se estragam apenas se tocam ou que se collam no papel a tal ponto, que é quasi impossivel deslocal-as sem as arruinar. O meio de evitar este inconveniente, é levantar com precaução a folha que as cobre, começando pela inferior e segurando com uma faca as partes da planta que veem com a folha superior; feito isto, torna-se a cobrir com um papel sêcco a planta que ficara sobre o primeiro papel, que se volta collocando a nova folha por debaixo, passa-se a mão por cima apoiando-se n'ella ligeiramente, e depois, com as mesmas precauções, levanta-se a folha molhada. Por este meio, a planta se acha sobre um novo papel sem se ter desordenado.

A primeira pressão deve ser fraca: não se tracta senão de submeter as plantas; pois do contrario se extravasariam os succos, machucar-se-hia a planta, e a faria negra; as seguintes serão gradualmente, diminuindo-se á medida que se notar que a planta caminha para a sua dessecção: pode-se, antes de as metter na prensa, deixar por um pouco murchar as plantas, cujas folhas são asperas e duras, como as dos cardos, &c. Estas submettem-se com mais facilidade; outras ha, ao contrario, que amollecem e murcham rapidamente, as quaes exigiriam ser

dispostas logo que se colhem, taes como a nicociana, as armólas, &c.

Depois de se terem mudado as plantas do papel, é bom deixal-as expostas, durante algumas horas, á livre circulação do ar, antes de as comprimir de novø. Os musgos, as gramineas, as folhas de muitas arvores, seccam-se muito depressa; porém as plantas limosas exigem mais cuidados. Ha pessoas que, para apressar a dessecação, passam diferentes vezes um ferro quente sobre os papeis que cobrem as plantas; outros as põem uma ou duas horas no forno, cujo calor possa a mão supportar; mas estes meios tornam muitas vezes as plantas quebradiças. O Sr. de Lamarck usa picar com um estylete ou agulha as partes tenras e succulentas d'estes vegetaes, cujo succo vasa assim ligeiramente; porém, para não cahirmos em erro, é necessario notar no herbario a origem d'estes furos. Ha algumas d'estas plantas limosas, que ainda depois de comprimidas, se conservam vivas, continuam a vegetar, e florescem apezar das pressões que se lhes dá; mas este inconveniente se evita, mergulhando-as durante alguns momentos n'agua fervendo, antes de proceder á sua dessecação: murcham-se pelo processo indicado pelo Sr. de Clairville no *Botaniste sans maître*.

Uma planta bem sêcca deve ter flexibilidade em todas as suas partes, e conservar a côr de suas folhas e petalas; mas estas, quando são de côr vermelha, violeta ou azul, alteram-se muito frequentemente, qualquer que seja o cuidado que se toma na sua dessecação. Alguns todayia empregam o meio seguinte: depois de se ter disposto a planta no papel, da maneira que fica indicado, cobrem a pilha com outras folhas de papel, sobre as quaes deitam uma camada d'arêa fina, na altura d'uma pollegada, expondo-a assim, durante muitos dias, ao calor do sol; a humidade desaparece ao travez dos intersticios que deixam os grãos d'arêa, e sendo por este modo a dessecação mais prompta, as côres se conservam melhor.

Nas longas excursões e viagens, nem sempre é possível, para seccar as plantas, tomar todas as precauções

até aqui expostas; e n'este caso é preciso conformar-mo-nos com as circumstancias, ser menos severo no arranjo dos individuos, e supprir do modo possivel as commodidades que nos faltam. Quando as minhas excursões tinham de durar muitos dias, costumava levar, além da caixa de folha de Flandres, uma carteira cheia de papel pardo, na qual, á medida que as colhia, ia collocando as plantas mais difíceis de conservar; á tarde vasava a caixa, dividia os papeis em muitos maços bem apertados entre os dous cartões, e os collocava á noute entre meus colchões; de dia, se estava em um carro, introduzia-os debaixo das almofadas dos assentos. O calor do corpo humano secca as plantas com admiravel promptidão, sobre tudo se ha facilidade de as mudar de papel; e, no caso contrario, é necessario fazer os maços mais pequenos.

Quando as plantas estão perfeitamente sêccas, põem-se n'um papel grosso cada uma em sua folha, ou suspensas unicamente por alguns alfinetes, mas sem as col-lar; os musgos porém se fixarão com uma pouca de goma alcatira dissolvida em agua, ajunctando-lhe uma porção de musgo solto dos troncos das arvores, para conservar a apparencia d'estas plantas: não sendo necessario apressar-mo-nos em arranjar as plantas no herbario, antes conviria tê-las ainda algum tempo á parte, carregando os maços com um peso ligeiro, para impedir que se encrespem. Ainda que bem sêccas pareçam as plantas, não é raro conservarem ainda alguma humidade nas hastes, e em outras partes espessas; e por isso convirá, á medida que as plantas entram no herbario, espalhar nos maços camphora pulverisada, pimenta, ou qualquer outro aroma proprio, para affastar os insectos, pelo menos durante algum tempo. Estes insectos destruidores fazem a desolação do Botânico: todavia evitam-se visitando o herbario muitas vezes; mas como esta operação não pode ser repetida frequentemente, quando as colleccões são consideraveis, n'este caso o melhor meio é passar ligeiramente, sobre cada planta, com pincel molhado n'um soluto de sublimado corrosivo em espirito de vinho. O

herbario deve ser collocado em lugar sêcco e á sombra tanto quanto for possível: ha porém alguns que o põem em caixas, outros que o teem ao ar, disposto por ordem em estantes, em maços de mediocre grandeza; sendo este meio mais facil para as indagações, e aquelle mais favoravel para a conservação das plantas. Cada planta deve ter um rotulo, fixado com um alfinete, contendo seu nome generico e especifico, seu logar natal, o jardim d'onde veio, e, se é planta cultivada, o nome da pessoa que nol-a deu sobre tudo se nos foi offerecida por um Auctor, e se está mencionada em suas obras; convido accrescentar um numero áquellas que foram colhidas por nós, e se remettem a um Jornal, no qual serão consignadas nossas observações particulares.

O estudo dos fructos é tão importante para o perfeito conhecimento dos vegetaes, que sem elle se torna quasi impossivel poder determinar os caracteres mais essenciaes d'um grande numero de generos: é verdade que este conhecimento se suppre pelo exame do ovario, mas quasi sempre d'ua maneira assaz imperfeita; por outro lado, é impossivel poder metter em um herbario os fructos de grande numero de plantas, e d'aqui vem a necessidade de fazer uma collecção particular, collecção muito desprezada, e todavia não menos preciosa do que a do herbario, devendo ser disposta na mesma ordem, que será conservada nas caixas ou vasos separados, segundo a natureza e grossura dos fructos, com um letreiro designando o nome do fructo que contém cada caixa. A maior parte d'estes fructos não exigem outro cuidado que o de serem colhidos na epocha da sua maduração; porém ha alguns de mui difficil conservação, taes como as bagas, os fructos polposos, carnudos, aquosos, &c. E' necessario fazel-os seccar o mais possível, expondo-os ao sol, ao calor moderado de um forno, na arêa bem sêcca, &c.; sua forma exterior desapparecerá, porém ao menos suas sementes serão conservadas, assim como o numero e a disposição dos septos: quando os quizermos estudar, será sufficiente pôl-os, durante algum tempo, a humedecer em agua tepida.

Como os jardins botânicos e outros não se enriquecem senão pelas sementes, colhidas em diferentes paizes, terminarei por algumas observações sobre a colheita, conservação, e expedição das mesmas sementes. O momento de as colhêr, é quando estão bem maduras, o que facilmente se reconhece, todas as vezes que os fructos se despegam sem esforço de seus pedunculos, ou estes do ramo a que estão presos, podendo ainda cortar-se transversalmente, para nos certificarmos se o caroço é solido, e o germen está completamente formado: então nos muniremos de certo numero de papeiços, dispostos para encher cada um d'elles de sementes particulares, sobre tudo d'aquellas que escapam facilmente de seus septos; sendo necessario ligar com um fio as capsulas ou siliquas que contem as sementes muito miudas, e que se desprendem facilmente.

Convém conservar as sementes em suas capsulas, cascas, siliquas, &c., e mesmo em seus fructos, quando a respectiva pólpa é de natureza de se poder seccar; com tudo, se d'aqui resultasse um volume muito consideravel, não haverá grande inconveniente em a desprender uma parte das sementes de seu pericarpo. Estender-se-hão e se deixarão seccar á sombra, durante algum tempo, as sementes ou os fructos recentemente colhidos, para fazer dissipar a humidade superabundante que contem; sem o que, reunidas em massa, fermentariam, e o germen pereceria.

As sementes duras, osseas, coriáceas e oleosas, como as de louro, murta, palmeira, castanheiro, carvalho, e outras, que perdem a sua propriedade germinativa em menos de seis semanas, quando não podem ser semeadas ou chegar antes d'este tempo ao seu destino, serão postas, camada por camada, em caixas cheias de musgo e d'uma pouca de terra, com a qual se sustentará a humidade: estas caixas terão uma tampa, que se abrirá á vontade, serão expostas tanto quanto for possível ao ar livre, no tempo bom. As outras sementes serão mettidas em saccos de papel grosso, e enviadas ao seu destino o mais

breve possível, ou conservadas com cuidado nos lugares sêccos, para serem empregadas opportunamente.

J. D. Corrêa.

DIREITO PHARMACEUTICO PORTUGUEZ.

Chronologia de todas as Leis, Decretos, Alvarás, e Portarias, relativas aos Pharmaceuticos, desde a Fundação da Monarchia Portugueza; continuada de pag. 57.

N.º 68.

Eu ElRey faço saber aos que este Alvara virem que avendo respeito ao que pela petição atraz escrita me enviaraõ dizer os officiaes da camara de vila de Cende e visita a emformação que se ouve do provedor da Comarca da Cidade do porto e seu parecer. Bei por bem e me praz que eles posão dar das rendas da Camara da dita Villa quatro mil reis cada anno a fulgencio Soares boticairo por aestir e ter nella botica e mando ao dito provedor que nas contas que tomar cada anno aos ditos officiaes da Camara lhes leve em despesa os ditos quatro mil reis constandolhe como o dito boticairo assiste com a dita botica na dita villa e cumpra e guarde este Alvara como se nelle contem o qual me pras que valha tenha forsa e vigor posto que o Efeito delle aja de durar mais de hum anno sem embargo da Ordenaçãõ em contrario. miguel de asvedo o fes em Lixboa a quatro de julho de mil seis centos vinte tres. gaspar da costa o fes escrever.

(Livro 9.º da Chancellaria de FILIPPE III. = a folhas 310.)

N.º 69.

Eu elRey faço saber aos que este alvara virem que avendo respeito ao que me enviou dizer per sua petição atraz escrita joaõ de Sousa fagundes boticairo morador na cidade de angra da ilha terceira e vista a informaçaõ que se ouve do Corregedor da Comarca das ilhas dos açores

en que ovio os officiaes da camara da dita cidade os quaes naõ tem duvida a se lhe dar cada anno o partido que na dita petiçaõ pede pello trabalho de aestir com a sua botica na dita cidade ei por bem e me praz que das Rendas da camara della naõ entrando nisso a minha terça se dem ao dito joaõ de Sousa fagundes quatro mil reis de ordenado cada ano per residir na mesma cidade e acudir cõ as mezinhas de sua botica aos emfermos della con declaração que sucedendo aver na dita cidade algum mal contagioso senaõ saira della nẽ desemparara a dita botica e mando ao dito Corregedor e Officiaes da Camara que ora sam e ao diante forem lhe façam pagamento cada ano dos ditos quatro mil reis que seraõ levados em conta pela pessoa que a tomar das ditas Rendas constando que elle os Recebe e cumpraõ e façaõ cumprir este alvara como se nelle contem o qual me praz que valha tenha força e vigor posto que o effeito delle aja de durar mais de hum anno sem embargo da Ordenaçãõ em contrario. manonel do rego o fez em lixboa a dezanove de agosto de mil e seis centos vinte e seis. manonel fagundes o fez escrever.

(Livro 31.º da = Chancellaria de ELIPPE III. = a folhas 138 v.)

N.º 70.

Eu elRey faço saber aos que este alvara virem que avendo Respeito ao que por sua Carta me enviaraõ dizer os officiaes da Camara da villa de chaves que para pagamento de dois medicos que nella assistiaõ se lancavaõ no cabeçaõ das Sisas por minha provisãõ trinta mil reis e por naõ aver boticario na dita villa senaõ podia acudir aos enfermos que por aquellas partes eraõ muitos por cujo respeito se tinham contratado com francisco alvres boticario morador em berim Reino de galiza para assentar botica na mesma villa com declaraçãõ que averiaõ licença minha pera se lansarem des mil reis em cada hum anno no cabeçaõ das sizas della vista a necisidade que tinham de botica e seu Requerimento e a informaçãõ que mandei tomar pello provedor da Comarca da villa de gimarãis e seu pa-

recer ei por bem e me pras que no cabeção das Sizas da dita villa se lancem cada anno mais os dez mil reis de que fazem menção pera pagamento do dito boticario en quanto nella o ouver o que assim me pras visto constar pela dita informaçãõ não haver Rendimento bastante no Conselho da dita villa para esta despeza se fazer com declaraçãõ que avendo boticario christãõ velho se lhe de antes a elle o dito partido que a outra pessoa de nação e mando ao dito provedor que ora he e ao diante for que constando-lhe por conhesimentos asinados pello dito boticario serlhe feito pagamento dos ditos des mil reis os leve en conta quando tomar as do Conselho da dita Villa de chaves os quaes se não despenderãõ en outra alguma couza e cumpra este alvara como se nelle contem o qual se Registara no livro na Camara da dita villa e o proprio se pora no Cartorio della para a todo o tempo se saber como assim o ouve por bem e este me pras que valha tenha força e vigor posto que o effeito delle aja de durar mais de hum anno sen embargo da ordenaçãõ em contrario antonio de morais o fez em Lisboa a vinte de abril de mil e seis sentos vinte sete gaspar da costa o fes escrever.

(Livro 15.º da = Chancellaria de FILIPPE III. = a folhas 325 v.) (Continúa.)

PEÇAS OFFICIAES.

Centro de Documentação Farmacêutica

MINISTERIO DOS NEGÓCIOS DO REINO.

da Ordem dos Farmacêuticos

Sua Magestade a RAINHA, Attendendo ao que Lhe foi representado pelo Governador civil do districto de Lisboa, e á necessidade de regular a execuçãõ do artigo 26.º do Decreto de 3 de Janeiro de 1837 no que respeita ao producto das multas impostas por transgressões de policia medica;

Considerando, que aos escrivães das visitas de policia medica, por não serem funcçionarios publicos do quadro

da repartição de saúde, não são applicaveis as disposições do artigo 43.º, do citado Decreto;

Tendo em vista as disposições do §. unico do artigo 286.º, e as do artigo 385.º do Codigo administrativo, e as do titulo 3.º capitulo 3.º artigo 4.º §. 3.º n.º 9, e titulo 7.º artigo 1.º n.º 2 da tabella dos emolumentos judiciaes: e

Conformando-Se com o parecer do Conselheiro procurador geral da Corôa; Houve por bem Resolver o seguinte:

1.º — Os peritos, que intervierem nas visitas, ou diligencias de policia medica fóra da capital, haverão de emolumentos cada um *oitocentos réis*, além do caminho, que lhes será contado, quando sairem fóra da cidade, villa, ou lugar do seu domicilio;

2.º — O escrivão da diligencia terá de emolumentos por cada auto de exame, ou vistoria *quatrocentos e oitenta réis*;

3.º — Estas quantias serão deduzidas do producto das multas impostas, e arrecadadas nos termos dos artigos 26.º e 27.º do Decreto de 3 de Janeiro de 1837.

O que se participa ao Conselho de saúde publica para seu conhecimento e devidos effeitos. Paço das Necessidades, em 4 de Março de 1852. — *Rodrigo da Fonseca Magalhães.*
(*Diario do Governo n.º 57.*)

Sua Magestade a RAINHA, Querendo prover á melhor execução da Portaria regulamentar de 4 do corrente, acerca dos emolumentos dos peritos, e escrivães de diligencias de policia sanitaria, e da applicação do producto das multas, que nellas se impuzerem; — e Conformando-Se com o parecer do Conselheiro procurador geral da Corôa, Manda declarar ao Conselho de saúde publica, para seu conhecimento, e devidos effeitos:

1.º Que devendo os peritos em Lisboa ser os vogaes do mesmo Conselho, nos termos do artigo 24 do Decreto de 3 de Janeiro de 1837, que no artigo 43 lhes prohibe receber qualquer emolumento pessoal por actos de servi-

ço publico sanitario desta especie, não é por isso applicavel aos vogaes do Conselho a disposição do artigo 1.º da citada Portaria;

2.º Que a excepção consignada no artigo antecedente não abrange todavia os delegados do Conselho de saude, quando intervierem como peritos em alguma visita, ou vestoria de policia medica, — visto que não lhes impondo a lei, como aos vogaes do Conselho, a obrigação deste serviço, que ao contrario só podem desempenhar em virtude de convocação do Administrador do conselho, não podem por conseguinte ser privados dos emolumentos, ou honorarios, a que teem direito como simples peritos;

3.º Que não se achando authorisada na lei gratificação alguma para os officiaes de diligencias, que acompanharem o magistrado administrativo na vestoria, e exame dos alimentos, e medicamentos, não podem os ditos officiaes haver do producto das multas salario, ou gratificação alguma;

4.º Que nos termos da citada Portaria regulamentar devem pagar-se aos escrivães das diligencias de policia medica, effectuadas desde 1846, as gratificações, a que tiverem direito até onde chegar o producto das multas effectivamente impostas, e arrecadadas desde aquella data por delictos commettidos contra a saude publica na venda de alimentos, bebidas, ou medicamentos. Paço das Necessidades, em 6 de Março de 1852. — *Rodrigo da Fonseca Magalhães.* (*Diario do Governo*, n.º 58.)

Extracto das Actas das Sessões Litterarias.

Acta n.º 434, de 29 de Janeiro de 1852.

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.

A's 6 horas e meia da noute abriu o Sr. Presidente a Sessão; foi lida e approvada a Acta da antecedente, e deu-se conta da correspondencia e dos objectos doados.

O Sr. 1.º Secretario disse que no dia 25 do corrente, com os seus Collegas da Mesa, recebeu o Ex.º Sr. Mi-

nistro do Reino, que se dignou visitar todos os estabelecimentos da Sociedade, desde as 11 horas da manhã até ás 2 da tarde. Que S. Ex.^a patenteou ter em muita conta a Sociedade, e interessar-se pelo seu progresso, e que mostrou desejo de que esta Sociedade lhe apresentasse um projecto sobre a Instrucção Pharmaceutica.

A Sociedade, tomando em consideração este desejo do Sr. Ministro, e por proposta do Sr. J. Tedeschi, nomeou uma Commissão especial composta dos Srs., J. Tedeschi, Telles Senior, e M. V. Jesus.

O mesmo Sr. 1.^o Secretario deu parte de ter officiado ao Ex.^{mo} Sr. Enfermeiro-Mor do Hospital de S. José, ácerca das pomadas mercuriaes; e que lhe constara que o pedido da Sociedade havia sido tomado em consideração, que ja se haviam preparado as pomadas, e que se estava procedendo aos respectivos ensaios feitos pelos dignos Facultativos de Cirurgia d'aquelle Estabelecimento.

O Sr. J. D. Corrêa lembrou o importante trabalho do nosso Consocio Honorario, o Sr. Pimentel, contendo a Analyse das Aguas de S. João do Deserto em Aljustrel; e pediu que se tractasse do modo de levar a effeito a sua publicação. — Ficou incumbido o 2.^o Secretario de informar a Sociedade do que houvesse a este respeito.

O Sr. Assis fez uma Proposta de Candidato para Membro Correspondente Nacional.

O Sr. 1.^o Secretario apresentou, por parte do nosso Consocio o Sr. Antonio Joaquim d'Araujo, outra Proposta de dous Candidatos para Membros Correspondentes Nacionais.

Consideradas urgentes estas propostas, foram admittidos para Sócios os Srs., Francisco Xavier Rodrigues, Pharmaceutico em Torres Novas; José Ferreira Gonçalves Junior, Pharmaceutico no Maranhão; e Candido Falcão Dias, Pharmaceutico na Bahia.

Pelas 8 horas da noute levantou-se a Sessão.

Acta n.^o 435, de 12 de Fevereiro de 1852.

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa

Foi aberta a Sessão pelas 6 horas e meia da noute, lida e approvada a Acta da antecedente.

O Sr. 1.º Secretario deu conta da correspondencia e dos objectos doados.

O Sr. Telles Junior apresentou diversas amostras de trigos, acompanhadas d'uma porção de gluten extrahido de cada uma das referidas amostras; e pediu á Sociedade desse a sua opinião sobre se, cada um dos trigos, seriam proprios das localidades designadas.

V. Tedeschi disse ser um pouco difficil, n'um golpe de vista, conhecer as differentes qualidades de trigo; pois que, a muitos peritos, lhes era pouco facil decidir.

Depois d'alguma discussão, na qual tiveram parte os Srs., Telles Junior, e J. Tedeschi, concluiu-se que uma Commissão melhor se podia occupar d'aquelle objecto.

O Sr. Presidente agradeceu ao nosso Consocio, o Sr. Telles Junior, a deferencia que teve com a Sociedade; e louvou-o pelo importante trabalho de que se estava occupando.

O Sr. J. Tedeschi, como Relator da Commissão especial encarregada de apresentar um Projecto sobre Instrucção Pharmaceutica, apresentou os seus trabalhos. — A Sociedade deliberou que este Projecto entrasse em discussão na Sessão seguinte, fazendo-se aviso a todos os Socios.

Entraram em discussão as questões apresentadas pelo Sr. Telles Senior, na Sessão n.º 433. Houve pequena discussão, em que fallaram os Srs., J. Tedeschi, Telles Junior e Senior; vogando tres opiniões: 1.ª, que as pomadas devem ser preparadas como determinam os seus Auctores; 2.ª, que as questões apresentadas são de pouco interesse; e 3.ª, julgando-as d'alguma utilidade, a fim de se obter uniformidade na preparação das ditas pomadas estibiada e d'iodureto de potassio.

Esta discussão ainda ficou adiada; e o Sr. Presidente fechou a Sessão ás 8 horas e meia.

Acta n.º 436, de 26 de Fevereiro de 1852.

Presidencia do Sr. J. D. Corrêa.

Pelas 7 horas da noute abriu o Sr. Presidente a Sessão; foi lida e approvada a Acta da antecedente, e deu-se conta da correspondencia e dos objectos doados.

O Sr. 1.º Secretario participou haver fallecido o nosso Consocio o Sr. Antonio Domingues Villa-Nova. — A Sociedade recebeu com sentimento a perda de mais um nosso Consocio.

O Sr. J. A. Rodrigues, como Director da Comissão de Chymica, apresentou o Parecer da mesma ácerca do *directorio* para a colheita das Aguas-Mineraes do Reino.

Entrou em discussão, na generalidade, o Projecto sobre Instrucção Pharmaceutica, apresentado na Sessão passada.

O Sr. J. A. Rodrigues, pediu ser esclarecido sobre a relação que havia entre os dous corpos tão distinctos (a Eschola e a Sociedade), e quaes as fontes de receita para manter a Eschola de Pharmacia.

O Sr. J. Tedeschi disse que bem conhecida era a causa, que obrigou a Comissão a formular este projecto, que não era lembrança da Sociedade nem da Comissão especial; e sustentou o dito projecto.

O Sr. J. A. Rodrigues, julgando-se ainda pouco esclarecido, pediu que a Comissão informasse quaes eram as vantagens da união da Eschola com a Sociedade; pois que o estabelecimento necessitava para esse fim d'augmentos, que demandavam despesas.

O Sr. J. Tedeschi disse que a mente do projecto era de que a Sociedade continuariam a pertencer o seu estabelecimento, gabinetes, &c.; que esse mesmo pouco que havia serviria de bastante utilidade: e, relativamente á fiscalisação, havia-se seguido o exemplo da França e de outros Paizes.

O Sr. Telles Senior requereu que o projecto voltasse á Comissão, para soffrer as emendas que necessitasse; convidando a Comissão para esse fim alguns Socios. — Approvado.

Tambem teve discussão e foi approvado o Parecer da Comissão de Chymica apresentado hoje, ácerca do *directorio* para a colheita das Aguas-Mineraes do Reino.

A's 9 horas e um quarto foi levantada a Sessão.

Vicente Tedeschi,
2.º Secretario.

DIVERSIDADES.

Vae erigir-se em Braga um Hospital, debaixo da direcção e da propriedade da Irmandade de Sancta Cruz, para os Irmãos pobres d'esta Corporação abastada, e por ventura a mais abastada das Irmandades de Braga.

A benemerita Mesa d'esta Corporação tem sido incansavel nos arranjos necessarios para a criação d'este estabelecimento de caridade; e muito seria para desejar, que outras eguaes Corporações d'aquella Cidade se deliberassem a erigir, para os seus Irmãos pobres, outros estabelecimentos tão humanitarios.

A abertura d'quelle Hospital está somente dependente da approvação de Sua Magestade; e no acto da proposta d'aquelle estabelecimento, e consecutivamente a ella, houveram alguns Irmãos, que, por suas ofertas, deram provas exuberantes de summa caridade. Os Srs., Dr. José Maria Pacheco, e Cirurgião José Antonio de Lacerda, offereceram-se para Facultativos gratuitos do Hospital, por toda a sua vida; mais depois nomeou, aquella respeitavel Mesa, para Pharmaceutico do Hospital o Sr. João José Pereira, nosso Consocio, fazendo este uma offerta vantajosa em beneficio do Hospital.

A escolha da benemerita Mesa da Irmandade não podia recahir sobre melhor Pharmaceutico, e sobre melhores Facultativos não podia tambem recahir em geral um offercimento tão vantajoso. O Sr. João José Pereira é um Pharmaceutico da nova Eschola do Porto, muito assiduo nos objectos e nos estudos da sua Arte; e tem uma pharmacia ricamente estabelecida, até para objectos Chymicos, a qual está enriquecendo de dia para dia, ainda de mais a mais, e fica quasi contigua á mesma casa do projectado Hospital. O seu dispensatorio merece ver-se e examinar-se, pela grandeza, aceio, e manipulação.

Honra e louvor a uã Mesa, que tão bem soube escolher a Pharmacia, com que — para taes circumstancias — mal podiam correr competencia outras pharmacias de Braga, apezar do seu merito e de estarem bem montadas.

SAÚDE PUBLICA.

Parecer da Commissão especial encarregada de apresentar um juizo critico sobre a Memoria "Anesthesia Cirurgica," do Sr. João Felix Pereira.

SENHORES! — O folheto, que o Sr. João Felix Pereira offereceu á Sociedade Pharmaceutica Lusitana, intitulado = Anesthesia Cirurgica = e que a mesma Sociedade enviou a uma Commissão especial para sobre elle dar o seu parecer, foi a these escolhida por seu Auctor para ostentação do seu Acto Grande na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa; e como tal, segundo o Artigo 154 da Lei de 23 d'Abril de 1840, ja foi approvada pelo Professor, que a esse acto presidiu. Além d'isso, tendo o dito Sr. João Felix Pereira sido não só approvado, mas tambem obtido louvor da mesma Eschola, em virtude das provas scientificas que deu a esse acto, uma das quaes foi a Dissertação citada, ja se vê por tudo isto que o dito folheto chega ao nosso exame com fortes e justificadas razões de merecimento e importancia; com tudo;

Ainda que provas tão convincentes, e o nome e credito de seu Auctor não nos tivesse ja prevenido a seu favor, a simples leitura do Opusculo fere logo a attenção de quem o lê por duas razões, que a Commissão não pode deixar de referir, e de elogiar: primeira a clareza das explicações e exactidão das doutrinas, que presidem aos accidentes anestheticsos, referidos nos Capitulos VIII., X., XI., XIII., e XIV.; segunda a simplicidade descriptiva do modo practico da applicação dos meios anestheticsos, Capitulos VI., VII., e IX., e das contraindicções Capitulo XII., com os quaes auxilios será facil a qualquer practico manejar facilmente os diversos methodos, e os diversos meios d'anesthesiação; fim o mais util de trabalhos taes.

A Commissão desejará muito que o talento, e a applicação do Sr. João Felix Pereira se exercitasse em estudar

factos ja numerosos da Clinica Portugueza com referencia á anesthesia; os quaes, existindo dispersos e espalhados em varios artigos de diversos jornaes, não constituem ainda a expressão dos Practicos Portuguezes a este respeito; o que seria muito util vêr tractado pelo Auctor d'esta Memoria, que tantos dotes possui para o fazer d'uma maneira muito proficua.

A Commissão pois intende que o trabalho do Sr. João Felix Pereira é mais uma prova do muito que temos a esperar da nossa Juventude applicada, e talentosa.

Sala da Commissão, em 31 de Janeiro de 1852. —
Ignacio Antonio da Fonseca Benevides. — João Manoel Ogando. — Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão.



Memoria e estudo chymico da Agua mineral de S. João do Deserto, em Aljustrel; lida na Sociedade pelo Membro Benemerito, o Sr. Julio Maximo d'Oliveira Pimentel.

Existe no Alemtejo, perto de Aljustrel, no Districto de Beja, uma fonte d'agua mineral, que tem grande reputação em toda a Provincia, pela energia das propriedades medicinaes, que manifesta no curativo de muitas das enfermidades, tanto dos homens como dos gados. E' a de S. João do Deserto. No decurso do anno de 1849 fui convidado para fazer a analyse das aguas d'aquella fonte, pelo Dr. B. A. Gomes e pelo Duque de Palmella, hoje fallecido, mas cuja memoria veneramos, e que tão vivamente se interessava no progresso das Sciencias e no conhecimento das cousas uteis da nossa terra. Não podia nem devia recusar-me; e apprehendi logo este trabalho sobre uma boa porção de agua, que o Duque mandou vir de Aljustrel, perfeitamente acondicionada, e da qual me fez presente.

Os primeiros ensaios, que puz em practica, deram-me a conhecer que, independentemente da sua acção medicinal, era interessante objecto de estudo, pela natureza, propriedades, e origem dos seus principios mineralisadores, e muito desejava fazel-o de um modo completo: infelizmente as minhas occupações inibiram-me de ir pessoalmente ao local, em que mana aquella fonte, executar na propria origem os trabalhos convenientes e fazer as necessarias observações, que teem por objecto conhecer a natureza e condições geologicas da formação, atravez da qual immerge. Limitei-me por isso simplesmente á analyse da agua, tal qual se achava nas garrafas em que m'a enviaram. Todavia, constando-me que n'aquelle logar se achava em principio de exploração o deposito de um mineral de cobre, procurei e alcancei uma porção do minerio, e sobre elle tentei alguns ensaios com o fim de descobrir uma explicação plausivel da maneira por que aquella agua se mineralisa.

Ha mais de um anno que a parte principal do trabalho, que hoje tenho a honra de vos apresentar, se achava concluida; porém a necessidade de resolver algumas duvidas sobre ponto importante d'esta analyse, e a difficuldade d'obter para este effeito uma porção maior d'agua mineral, forçaram-me a interrompel-o por vezes, o que de certo não foi sem prejuizo da sua perfeição. — Em quanto os trabalhos d'esta ordem forem deixados unicamente á curiosidade particular, sem auxilio nem incentivo algum da parte da auctoridade publica, não se pode esperar que apresentem aquelle desinvolvimento, e o cunho de perfeição que devem ter, para serem verdadeiramente uteis de baixo de todos os seus pontos de vista.

A agua mineral de Aljustrel é ja conhecida de tempos remotos, e empregada como meio therapeutico; porém não existe a seu respeito trabalho algum de analyse chymica, pelo menos não se acha este mencionado em nenhum dos tractados, que se teem escripto sobre as aguas mine-
raes do reino. O Dr. Tavares refere a respeito d'esta agua uma noticia muito succinta, escripta sobre as informações

que lhe foram communicadas, e que se vê serem, no que respeita á sua composição chymica, pouco exactas. E' esta mesma noticia que D. Francisco Alvares Alcalá transcreveu no seu *Manual de las aguas minerales de España*, publicado em Madrid no anno de 1850. O Dr. Fonseca Henriques, no seu Aquilegio medicinal, mostra ter da agua de Aljustrel conhecimento mais positivo, e, pelo que a este respeito escreveu, se conhece bem a reputação que tinha ja no principio do seculo passado esta agua prodigiosa (1). A' vista do que temos exposto, intendemos fazer um serviço á Sciencia e á Humanidade em publicar esta nossa

(1) Aquilegio Medicinal do Dr. Fonseca Henriques, pag. 216 — ed. de 1726. Lisboa.

Fonte emetica e polychresta.

« Emetico ja se sabe que é o mesmo que vomitorio, e plyphrestos chamamos aos medicamentos, que servem para muitos usos, e que tem virtude para varias queixas. Tudo isto se acha na agua de uma fonte, que corre d'entro da Ermida de S. João do Dezerto, distante meya legoa da Villa d'Aljuster, Comarca de Campo de Ourique. Brota esta fonte da parede da parte esquerda da dita Ermida, e por baixo d'ella vay sahír fóra por detraz do altar, onde faz um lago, que nunca séca, porque a fonte pereneamente corre com a mesma igualdade. E' a sua agua crassa, e tão ingrata, que nenhum animal a bebe; e pela sua austeridade, ou aspreza, lhe chamáo agua azeda. Mas tem muitas virtudes medicinaes; porque bebida, é um excellenté vomitorio, prompto, e efficaz, com que se curáo sezões, e se curáo muitos outros achaques a que o vomitar seja remedio. Cura a sarna brevissimamente, lavando-se com ella. E' remedio de chagas, ainda que antigas, e de todos os males cutaneos, até da lepra; no que há innumeraveis experiencias. Tomada na boca, faz lançar as sanguexugas, que entrarão por ella; o que cada dia se vê nos porcos, que sentindo-se com sanguexugas, de proprio instincto buscão o lago da agua que está fora da Ermida, e ainda que a não bebem, a toman na boca, para lançar as sanguexugas. Cura a gafeira nos gados, e as suas sarnas; para o que é vulgar entre os lavradores, ainda de terras distantes, o mandarem os seus gados, grossos, e miúdos a lavá-las com esta agua, com que certamente se curáo. E pelas muitas virtudes que se experimentão na fonte, e pela prontidão com que obra, lhe chamáo vulgarmente a Fonte Sancta.

« Dos referidos effeitos bem se vê que passa por mineraes de que traz admiraveis virtudes. O curar a sarna, e mais achaques cutaneos, e chagas antigas, mostra que tem partes sulfureas, nitrosas, aluminosas, e vitriolicas, em que ha insigne virtude dessecante. O enxofre não deve ser muito; porque a agua não nasce quente; mas pelos vomitos que excita, podemos entecader, que tem partes sulfureas salinas, que são as que fazem vomitar, vellicando as fibras do estomago. E é lastima que havendo em Aljuster uma fonte perene de agua emetica, segura e efficaz, es-tejamos usando de antimonio, ás vezes mal calcinado, e de outros vomitorios mais sumptuosos, podendo servir-nos d'esta agua, se se conserva sem corrupção, ou tirando-lhe o sal, se por ventura ficasse vomitivo.»

analyse da Agua de Aljustrel, apesar das imperfeições de redacção em que abunda, e que francamente confessamos, porque as reconhecemos primeiro que ninguém.

Exame chymico.

Ao abrir as garrafas, em que a agua de Aljustrel é transportada, encontra-se esta limpida e incolor; mas se a deixamos exposta por alguns dias em contacto com o ar, amarellece sensivelmente e toma a apparencia ferruginosa. O seu sabor é acido e estyptico, como o de uma dissolução de capa-rosa. A sua reacção sobre o azul de tornasol é manifestamente acida.

Em presença de quasi todos os reagentes usuaes, dá reacções notaveis e muitas d'ellas complicadas, o que denota composição extremamente complexa. E' por essa razão que acho vantajoso transcrever aqui as principaes.

1.º Examinada com *agua de cal*, deu um precipitado côr de ferrugem.

2.º Com o *acetato de chumbo*, deu um precipitado branco e coloração de acre.

3.º Com o *chlorureto de baryo*, precipitado branco muito abundante.

4.º Com o *azotato de prata*, precipitado branco característico de chloro.

5.º Com a *ammonia* ou com a *potassa*, precipitado de protoxydo de ferro, que logo escurece.

6.º Com o *ferro cyanureto de potassio*, abundante precipitado esbranquiçado, que immediatamente se fez azul.

7.º Com o *sulphydrico*, coloração amarella e precipitado alaranjado, umas vezes mais outras vezes menos escuro; diversificando esta reacção com as diferentes partidas de agua, e com o tempo que estivera exposta a acção do ar.

8.º Com o *sulphydrato d'ammonio*, precipitado negro muito abundante.

9.º Com o *acido chloro-aurico*, redução e precipitado escuro de ouro.

10.º No aparelho de Marsh manifesta as manchas metallicas do arsenico e do antimonio.

11.º Em tres litros d'agua fiz precipitar todo o ferro por um grande excesso de ammonia, e o liquido appareceu no fim d'algum tempo corado de azul.

12.º Precipitando os oxydos metallicos pelo carbonato de ammonia, separando o liquido, evaporando-o até á seccura, e redissolvendo o residuo na agua acidulada pelo acido chlorhydrico, deu esta dissolução, com o *oxalato de ammonia*, precipitado branco de oxalato de cal.

O liquido separado d'este ultimo, por meio do filtro, deu com o pyrophosphato de soda precipitado branco de pyrophosphato de magnesia.

Uma porção d'esta dissolução, sendo consagrada á investigação das bases alcalinas, manifestou a existencia da soda em quantidade notavel.

13.º Do precipitado ferruginoso, que se obtém na agua de Aljustrel com a ammonia, e com o carbonato d'esta base, separei pelo methodo ordinario o sesquioxydo de ferro, a alumina, e o oxydo de manganesio.

14.º Fazendo server por muito tempo a agua de Aljustrel, deposita-se um precipitado vermelho de ocre que algumas vezes se incrusta em pellicula brilhante no fundo e paredes do matraz em que se faz a ebullicão. Este precipitado é quasi insolvel no acido chlorhydrico frio. Examinando-o, depois de lavado, no aparelho de Marsh, não manifesta indicio algum de arsenico: porém fundido com o carbonato de soda á temperatura rubra n'um cadinho de platina, lixiviando depois a materia com a agua distillada, filtrando, vertendo no liquido alcalino um excesso de acido azotico, e tractando finalmente o liquido, que se obtém, pelo azotato de prata, dá o precipitado branco de pyrophosphato de prata.

15.º Fazendo distillar a agua de Aljustrel com um grande excesso de potassa, e recebendo o producto da distillação no acido chlorhydrico convenientemente diluido, não obteve indicio algum da existencia de ammoniac.

16.º No precipitado que obtive, fazendo passar uma

corrente de gaz sulphydrico através da dissolução chlorhydrica de uma grande porção do residuo da evaporação d'esta agua, pude reconhecer a existencia de um excesso de enxofre, o cobre, o antimonio, o arsenico e o bismutho.

Com estes preliminares de analyse qualitativa, e outros mais que omitto e que tinham por fim indagar a existencia de outros corpos, cuja presença se podia presumir, passei a fazer a dosagem dos que havia descoberto.

Marcha da analyse.

Tentei em primeiro logar fazer, como é costume, a dosagem simultanea das materias fixas, evaporando a agua a uma temperatura inferior á da ebullicão; porém mostrou-me a experiencia que, do residuo que ella deixa, não se pode nunca concluir o peso das substancias que contém no seu estado normal. Em primeiro logar porque, se não calcinarmos aquelle residuo, fica hygroscopico pelo excesso de acido sulphurico livre que contém; e, absorvendo a humidade do ar durante a pesagem, não dá resultados concordantes. Em segundo logar porque, se o calcinarmos, e até durante a seccagem a uma temperatura moderada, se evolvem abundantes vapores de acido chlorhydrico, provenientes da decomposição dos chloruretos pelo acido sulphurico; e, finalmente, o excesso d'este ultimo acido se vaporisa tambem, quando o aquecimento excede um certo limite, e algumas das bases se sobreoxydam sempre, como acontece aos protoxydo de ferro e de manganésio.

Atravez de grande porção d'agua fiz passar uma corrente de gaz sulphydrico, e o precipitado amarello sujo, que obtive, foi submettido á analyse por diversos methodos para separar: 1.º, o excesso de enxofre, que provém da decomposição que o gaz sulphydrico soffre pela acção do sulphato de sesquioxydo de ferro; 2.º, o cobre; 3.º, o antimonio; 4.º, o arsenico; 5.º, o bismutho, cuja existencia a analyse qualitativa me havia demonstrado. Esta operação offerece bastantes difficuldades, não so em attenção

aos sulphuretos que temos de separar, mas tambem em relação ás pequenas quantidades de que se pode dispôr. Entre os diversos methodos, que ensaiei, o que me deu resultados mais satisfactorios foi o que consiste em pôr em digestão um peso dado da mistura dos sulphuretos com o sulphurato de ammonio, que dissolve os sulphacidos de arsenico e de antimonio, hem como o excesso de enxofre, deixando os outros sulphuretos. Oxydei estes ultimos pelo acido azotico fumante, para separar o cobre do bismutho pelo carbonato de ammonia. Tambem n'outra experiencia reduzi a mistura dos sulphuretos por uma corrente de hydrogenio, com o fim principal de separar o arsenico, que, no estado de acido sulpharsenioso, recebi na ammonia, mas obtive-o em tão pequena quantidade, que não me foi possivel determinar rigorosamente o seu peso. O cobre, o bismutho, e o antimonio, reduzidos pelo hydrogenio, foram dissolvidos na agua-regia; á dissolução addicionei o acido tartrico, e separei o cobre pelo ferro-cyanureto de potassio, que não precipita o antimonio.

O acido sulphurico, livre e combinado, foi avaliado á parte n'uma porção determinada de agua pelo methodo ordinario, e do mesmo modo procedi a respeito do chloro.

A dosagem do acido carbonico foi feita em volume; porque, existindo na agua de Aljustrel excesso notavel de acido sulphurico, expulsei aquelle gaz junctamente com os outros, que se achavam dissolvidos, por meio da ebullição; recolhi-os sobre o mercurio n'um tubo graduado, e separei-os depois pela potassa.

O acido phosphorico foi determinado á parte no precipitado que se formou, durante a ebullição, pela expulsão do acido carbonico. Este precipitado, que era pouco solúvel nos acidos, foi decomposto ao rubro claro pelo carbonato de soda em cadinho de platina, e a dissolução, proveniente da lixiviação da materia fundida, sendo decomposta pelo acido azotico, foi tractada pelo azotato de prata que precipitou o pyrophosphato de prata, d'onde deduzi o peso do acido phosphorico.

Na dosagem das bases metallicas, e das terras segui os methodos ordinarios, e o mesmo fiz relativamente á soda.

A silica foi determinada á parte no residuo da evaporação da agua depois de fortemente calcinado; este foi primeiramente tractado pelo acido chlorhydrico, e, depois de lavado e secco, atacado pelo carbonato de soda e finalmente decomposto, como na analyse dos silicatos, pelo mesmo acido.

Eis aqui em resumo a marcha que segui na separação dos diversos componentes da agua de Aljustrel, e julguei conveniente dar uma breve noticia d'ella, insistindo particularmenté n'aquelles pontos em que me afastei dos methodos geralmente indicados nos tractados de analyse, que em geral não podiam ser applicados no estudo de uma agua tão complexa como a de Aljustrel. Em seguida transcrevo o resultado medio de todas as experiencias.

Densidade da agua 1,00333.

Gazes contidos n'um litro d'agua.

Acido carbonico..... 37^{cc}

Azoto..... 38

Total..... 75^{cc}

Acido sulphurico..... 2,323

Chloro..... 0,235

Silica..... 0,030

Acido phosphorico..... 0,024

Soda..... 0,2107

Cal..... 0,0789

Magnesia..... 0,0535

Alumina..... 0,4000

Protoxydo de ferro..... 0,8990

_____ de manganeseio., 0,0799

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

Protoxydo de cobre (2) . . .	0,0213
Bismutho	indeterminado.
Antimonio }	0,0201
Arsenico }	
Materia organica	indeterminada.

Não será facil demonstrar, com provas positivas, qual seja a verdadeira disposição ou grupamento de todos estes principios na agua mineral de que nos occupamos. O que actualmente podemos é fazer algumas hypotheses a este respeito.

A quantidade do acido sulphurico é muito superior áquella que as differentes bases requerem para se saturar, de sorte que a maior parte d'ellas estão evidentemente no estado de sulphatos.

A quantidade do chloro parece corresponder á quantidade da soda; porque 0,235 de chloro, que a experiencia nos deu, requerem 0,152 de sodio para formar 0,387 de sal marinho. Ora nós achámos 0,2107 de soda, que representam 0,156 de sodio, isto é mais 0,004 do que o calculo exige; mas como a dosagem da soda é menos exacta do que a do chloro, e dá quasi sempre um excesso, parece que devemos antes adoptar o numero 0,152 em vez 0,156, e teremos então que o chloro e o sodio se correspondem, como se formassem, ou tivessem formado o sal marinho; ainda que se pode muito bem supôr que, em presença do excesso de acido sulphurico, já não existem n'esse estado.

O acido phosphorico, como acima vimos, parece existir no estado de phosphato de cal, e a sua dissolução é devida á presença do acido carbonico.

¿ Estará o arsenico no estado de arseniato de ferro? —
¿ O antimonio e o bismutho no de sulphato de antimonio e bismutho? Não temos sufficientes dados para o decidir. O que é facto é que a maxima parte do ferro se acha no estado de sulphato de protoxydo de ferro, ainda que o

(2) Chamo protoxydo de cobre ao oxydo CuO , a que na maior parte dos tractados de chymica se dá o nome de bioxydo. — A este respeito veja-se as minhas Lições de Chym. T. 2.º pag. 341.

apparecimento de uma porção notavel de enxofre que se precipita junctamente com os sulphuretos metallicos ; quando a agua é atravessada pela corrente do sulphydrico, indica positivamente que uma porção d'aquelle metal existe no estado de sesquioxido, o que é talvez devido á acção do ar, e isto mesmo se prova porque nos gazes, que a ebullição expulsa d'aquella agua, so se encontram o acido carbonico e o azoto.

Mas seja qual for o arranjo ou disposição dos principios mineralisadores da agua de Aljustrel, o que é certo é que a grande quantidade d'elles, que alli existe, e a acção toxica que quasi todos teem sobre a economia animal, faz d'ella um medicamento energico e altamente complicado, que está reclamando a attenção da Medicina.

Mineralisação.

A composição da agua de Aljustrel está de per si mesmo indicando as circumstancias que presidiram á sua mineralisação. Vê-se claramente que serviu á lixiviação de um deposito metallifero em decomposição. Não me tendo sido possivel obter noticia alguma, que merecesse confiança sobre a formação geologica que atravessa, mas sabendo que proximo do logar das nascentes existem alguns trabalhos para exploração de uma mina de cobre, cuja concessão pertence ao Sr. J. F. Pinto Basto, obtive d'este cavalheiro uma porção do minerio para fazer um ensaio, com o fim de vêr se entre a composição d'este e a da agua existia alguma relação que podesse explicar a sua mineralisação.

Eis aqui o resultado d'este ensaio :

Peso do minerio ensaiado = 1,525.

Resultados da experiencia.

	gm.
Enxofre.	0,576
Chumbo.	0,185
Cobre.	0,269
Ferro.	0,358
Manganésio.	0,060

Antimonio	}	0,005
Arsenico			
Bismutho			indeterminado.
Ganga e perdas			0,072
			<hr/>
			1,525

Theoria.

Fe.....	0,358	}	= FeS ² =	0,767
S ²	0,409			
Pb.....	0,185	}	= PbS =	0,213
S.....	0,028			
Cu.....	0,269	}	= CuS =	0,435
S.....	0,166			
				<hr/>
				1,415

O aspecto d'este mineral em que podemos vêr claramente os crystaes do sulphureto de ferro ou pyrite branca, misturados com uma porção de materia acinzentada, e a sua composição, nos conduzem a acreditar que é formado pela pyrite de ferro, pelo cobre vitrio, e por uma pequena porção de cobre cinzento. Os principios contidos na agua de Aljustrel são os mesmos do que os achados no mineral, com a exclusão do chumbo; mas este não podia apparecer dissolvido em quantidade apreciavel em presença do acido sulphurico. E' tambem verdade que a quantidade relativa do cobre é na agua muito menor do que no mineral; porém, não sendo a composição d'este identica em toda a extensão do deposito, é natural que a lixiviação tenha logar n'aquella parte em que elle é menos rico d'este metal. Tambem podemos suppor que a composição da agua deve soffrer alterações sensiveis com o decurso do tempo, e é particularmente esta circumstancia que demanda serias investigações para que possa a Medicina dispôr d'aquelle precioso medicamento com toda a segurança.

Se entre nós a Administração publica tomasse verdadeiro interesse pelas cousas realmente uteis, não deixaria como tem deixado em completo abandono o estudo das pre-

ciasas aguas mineraes com que a Providencia quiz enriquecer o nosso solo, e o melhoramento dos poucos estabelecimentos de aguas mineraes que possuímos, e a criação de outros novos, promovendo a construcção de edificações accommodadas ao seu emprego, e proporcionando a facilidade das communicações para os tornar accessíveis. Os sacrificios que houvesse de fazer para alcançar estes resultados seriam largamente compensados pelo augmento de prosperidade das povoações visinhas d'aquelles estabelecimentos, d'onde necessariamente proviria accrescimo de rendimento para o estado.

Não é necessario reflectir muito para vêr que a prosperidade da Villa das Caldas da Rainha, procede das suas aguas mineraes, apezar de que ainda está muito longe do que se devia esperar, se a boa administração do estabelecimento dos banhos, as commodidades das habitações e hospedarias, e principalmente as estradas, que alli conduzem, convidassem nacionaes e estrangeiros a frequental-as, não so para buscar allivio de enfermidades, mas tambem gozar das bellezas naturaes d'aquelle sitio e a doçura e suavidade do seu clima, na estação em que a habitação das cidades é incommoda e pouco saudavel.

Ide a Spá, a Aix la Chapelle, a Wisbaden, a Baden-Baden, a Homberg, a Bath, a Vichy, e a outros muitos logares devidamente celebres, e não davidareis um so momento da grande importancia, que as fontes mineraes teem para os Estados que as possuem, consideradas ainda como origem de rendimento, ja que as considerações do simples bem da humanidade não são sufficientes para mover os Governos a dirigirem a sua attenção para este importante objecto.

O estudo chymico, que fizemos da agua de Aljustrel, seria por si so bastante para nos revelar a sua importancia medicinal, mas não é de menos valia a reputação de milagrosa que muitos curativos lhe conquistaram desde remotos tempos. O que o Dr. Fonseca Henriques dizia d'estas aguas no começo do seculo passado, o que repetiu o Dr. Fava-

res, e o que ainda hoje se conta em Aljustrel e por todo o Alemtejo, abona sufficientemente o prestimo irrefragavel d'aquellas aguas, e justifica a sua reputação. Moles-tias de pelle, ulceras antigas, estragos syphiliticos, e rheumatismos, tudo tem encontrado grande allivio, se-não prompto remedio no uso dos banhos de S. João do Deserto. Mas estas reputações vagas, estes factos que o povo narra, estes milagres, em que muita gente acredita, carecem d'aquella auctoridade que so a sciencia lhe pode dar. E' para lastimar que os Facultativos que teem estado ao alcance de fazer sobre o uso d'estas aguas mi-neraes observações regulares, as não tenham colligido, ou privem a sciencia e a humanidade do auxilio que taes pu-blicações lhes deviam prestar.

Ha poucos annos, em Março de 1849, appareceu im-pressa, no Zacuto Lusitano, excellente Jornal semanal de Medicina e sciencias accessorias, e que então se publica-va, uma noticia sobre as aguas de S. João do Deserto es-cripta pelo Sr. Guilherme Filippe Thiago do Couto, resi-dente em Aljustrel, e exercendo alli a Medicina, e por isso mais que nenhum outro ao alcance de fazer as devi-das observações sobre o emprego medicinal d'estas aguas. Este é talvez o escripto que se encontra revestido de maior auctoridade entre todos os que teem chegado ao meu co-nhecimento. N'elle se mencionam algumas observações im-portantes, e que passo a transcrever.

« Desejando eu saber (diz o Sr. Thiago do Couto) quaes eram as virtudes medicamentosas d'esta agua, e faltando-me não so os conhecimentos, mas os meios chymicos pa-rra uma boa analyse, lancei mão do que podia dispôr; isto é a observação dos enfermos que vinham banhar-se, sa-ber qual o resultado que tiravam, e o que hão tirado tanto os individuos d'esta Villa (Aljustrel) como os de fo-ra que teem usado esta agua internamente, e eis por ora o fructo do meu trabalho.

» Contam pessoas d'esta Villa *que individuos teem vindo em moletas tomar os banhos, e que, passados os primeiros quatro ou seis, os teem largado e ido-se embora comple-*

tamente sãos. Que annualmente se apresentam immensos leprosos e chagentos, e que igualmente vão curados. — Mas serão tantos os milagres ou mera crença? Nem affirmo, nem contesto, e so apresento d'entre muitas as seguintes observações.

» 1.º N. . . natural de Mellides, estatura regular, temperamento sanguineo belioso. Apresentou-se em Junho de 1848 com uma affecção tuberculosa em toda a fronte e rosto, affecção que eu classifiquei — *Lepra* — e para o tractamento da qual algum collega nosso lhe indicou os banhos de S. João. Tendo por consequencia vindo a esta Villa, me consultou sobre a quantidade de banhos que devia tomar, e o regimen dietico que tinha a seguir. Com franqueza lhe disse que, conhecendo eu mui pouco esta agua, nada sobre o seu uso lhe podia dizer; todavia insisti em tomar banhos, e no fim de 14 o tornei a vêr, e confesso que na realidade o não conheci, parecia outro, os tuberculos haviam desaparecido.

» 2.º M. . . natural de Faro, idade de 33 annos, estatura mediana, temperamento lymphatico. Apresentou-se nos banhos em 6 de Julho de 1848. Tinha a pelle das pernas espessa, dura e tuberculosa, apresentando aqui e alli diferentes crostas (*Elephantiasis*). Tomou 20 banhos; os padecimentos cutaneos haviam desaparecido.

» 3.º O. S. . . natural de Entradas, homem ja de avançada idade, temperamento belioso. Veio a 23 de Julho de 1848. Tinha um dartsos pustuloso nos braços e em todo o dorso. Tomou 16 banhos. As pustulas desapareceram.

» 4.º F. . . musico, natural de Beja, 20 annos de idade, temperamento lymphatico. Veio em 16 de Setembro de 1848. Tinha dôres syphiliticas, as quaes lhe impossibilitavam mover as extremidades inferiores. Tomou 8 banhos; as suas enfermidades tinham acabado.

» Além d'estas observações, muitas outras eu poderia apresentar de enfermos que teem vindo tomar banhos com herpes e ulceras venereas, padecimentos que lhes teem desaparecido.

¿Mas seriam os padecimentos dos individuos, a que as duas primeiras observações se referem, de natureza venerea? ¿Teria o virus syphilitico desaparecido, ou ter-se-ia neutralizado? ¿Será esta agua so proveitosa nos casos de infecção venerea? Com verdade ainda o não posso dizer, porém o que affianço é que, em similhantos enfermidades, o uso d'estes banhos ou as faz desaparecer ou as minora muito.

» Internamente tambem esta agua produz muitas vantagens nas dyspepsias e irritações chronicas do estomago, bebida, não de per si so, porém juncta á agua commum na razão de uma onça da primeira para quatro da segunda; pois não é so a uma, mas a muitas pessoas que a terra teem cuberto a estulticia de a terem tomado em alta dose e so unicamente porque os parentes, os amigos, e os compadres lh'a teem aconselhado.»

Além das observações recolhidas pelo Sr. Couto, e que acabo de referir, tenho noticia de outras que, apesar de não serem auctorisadas por Facultativo, são para mim de bastante valor, porque me foram transmittidas por pessoa intelligente, que ha annos faz uso constante das aguas de Aljustrel no tractamento de uma enfermidade, em que é dirigido pelos conselhos do Sr. Dr. B. A. Gomes.

No mez de Setembro ultimo escrevi eu a esta pessoa, que então se achava em Aljustrel, para lhe pedir algumas informações sobre o uso que as mesmas aguas fazem os doentes que ordinariamente as frequentam, e sobre o proveito que d'ellas tiram. Transcreverei aqui alguns periodos da sua resposta, que corroboram sufficientemente o que temos dito.

«Estas aguas são reputadas muito efficazes no curativo de molestias de pelle em geral, chagas, rheumatismos chronicos, doenças de estomago, &c. Não ha aqui, em Aljustrel, quem tenha feito observações regulares sobre os doentes que para aqui vem, dos quaes poucos ou nenhuns consultam o Facultativo da Villa, que por isso não pode ter maior conhecimento da applicação das aguas, que são tomadas arbitrariamente pelos doentes.

» Passam como certos os casos narrados na Memória do Sr. Couto, e tenho até ouvido repetir que alguns doentes teem havido os quaes, tendo vindo para aqui em moletas, teem recolhido bons a suas casas depois do terceiro banho: porém isto tem acontecido com pessoas que padecem dôres ou rheumatismo, e não com os que soffrem molestias de pelle. Existem na Capella de S. João do Deserto, onde se acha a fonte das aguas, e que é tambem contigua aos banhos, mais de 50 moletas que os doentes deixaram por lhes não serem precisas para recolherem a suas casas.

» Eu por mim — diz ainda a pessoa cuja carta transcrevo — tenho-me dado perfeitamente bem com o uso d'ellas, tirando um reconhecido beneficio, e conheço companheiros meus dos banhos que tambem teem recolhido proveito espantoso.

» Ainda ha pouco tempo estive aqui uma Senhora de Aldêa-Gallega, que frequenta ha 2 annos estes banhos com beneficio manifesto, depois de haver esgottado todos os meios conhecidos, e que lhe haviam sido aconselhados pelos melhores Medicos de Lisboa. (3)

» Ultimamente sahio daqui o Sr. G. . . ., de Santarém, que é um dos doentes que tenho visto com molestia de pelle mais adiantada, talvez incuravel, por que me pareceu ser a *morphéa*, e com tudo foi muito melhor; por que, segundo elle mesmo dizia, trazia feridas de 7 annos, a respeito das quaes lhe haviam assegurado que nunca cicatrizariam, mas que, depois de alguns banhos, foram inteiramente curadas. . . . Eu poderia nomear-lhe varias outras pessoas e casos semelhantes; mas para que? — Recio que esses individuos não desejem que os seus nomes appareçam em publico. Quanto ao meu, poderá V. . . . cital-o como exemplo se lhe fôr necessario. — O Sr. Dr. B. A. Gomes é quem tem dirigido o meu tractamento.»

¿ A' vista do que temos exposto poderá alguem duvidar da importancia medicinal das aguas de S. João do Deserto? As indicações que fornece a analyse chymica, e

(3) Vide a nota no fim da Memoria, 2.^a Serie, T. III.— N.º 4.

as observações practicas da Medicina, conduzem-nos forçosamente á conclusão de que as = Aguas mineraes de Aljustrel = são um precioso medicamento, de que a sciencia pode e deve tirar grande partido no tractamento de muitas d'aquellas enfermidades que mais affligem e molestam a humanidade.

¿ Mas achar-se-ha este medicamento nas circumstancias e condições necessarias para ser applicado e tomado com vantagem e commodidade dos enfermos? E' forçoso confessar, com vergonha nossa, ou antes d'aquelles que teem dirigido n'este paiz a publica administração, que nada ha mais lastimoso nem miseravel do que o estado em que se acha um estabelecimento de tanta importancia.

A' Memoria do Sr. Couto, de que havemos ja transcripto alguns trechos, pediremos ainda esclarecimentos sobre este objecto.

As aguas mineraes, de que nos occupamos, brotam de uma fonte que se acha no interior da Ermida de S. João do Deserto. Acha-se esta Ermida edificada n'um valle um pouco extenso, que corre ao norte e na base do monte de Nossa Senhora da Villa de Aljustrel. Não existe documento algum escripto, que nos dê conhecimento da epocha em que foi edificada a Ermida, nem de quem a instituiu; pelo menos no Cartorio da Camara Municipal de Aljustrel não se encontra a esse respeito assento algum, e nenhum dos habitantes d'aquella Villa sabe contar como as cousas se passaram. E' tradição entre a gente do povo que em tempos, ja muito remotos, se descobriera uma Imagem de S. João juncto da fonte, que corria ignorada n'aquelle valle, ermo e deserto; e é d'ahi que proveio a invocação do Sancto, e a reputação de milagrosa que tem a fonte. Parece que a principio os pastores vinham lavar alli o gado para o curarem da sarna e gafeira, e que como d'este tractamento tirassem bom resultado, vieram depois homens leprosos e cheios de ulceras buscar na mesma agua remedio ás suas enfermidades. Os bons effeitos que ellas produziram, alcançaram-lhe grande reputação, e houve então, pelo decorrer do tempo, quem mandasse

edificar a Capella de S. João no mesmo sitio em que a agua nascia.

Até 1840 nenhuma commodidade se estabeleceu para os doentes que procuravam estas aguas; foi então que, segundo refere o Sr. Couto, o actual Prior de Aljustrel, de accôrdo com outras pessoas da Villa, promoveu uma subscrição, e com o producto d'ella tractou de mandar construir dous tanques em uma casa, que está contigua á Ermida, e onde morava o Ermitão, e para elles fez dirigir a agua da fonte, que nasce dentro da Ermida.

Os primeiros encanamentos para os banhos foram construidos de alvenaria, mas a acção corrosiva da agua em breve os destruiu, e por isso foram substituidos por calhas de madeira. Algum tempo depois o mesmo Prior e os Membros da Junta de Parochia mandaram edificar outros dous banhos contiguos aos primeiros, apenas separados d'estes por meio de um tabique, e n'uma casa, que está na parte posterior da Ermida, outros dous que recebem a agua que os quatro primeiros lhes despejam. Isto é o que refere o Sr. Couto; mas a pessoa, a quem ja n'esta Memoria alludi, diz-me que n'aquelle estabelecimento ha so quatro banheiras, duas das quaes recebem a agua directamente da fonte, as outras duas d'estas primeiras e todos os quatro a despejam n'um grande tanque que está na parte posterior da Ermida, e que é destinado para os pobres, que não podem dar esmola ao Sancto.

O serviço d'estes banhos é immundo e repugnante. Os banhos so são despejados e limpos de dias a dias, e muitas vezes até com intervallo de semanas. Apenas um doente sahê do banho, entra logo outro, e, como as banheiras teem capacidade para isso, entram de uma so vez de duas a quatro pessoas, que alli ficam em intimo contacto. Algum doente que não pode accommodar-se a este systema brutal, tem de aproveitar, para tomar os banhos, as horas da alta noute ou da madrugada.

Os banhos são quasi gratuitos: pelo melhor d'elles da-se (por uma so vez) 480 réis de esmola ao Sancto, pelo 2.º, 240 réis, e pelos dous outros, que não recebem a agua

directamente da fonte, 120 réis. Tendo dado esta esmola, o doente e a sua familia, por mais numerosa que seja, podem tomar os banhos que quizerem. Os habitantes do Concelho são isemptos de pagar a esmola, e por isso vão quando e como querem tomar banhos, sem mesmo carecerem d'elles, com grave incommodo e prejuizo dos enfermos que de fora alli concorrem.

Apezar da barateza dos banhos, o cofre do Sancto rende annualmente perto de 100\$000 réis. Uma Juncta de tres pessoas administra este rendimento, mas a sua applicação não parece destinada a melhorar as condições do estabelecimento.

Para hospedagem dos doentes não ha mais do que uns casebres asquerosos, decorados com o nome pomposo de *hospedaria*, onde não se encontra o menor vestigio de commodidade, e muito menos o agasalho que reclama o estado valetudinario das pessoas que procuram remedio no uso dos banhos.

Apezar de todas estas cousas, que parece deverem afastar d'alli os doentes, o concurso é sempre grande desde o mez de Junho até ao fim de Setembro, o que mostra bem quanto é poderosa a virtude d'aquellas aguas.

Para fazer prosperar aquelle estabelecimento, crescer a concorrência, animar a vida de Aljustrel, procurar o consumo ás suas producções, civilisar-lhe os habitantes com a frequentação de estranhos, augmentar as rendas do municipio, dar nome áquella Villa, e mais que tudo procurar allivio ás enfermidades de muitos infelizes, bastava so que uma administração zelosa e intelligente cuidasse um pouco em melhorar as condições dos banhos, por meio de novas e apropriadas construcções, de modo que o serviço interno do estabelecimento se fizesse com acieio e commodidade dos doentes; augmentando o numero das banheiras; fazendo com que ellas fossem fornecidas de agua nova e limpa para cada banho, o que me não parece difficil, apezar da pouca agua que da fonte mana: pois creio que seria facil construir grandes depositos, que recolhessem a agua durante os mezes do anno em que os banhos

estão fechados, para que na estação propria nunca ella viesse a faltar, quando se quizessem encher ou renovar as banheiras. Ao mesmo tempo devia promover por empreza, ou de outro qualquer modo, a edificação de uma hospedaria em que os doentes achassem quartos commodos e agasalhados, e todas as cousas necessarias á vida e á satisfação das suas precisões, e ainda as distracções do espirito, que são uma necessidade para todos, e principalmente para os que soffrem.

Se a influencia d'esta nossa Sociedade, que consagra todos os seus exforços ao progresso da Sciencia e ao allivio dos males da Humanidade, podesse promover a realisação d'este pensamento, alcançaria ella um novo titulo para sua gloria e maior direito ao reconhecimento publico.

N. B. A pessoa a que no texto se allude foi vista e tractada em Lisboa por diversos Facultativos, e entre estes pelo Sr. Dr. B. A. Gomes, que a respeito d'ella me communicou o seguinte:

«A doente de que fallamos tinha um *eczema* dos mais extensos e rebeldes. Cubria-lhe a pelle quasi toda do tronco e extremos, com provida e abundante exhalação sorosa, que a incommodava continuamente de um modo lastimoso. O seu vestuario era apenas um lençol, que amiudo precisava mudar, não lhe sendo quasi possivel vestir-se de outro modo. Foi tractada aqui por diversos Medicos; eu fui um d'esses. Pela minha parte fiz tambem boas diligencias para a fazer melhorar, empregando os meios alterantes e outros dos mais energeticos e com perseverante applicação. Mercurio, iodo, arsenico, tudo tomou quanto pode lembrar para casos taes; mas quasi inutilmente.

»Desenganada dos exforços e diligencias aqui empregadas, regressou a sua casa, e, passado muito tempo, constou-me que, havendo recorrido ás aguas de Aljustrel, conseguira por ellas o melhoramento que de nenhum outro modo pode alcançar. E' quanto posso dizer, em re-

sumo, do que cheguei a saber d'esta doença, uma das curas do genero, que tenho observado.»

PHYSICA.

Synopse das observações meteorologicas do mez de Março de 1852, feitas na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa; pelo Membro Benemerito, o Sr. Dr. C. M. F. da Silva Beirão.

Temperatura media da atmospherá	11°,6 R.
„ maxima „	14
„ minima „	8
Maxima variação diurna de temperatura	1
Pressão media da atmospherá	mil. 752,68
„ maxima „	761,99
„ minima „	739,13
Ventos reinantes	S. N. SE.
Somma da altura da agua no pluviometro	pol. linh. 5,11
Dia mais chuvoso do mez 29	„ 9
Graú medio d'humidade no hygrometro	0°,23

Observações.

Houveram duas circumstancias muito notaveis nas observações meteorologicas d'este mez: a primeira foi a da grande quantidade d'agua, que choveu, tal que em Lisboa desde 1847, em poucos mezes tem chovido tanto como n'este; a segunda foi, a das repetidas e muito sensiveis variações barometricas. Accresce ainda uma outra circumstancia não menos notavel do que aquellas, e principalmente por se realizar no mez de Março, e vem a ser o soprar constantemente por mais de vinte dias o vento sul, o que é bastante raro aqui em Lisboa.

Depois que principiaram a cahir copiosas chuvas o estado sanitario de Lisboa melhorou sensivelmente; as molestias mais graves deixaram d'apparecer com tanta frequencia, e as que ja existiam tomaram, em grande parte, melhor aspecto. As febres exanthematicas teem diminuido, ainda que actualmente no Hospital de S. José hajam alguns casos de bexigas.

As pneumonias e pleurisias foram as molestias que mais reinaram no mez de Março, aquellas com summa gravidade no principio do mez; com tudo tive occasião de observar que ainda os praticos menos exercitados manejam com summa facilidade e bastante intelligencia o tractamento pelo tartaro emetico; o que é de grande vantagem para os enfermos. Perdeu-se o medo ao tartaro emetico no tractamento das pneumonias, como ja se havia perdido ao sulphato de quinina no das febres intermittentes, e remittentes pantanosas. A Clinica de Lisboa exercida, quasi toda, por Facultativos educados na Eschola Medico-Cirurgica d'esta Cidade, attesta, n'esta parte, a boa direcção que alli se dá ao espirito de seus Alumnos.

Tive logar d'observar repetidos casos d'apoplexias, e de simples congestões cerebraes. Multiplicam-se por consequencia os factos que vão revelando as relações entre o estado da circumfusa e o da plectora e turgencia dos vasos intracraneeanos. — Casa no Largo dos Caldas, em 2 d'Abril de 1852.

Centro de Documentação Farmacêutica
HISTORIA NATURAL.
da Ordem dos Farmacêuticos

Monesia.

Artigo do Membro Effectivo, o Sr. João José de Sousa Telles.

Não ha muito tempo o Sr. Dr. Santos Cruz principiou a receitar em Lisboa alguns preparados de monesia; varios Collegas meus, Cirurgiões e Pharmaceuticos, sabendo que faço do estudo das drogas a minha especialidade, dirigiram-se a mim para que lhes indicasse o que era a

substancia em questão. Dei-lhes os esclarecimentos que pediam, porém como depois varios Pharmaceuticos das provincias me teem consultado a este respeito, julgo conveniente publicar este artigo a que se seguirão outros ácerca de diversas drogas que correm no commercio portuguez, e que merecem ser bem avaliadas.

Historia natural.

A arvore que produz a casca, conhecida pelo nome de *monesia*, e que, a julgar pelos fragmentos que apparecem no commercio, quasi sempre de seis a oito millimetros, deve ser muito desinvolyda, não se conhece ainda. Alguem, que habitou muito tempo na America meridional, e que presenciou os bons resultados que do extracto d'aquella casca se tiravam no tractamento da dysenteria e de outras doencas graves do tubo intestinal, levou uma porção da casca para França, e deu-a ao Sr. Bernard Derosne para elle a estudar. Este intelligente Pharmaceutico, não podendo obter do doador indicações algumas, que o esclarecessem ácerca da arvore que a fornecera, nem sequer do genero ou familia a que pertencia, buscou todos os meios de se orientar, folheando os melhores livros de botanica, visitando os muséos, confrontando-a com os exemplares de cascas existentes no Jardim das Plantas, e consultando os homens especiaes na materia, e com tudo nada pode conseguir. Algumas poucas noticias que pode alcançar a respeito da arvore que desejava determinar, levaram-o a julgar seria uma especie do genero *chrysophillum*, da familia das sapoteas; porém os Srs. Lemaire-Lizancourt e Guillemain foram de contraria opinião. O Sr. Guibourt pensou ser a monesia a mesma substancia que no Brasil chamam *buranhem*, e de que elle possui exemplares. Parece que esta opinião não quadrou muito com a do Sr. Derosne, que continuou o seu estudo. Consultando alguns viajantes que tinham visto a arvore, pensou por um momento, que devia ser a *rhizophora gymnorrhiza*, L. : *rugiera gymnorrhiza*, Lam., mas bem depressa conheceu ter-se enganado porque os caracteres d'esta especie não estavam de accôr-

do com os que outros viajantes lhe disseram ter observado na arvore.

Comparando ainda a monesia com a *cortex brasiliensis* da Pharmacopea de Hambourg, a que Martius deu o nome de acacia cochleocarpa, e com a casca da acacia virginialis (*cortex barbatimas*, *cortex brasiliensis* da Pharmacopea de Lisboa) não pode concluir nada com certeza.

Até hoje, ja são passados quasi onze annos, nada mais se sabe a este respeito. O Sr. Bouchardat, no seu Formulario Magistral de 1851, 5.^a edição, partilha a opinião do Sr. Guibourt, por quanto dá como synonymo de monesia o buranhem, e diz que o seu extracto é fornecido por uma especie de *chrysophyllum* da familia das sapoteas, contrariamente ao que dez annos antes escrevera o Sr. Derosne, e que nos parece ainda hoje acreditar, por quanto n'um folheto que nos enviaram de Paris ha dous mezes, escripto pelos Srs. Bernard Derosne, O. Henry, e J. F. Payen, nenhuma rectificação vem que nos indique ter aquelle Pharmaceutico mudado de opinião. O Sr. Dorvault, na sua officina, attribue a monesia a uma arvore desconhecida, e o Sr. Guibourt, na ultima edição da sua obra, diz que esta casca veio do Brasil com o nome de *mohica*, cujo nome, talvez por euphonia, se converteu no de monesia; diz mais que a arvore que a produz fôra descripta por Pison com o nome de *ibiraeae* (*Bras.*, pag. 71), que o Sr. Riedel reconhece-
ra ser um *chrysophyllum*; e que o Sr. Casaretti a classificara como *chrysophyllum glycyphloeum*.

Caractêres da casca.

A casca, que veio de Paris da officina do Sr. Bernard-Derosne, e que temos no Muséo da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, é em pedaços do tamanho e espessura variavel, entre seis e oito millimetros, uns planos outros ligeiramente convexos, muito compacta, pesada, e dura; a sua côr é escura carregada no exterior quando tem epiderme, e amarella acinzentada na parte interna; a fractura é quasi unida e talvez mesmo folhetada em alguns pedaços, com pequenissimos pontos brilhantes, raros. O seu sabor

ao principio é assucarado e depois torna-se adstringente e acre; cheiro agradável *sui generis*.

Extracto.

O extracto, que temos visto, é em pedaços irregulares, quasi preto; muito fragil, sem o aspecto desmerecido do cato, nem o brilho do kino (como muito bem diz o Sr. Derosne), mas assemelhando-se ao extracto de ratanhia; é completamente solúvel na agua; o sabor é, como o da casca que o fornece, primeiro doce, e depois adstringente, e deixa por muito tempo na garganta um sentimento forte de acrimonia.

Composição.

1.º	Principio aromatico, traços imponderaveis .	
2.º	Materia gorda crystallisavel (estearina), chlorophilla, e cêra	1,2
3.º	Glycyrrhizina	1,4
4.º	<i>Monesina</i> (materia acre analoga á saponina)	4,7
5.º	Tannino, ou acido tannico	7,5
6.º	Materia corante vermelha muito semelhante á da quina ou do cato	9,2
7.º	Gomma (pequena quantidade)	inapreciada.
8.º	Acido malico	} 1,3
	Malato de cal	
9.º	Phosphato de cal	} 3,0
	de magnesia	
	Sulphato de potassa	
	Chlorureto de potassio	
	Malato de potassa	} 71,7
10.º	Oxydos de ferro, de manganez, silica . .	
11.º	Acido pectico ou pectina	
12.º	Lenhoso, ou fibra lenhosa	} 100,0
Perca.		

Monesina.

Esta materia sêcca a 120° D. é em placas transparentes, ligeiramente amarelladas, muito friaveis, como uma gomma sêcca. Reduz-se facilmente a po branco; é muito solúvel no alcohol, na agua, e muito pouco no ethér hydrático; e agitada com agua forma espuma. E' incrySTALLISAVEL, inodora, de sabor primeiro amargo, e depois muito acre e persistente; não satura os acidos. O acido nítrico transforma-a em uma substancia amarella friavel, quasi insolúvel na agua fria, e muito solúvel no alcohol, muito amarga, e deixa, pela evaporação espontanea, folhetos amarellados nacarados com aspecto crystallino.

O Srs. Derosne, Henry, e Payen, consideram a monesina analogá á resina que o Sr. Frémy obteve pela acção do acido nítrico sobre o acido escúlico, e julgam possível haver alguma cousa de commum entre ella e o acido nítrico ou carbo-azotico; e dizem mais que é muito analogá á saponina, ao acido polygalico, a salsa-parina, e á materia acre extrahida da casca da *quillaya saponaria*.

A composição elemental da monesina não foi ainda feita, e por isso se não sabem quaes são os seus elementos constituintes.

Preparados pharmaceuticos.

Os preparados pharmaceuticos, que se teem feito com a monesina, são os seguintes:

- 1.º Extracto aquoso,
- 2.º Xarope,
- 3.º Tinctura hydro-alcoholica,
- 4.º Pomada,
- 5.º Monesina.

Extracto de monesina.

Monesina em po grosso 9.9.

Esgotte pela agua fria no apparelho de deslocação, e evapore até á seccura a banho de agua.

Xarope de monesia simples.

Xarope de assucar branco (*)	19 libras e 10 onças.
Extracto secco de monesia	3 onças e 1 oitava.
Agua	3 „ e 1 „

Este xarope tem seis grãos de extracto de monesia por onça.

Xarope de monesia composto.

Xarope de monesia simples	2 libras,
Extracto de papoulas brancas	30 grãos,
Agua de flor de laranja	7 e meia oitavas.

Tinctura hydro-alcoholica de monesia.

Extracto de monesia	16 onças,
Agua pura	15 libras,
Alcohol de 34°	4 „

Esta tinctura contém 30 grãos por onça de extracto.

Pomada de monesia.

Oleo de amendoas doces	8 libras,
Cera branca	4 „
Extracto de monesia	2 „
Agua	2 „

Monesina, ou materia acre da monesia.

Tome-se a monesia em po e esgotte-se pelo alcohol de 25 D. quente; ajuncte-se a esta tinctura um excesso de cal extincta em po fino; pela agitação o liquido perde a cor, e forma-se um deposito vermelho escuro, que retém a materia corante e o tannino. O acido malico, a glycyrrhizina, &c., ficam combinados com a cal; e a monesia dissolvida no alcohol. Decante-se ou filtre-se o liquido, distille-se; evapore-se até á secura, e dissolva-se o pro-

(*) A libra a que nos referimos é de 16 onças.

ducto em agua fria adicionada de um pouco de caryão animal, preparado. Passado algum tempo filtre-se, evapore-se o liquido até á seccura a banho de agua, e obter-se-ha assim um producto amarello friavel, que, pulverizado, constitue a monesina. Com este po se podem preparar as pilulas, xarope, pomada, &c.

Historia medica.

Segundo as observações de trinta e tantos Facultativos francezes, e de varias outras nações, as molestias em que a monesina tem sido applicada pelo estomago com feliz exito são: bronchite, hemoptyse, phthisica pulmonar, fraqueza d'estomago, vomitos, diarrhea, gastro-enterite, leucorrhœa, metrorrhagia, blennorrhagia, escrofulas, escorbuto, vaginite, &c.

Tem-se empregado como topico e com muito feliz resultado o extracto puro, a pomada, a tinctura de monesina, e a monesina nas enfermidades seguintes: ulceras cutaneas, frieiras, gretas dos bicos dos peitos, opthalmias, epistaxis, stomatite, doenças dos dentes, e das gengivas, hemorrhoidas, fendas do anus, fistula recto-vaginal, blennorrhagia, ulcerações do collo do utero, leucorrhœa.

O Sr. Bouchardat aconselha a monesina para as doenças em que utilisam os adstringentes, e cita especialmente a hemoptyse, os fluxos mucosos ou sanguineos, e sobre tudo as diarrheas de qualquer natureza; as ulceras cutaneas, opthalmias purulentas, stomatite, hemorrhoidas, e gretas do anus.

A dose que indica para uso interno é duas a quatro oitavas por dia, em pilulas ou em xarope. A tinctura na dose de uma a duas oitavas em agua assucarada, ou em um infuso amargo; e externamente em 6 a 12 vezes o seu peso de agua.

Eis aqui as formulas que o mesmo auctor apresenta:

Pilulas de monesina.

Extracto de monesina. q. q.

F. s. a. pilulas de dous grãos. 5 a 10 por dia.

Xarope de monesia.

Extracto de monesia 1 oitava e 18 grãos,
Xarope simples 16 onças,
Agua q. b.

F. s. a. um xarope que contenha uma parte por 100 do seu peso de extracto. 1 a 2 colheres por dia.

Tinctura de monesia.

Extracto de monesia 6 oitavas e 18 grãos,
Alcohol de 22º 16 onças.

Dissolva e filtre. 2 e $\frac{1}{2}$ a 5 oitavas por dia.

Pomada de monesia.

Extracto de monesia 1 oitava e 18 grãos,
Banha 1 onça e 54 grãos.

F. s. a. pomada que conterá $\frac{1}{3}$ de seu peso de extracto.

Para finalisarmos este artigo diremos quaes são os resultados que o Sr. Dr. Santos Cruz tem obtido da monesia. (Continuar-se-ha.)

Centro de Documentação Farmacêutica
PEÇAS OFFICIAES.
da Ordem dos Farmacêuticos.

Extracto das Actas das Sessões Litterarias.

Acta n.º 437, de 11 de Março de 1852.

Presidencia do Sr. A. Carvalho.

A's 7 horas da noute foi aberta a Sessão, lida e approvada a Acta da antecedente, e deu-se conta da correspondencia e dos objectos doados.

O Sr. Telles Junior, como Director da Commissão de Historia Natural, disse que julgava fazer um grande serviço á Sociedade Pharmaceutica, á Classe, e ao Paiz, criando um Musêo d'Historia Natural de todos os productos naturaes do paiz, e do maior numero possivel de drogas typos, tanto de Portugal como d'outras Nações; que, para se levar a effeito uma empreza d'esta ordem, bastavam, no seu entender, quatro cousas: dedicação, sciencia, tempo, e recursos pecuniarios. Apresentou varias razões, que provavam a necessidade e utilidade do dito Musêo, sendo as mais principaes: 1.º, que era para lamentar, que ignorassemos quaes e quantas riquezas possuímos, tendo de luctar com muitas difficuldades para conhecermos presencialmente o que era da nossa terra; 2.º, que os obstaculos a vencer para reunir uma colleção completa de productos do nosso solo, eram muito mais superaveis do que as que se apresentariam se aspirassemos a possuir um Musêo em grande escala; 3.º, que effectuando-se esta criação poderiam, tanto os Membros da Sociedade como os alheios a ella, ter um bom meio d'estudar practicamente este ramo de sciencias. Que para levar a cabo este projecto se não pouparia a trabalho, sem com tudo dispensar a coadjuvação de todos, principalmente da Sociedade, para o qual fim apresentava as propostas seguintes:

« 1.ª Que a Sociedade officiasse ao Sr. Palma Reis, mancebo de vastos conhecimentos, que ia fazer uma exploração scientifica pelo Reino, por Ordem do Governo, para que S. S.ª contemplasse a Sociedade Pharmaceutica Lusitana com exemplares dos productos, que fosse colhendo na sua viagem.

» 2.ª Que a Sociedade representasse ao Governo de Sua Magestade, pela Secretaria da Marinha, para que os Governadores de todas as nossas Possessões do Ultramar, ou as pessoas que para este fim mais proprias parecessem ao Governo, nos enviassem amostras de todos os productos naturaes das localidades respectivas, seguindo n'essa remessa o programma que a Commissão d'Historia Natural confeccionar.

» 3.^a Que se officiasse ao Ill.^{mo} Sr. André Martins Heitor, do Crato, pedindo-lhe cedesse á Sociedade a bella amostra de salepo indigena, que apresentou na Exposição Agricola.

» 4.^a Que a Sociedade escrevesse ao nosso Consocio, o Sr. Guibourt, pedindo-lhe que se dignasse estabelecer correspondencia scientifica com a Sociedade, por via do seu 1.^o Secretario ou directamente com o Director da Commissão d'Historia Natural.»

Todas estas propostas hão de ter segunda leitura.

Foi lido o Parecer da Commissão especial encarregada de apresentar um juizo critico sobre a Memoria « Anesthe-sia Cirurgica, do Sr. João Felix Pereira. » — A Sociedade approvou este Parecer, remettendo-se uma copia ao seu Auctor, e imprimindo-se depois no Jornal. (Vide pag. 101.)

A requerimento do Sr. J. D. Corrêa votaram-se agradecimentos á Commissão especial que deu este Parecer, composta dos Srs., Drs. Benevides e Beirão, e Ogando.

O Sr. J. Tedeschi apresentou o Projecto sobre Instrucção Pharmaceutica, com as emendas feitas pela Commissão. Depois de lido entraram em discussão cada um dos artigos, ficando todos approvados, e alguns d'elles com emendas e addicionamentos feitos pelos Srs., Telles Junior, J. A. Rodrigues, e A. G. Alves.

Pelas 10 horas levantou-se a Sessão.

Vicente Tedeschi,

2.^o Secretario.

Centro de Documentação
da Ordem dos Farmacêuticos

PHARMACIA.

Emprego do acido tartarico para tornar soluvel o sulphato de quinina.

Acontece muitas vezes que os Medicos prescrevem uma dose qualquer de sulphato de quinina n'uma poção ou julepo, sem mandarem ajunctar algumas gottas d'acido sulphurico para completar a solução. O uso tem estabelecido que se addite acido sufficiente para dissolver o sal quinico; todavia poderia talvez resultar de similhante practica, que o medicamento adquirisse por isso maior energia que aquella que o Facultativo julgava dar-lhe; e esta circumstancia nos obriga a lembrar o meio de solução indicado pelos Srs., Righini, Bouchardat, Ruspini, e outros muitos Pharmaceuticos, que consiste em saturar o excesso de base, não com acido sulphurico, porém com acido tartarico, até formar um sulphotartarato de quinina, que, possuindo a mesma acção therapeutica, não tem o sabor aspero e desagradavel do sulphato acidificado pelo acido sulphurico.

Quanto à dose d'acido tartarico a empregar, resulta dos exames feitos pelo Sr. Casorati, Pharmaceutico em Turin, que a formula dada pelos Srs., Righini e Ruspini, que mandam ajunctar 1 gram. e 20 cent. d'acido tartarico é mais forte que a necessaria; pois que para dissolver 15 centigr. de sulphato basico de quinina bastam 5 centigr. d'acido tartarico, sendo sufficiente para nos certificarmos de que não fica molecula alguma de quinina por dissolver, e facil de reconhecer ao microscopio, ajunctar 5 centigr. d'acido tartarico para 10 centigr. de sulphato de quinina.

Eis a formula offerecida pelo Sr. Casorati para uma poção de sulphato de quinina soluvel, que convém a um adulto:

Sulphato de quinina, 0,60 centigr.
2.^a Serie, T. III.— N.º 5.

Acido tartarico..... 0,30 ou 0,20.
Xarope de laranja ou d'hortelã.. 45 gram.

Administra-se na dose d'uma colher, de duas em duas horas.

(*Bulletin de Thérapeutique.*)

Corréa, Junior.

Masso ou lichen de Ceylão.

De um Jornal de Medicina de Berlim copiamos o seguinte artigo do Sr. Schacht.

Appareceu ha pouco tempo a esta parte no commercio das drogas, debaixo do titulo de *Lichen de Ceylão*, uma substancia que tem sido applicada com vantagem em todos os casos em que é indicado o carragaheen.

Depois de minuciosas averiguações a que procedemos, viemos no conhecimento de que este novo medicamento, é o *Sphoerococcus* ou *Fucus lichnoides*.

Em relação ao seu emprego, diremos que para a preparação d'uma gelatina medicinal, fizemos diversos ensaios comparativos entre esta nova cryptogamica, o carragaheen e o lichen d'Islandia, de que nos resultou a certeza de que, para obter 100 grammas de gelatina de igual consistencia approximadamente, se torna indispensavel empregar 24 grammas do lichen d'Islandia, 4 de carragaheen, e 6 do lichen de Ceylão. Este ultimo é menos gelatinoso que o carragaheen, mas tem sobre elle a vantagem de fornecer a gelatina muito mais clara.

O Dr. Siegmund pertende que este novo medicamento não contenha iodo, mas nós asseveramos que nos não foi muito difficil descobrir n'elle este principio pela seguinte experiencia a que procedemos. Incinerado o lichen, tracta-se o residuo por muitas vezes com agua quente, evaporam-se os liquidos reunidos até á seccura. A' massa solida obtida, juncta-se alcohol muito rectificado, agita-se fortemente, e deixa-se repousar; separa-se o alcohol por decantação, e faz-se evaporar. O producto d'esta evaporação é introduzido em um tubo de vidro bem secco, verte-se-lhe em cima algumas gottas d'acido sulphurico

concentrado, tapa-se promptamente o tubo com um papel amydonado. e aquece-se levemente. A coloração azul do papel deu-nos immediatamente a certeza da existencia d'este principio, o iodo.

E' tão difficiloso determinar as proporções do iodo contido no lichen de Ceylão, como no carragaheen.

Trinta grammas foram empregadas em outra experiencia igual á que fica descripta, com a differença que o producto da evaporação do soluto alcoolico foi redissolvido em agua distillada, e precipitado pelo nitrato de prata liquido. O precipitado recolhido foi diluido em acido nitrico muito fraco, e em seguida na ammonia liquida, egualmente fraca.

Recolhido a final e completamente deseccado o iodureto de prata obtido, pesou uma centigramma. Esta quantidade de iodureto argentario, corresponde a 0^{gr.}000460 de iodo para 31 grammas de lichen de Ceylão.

Uma egual quantidade de carragaheen foi submittida a outra egual e semelhante operação, e forneceu 0^{gr.}0125 de iodureto de prata, ou 0^{gr.}00857 de iodo, o que nos convenceu que o carragaheen contém mais iodo que o novo medicamento.

F. J. R. Loureiro.

Pastilhas anthelminticas de santonina.

A santonina, administrada na dose de 30 a 40 centigrammas, exerce uma acção vermifuga muitissimo pronunciada, especialmente sobre as ascarides lombricoides.

O Sr. Colloud assegura tel-a empregado em muitas crianças confiadas aos seus cuidados medicos, e em todas ter alcançado os mais lisongeiros resultados, e em alguns casos terem ainda os effeitos excedido a sua expectativa.

A santonina constitue um agente da maior importancia na therapeutica das crianças.

A formula das pastilhas, confeccionada pelo Sr. Colloud, é a seguinte:

Santonina 2 grammas,
Assucar branco 150

Gomma alcatira 2 grammas.

Misture e faça massa bem homogenea, e divida em 144 pastilhas, para conter 1 centigramma, cada uma, do principio activo.

Estas pastilhas são eguaes em tudo ás do Sr. Mialhe, menos no principio activo, porque as d'este contém o duplo de santonina.

Na dose de 10 centigr. a santonina tem, algumas vezes, produzido ligeiras colicas, e por isso julgamos pouco prudente augmentar a dose, tanto quanto aconselha o Sr. Mialhe. A dose de 5 até 6 centigr., é sufficiente para produzir prompto effeito. Algumas horas depois da ingestão da santonina, as urinas coram-se d'amarello em alguns individuos.

Eu ja tive occasião de verificar (diz o Sr. Colloud) um factó, que pela primeira vez fôra observado por um Medico de Ville-franche, que por sua singularidade deve fixar a attenção de todos os Physiologistas. Duas até tres horas, depois de se haverem tomado 10 a 15 centigr. de santonina, os objectos para que se olha parecem corados d'amarello esverdinhado. A vista chega mesmo a escurecer-se de tal forma que o doente persuade-se estar no momento d'um eclipse de sol. Este effeito é menos sensivel quando o ceo está encoberto; é porém muito mais pronunciado quando o sol está sobre o horizonte, e é quasi constante nos myopes.

(*J. des Conn. Médico-Chirurgicales.*)

F. J. R. Loureiro.

da Ordem dos Farmacêuticos

CHYMICA.

Processo para descobrir a presença do iodato de potassa no iodureto de potassio; pelo Sr. H. Bonnewyn.

Está reconhecido, diz este Pharmaceutico de Tirlemont, que o iodureto de potassio do commercio existe

muitas vezes alterado pelo iodato da mesma base, tendo isso grave prejuizo na practica medica. Tem-se indicado muitos meios de reconhecer esta alteração, usando-se dos acidos tartarico, sulphuroso, chlorhydrico mui diluido, vinagre distillado, &c., &c.: e posto que todos sejam bons e expeditos, um outro novamente descoberto nada deixa a desejar pela sua segurança, promptidão, e facilidade.

Está provado, como demonstra o Sr. Soubeiran, no seu Tractado de Pharmacia, que calcinando n'um cadinho de barro ou de ferro iodureto de potassio, que contenha iodato, este ultimo se decompõe perdendo o oxygenio da base e do acido, transformando-se d'este modo em iodureto potassico. Assim quando se expõe a uma elevada temperatura um iodureto que contenha iodato d'esta base, este se converterá em iodureto metallico pela perda do oxygenio. O melhor character pois, com que se pode reconhecer este iodato no iodureto, se determina por esta mesma propriedade. Na verdade, nada ha mais facil de comprovar desde logo, que a perda do oxygenio provém, como fica dito, da decomposição do iodato de potassa, para o que não ha mais que applicar um pavio em ignição na abertura do cadinho, para que arda o oxygenio com uma chamma viva; pode conhecer-se a quantidade real do iodato de potassa contido no iodureto de potassio, notando o peso d'este antes de calcinado, e pesando-o depois da decomposição.

Sobre as proporções de iodo contidas no oleo de figados de bacalhau; pelo Sr. Chevallier e Gobley.

O processo que seguem foi indicado por Girardin e Presser, que consiste, como se sabe, em saponificar o oleo pelo excesso d'um dissoluto de soda caustica de 25°, aquecendo, sem ferver, até que se effeitue a combinação perfeita, e evaporando tudo á seccura. Carbonisa-se o residuo obtido com cuidado n'um cadinho tapado, e ao terminar a carbonisação, se ajuncta uma quantidade de carbonato d'ammoniaco para carbonatar o excesso de soda caustica contida na mistura. O residuo carbonoso se dis-

sipa pelo alcohol de $\frac{96}{100}$ fervendo, e os liquores alcoholicos, evaporados á seccura, deixam um ligeiro residuo salino que consiste em iodureto potassico.

Para chegar á maior exactidão teem pesado o iodo que contém os residuos salinos por meio do chlorureto de palladio, e conseguindo d'este modo conhecer a quantidade real d'iodureto de potassio contido nos oleos de figados de bacalhau, que se propozeram analysar. Os resultados obtidos foram os seguintes:

Em duas libras d'oleo de figados de bacalhau

De H..... deu 0, gr. 10 de iodureto potassico.

— L..... 0, 08

— Y..... 0, 04

— L..... 0, 03

(B. de M. C. y F.)

V. Tedeschi.

Preparação do sulphato de ferro e do açafão de Marte com a capa-rosa verde de commercio, privada de cobre, do zinco, e do manganez que ella ordinariamente contém; pelo Sr. Thorel (d'Avallon).

Fiquei bastante surprehendido, ao lèr a nota do Sr. Colloud (d'Anney) sobre a adulteração do açafão de Marte. Julgava que esta preparação, tão facil em executar, era feita por todos os Pharmaceuticos.

Não são porém as difficuldades, nem a falta de conhecimentos, que obstem a que o Pharmaceutico prepare a maior parte dos productos de que precisa; mas porque achando-se ordinariamente so, lhe é impossivel prestar toda a attenção á marcha de preparações mais proprias d'um laboratorio, por esta razão ser-lhe-ha mui agradavel qualquer simplificação nas operações e mesmo nos apparatus que lhe facilite um trabalho aliaz necessario sem lhe roubar demasiada attenção, pela falta d'aquellas modificações: não é o sulphato de ferro, hoje tão applicado, preparado na maior parte das officinas. O melhor processo julga-se ser o de Bonsdorff, que consiste em tractar directamente a limalha de ferro pelo acido sulphurico, e deitar al-

gumas gottas d'este mesmo acido nos vasos destinados á crystallisação do sulphato; este processo porém é longo e exige certas precauções. A purificação da capa-rosa do commercio, segundo a indicação do Sr. Soubeiran, pede menos cuidados, e se a capa-rosa contiver apenas cobre, o sulphato purificado será tambem puro; porém as capas-rosas, contem muitas vezes sulphatos, de zinco, de manganez, e d'alumina, que não são precipitados, e que crystallisam, consequentemente, com o sal ferrico. Estes metaes não os acompanham sempre, pois que sobre tres especies não achei senão em duas, e em mui pequena quantidade, circumstancia que não obsta a fazer-se a separação absoluta, o que é mui facil para o cobre, porém mais difficulosa para o zinco e manganez, por não serem precipitados por algum metal, e mesmo porque os reactivos obram similhantemente sobre os saes ferricos e zincicos. Não é porém senão por meio da precipitação que se podem isolar; e é esta a difficuldade, pois que todos os agentes designados, sobre tudo no que diz respeito ao zinco, os precipitam ambos; taes são os alcalis, os sulphuretos, os carbonatos, phosphatos, assim com o acido oxalico, que não é indicado nem por um nem por outro.

Entre os reactivos que ensaiei so o bi-tartarato de potassa me satisfez; elle precipita á temperatura da ebullição todo o zinco que se acha na capa-rosa no estado de tartarato insolavel de potassa, de ferro, e de zinco, sal triplice formado de tartarato neutro de potassa, e excesso d'acido tartarico combinado com 4 equivalentes de zinco e 1 de ferro.

A falta do precipitado, senão ha zinco nas dissoluções da mesma forma, que se em logar do bi-tartarato se emprega o acido tartarico, provam sufficientemente a sua existencia, e explicam a sua formação pelo abandono do excesso d'acido tartarico que se fixa sobre os dous saes metallicos e os decompõe. Segundo a sua composição vê-se que, seja qual for a quantidade de ferro, o bi-tartarato de potassa não toma mais do que o necessario para ceder algum acido para formar, com o pouco zinco que se acha

misturado, o sal triplice pouco observado até agora, e que não teria outro inconveniente, deixando um excesso de bi-tartarato senão de se expôr á formação de tartarato de potassa e de ferro; inconveniente pouco importante, e que daria sempre a prova de se ter precipitado todo o zinco cuja presença é indispensavel.

Quanto para o manganez, se elle se encontra, o que é bem raro, será precipitado igualmente no estado de tartarato manganoso pelo tartarato de potassa. Esta decomposição porém apenas terá logar quando o bi-tartarato se torne neutro pela perda do seu excesso d'acido: por quanto me tenho assegurado que n'esse estado elle não tem acção sobre o sal de manganez.

Por este meio tenho separado o zinco e o manganez, não somente do ferro, mas tambem do sulphato de cobre, e é provavel que se obtenham os mesmos resultados com todos os sulphatos metallicos soluveis; em cujos casos, julgo este processo mais seguro e mais simples, que os até agora conhecidos: é o unico que apresenta a vantagem de poder separar todo o zinco e manganez do sulphato de ferro, e mesmo o ferro do sulphato de zinco. De todas as experiencias que fiz, citarei apenas duas: aqueci em uma garrafa 10 grammas de sulphato de ferro puro, 0,05 de zinco no mesmo estado com 60 grammas d'agua distillada, que previamente levei á ebullição, e na qual havia junctado uma gotta d'acido sulphurico e um pouco de xarope d'assucar, para impedir a sobreoxydção do sal de ferro. No momento da ebullição junctei-lhe 0,10 grammas de bi-tartarato de potassa. Turvou-se o liquor, passados cinco minutos recolhi um precipitado branco ligeiramente esverdinhado e pulverulento. A mesma experiencia repeti sem o zinco, não produziu mais que uma coloração mais carregada por causa do tartarato de ferro, e que desapareceu no momento da ebullição, sem precipitado algum. Verifiquei d'esta forma a presença do zinco em duas qualidades de capa-rosa verde, lançando 100 grammas em 150 d'agua distillada fervida e assucarada; aqueci a mistura e a levei á ebullição, ajunctei-lhe então 25 a 30 cen-

tigrammas de bi-tartarato de potassa em po, formou-se um precipitado um tanto menor do que na primeira experiencia, facto que me fez comprehender que esta capa-rosa continha de 0,50 grammas a 1 gramma de sulphato de zinco por kilogramma, e assegurando-me que era necessario ao menos uma parte e meia de bi-tartarato de potassa para precipitar uma de zinco, entendi que duas grammas seriam sempre sufficientes para purificar um kilogramma de capa-rosa.

Sulphato de ferro purificado.

Capa-rosa verde.....	3 kilogrammas,
Limalha de ferro.....	90 grammas,
Acido sulphurico.....	20 „
Agua.....	8 kilogrammas.

Deita-se tudo n'uma panella de ferro, e se aquece remechendo continuamente. Meia hora de ebullicão basta para decompôr o sulphato de cobre; o melhor meio de nos assegurarmos que não ficou cobre algum por decompôr é deixar ficar por alguns minutos uma chapa de ferro ou uma espatula bem polida immergida no liquido, que avermelhará se ainda n'elle existir algum cobre. Depois d'alguns instantes de repouso decanta-se para separar a limalha e as impuridades que houver, e evapora-se o liquido até marcar 33°, alguns minutos antes de tirar do lume a panella ajuncta-se-lhe

Bi-tartarato de potassa em po... 6 grammas.

Remeche-se ainda, e ao tirar a panella do fogo deitam-se-lhe 50 a 60 gottas d'acido sulphurico. O sulphato purificado e filtrado para as garrafas, se põe a crystallisar sobre os assentos escavados, e lavados com acido sulphurico diluido. Tres dias depois decanta-se o liquido excedente do qual se pode ainda tirar, por uma nova concentração, uma boa porção de sulphato de ferro. Estes 3 kilogrammas de capa-rosa verde produzem dous kilogrammas 500 a 600 grammas de sulphato de ferro de uma bella côr verde, não contendo mais do que um pouco de

alumen; sal todavia inoffensivo e que ainda assim é arastado pela agua das lavagens todas as vezes que se precipita o ferro, seja no estado de protocarbonato seja no de peroxydo.

Açafrão de Marte.

Capa-rosa verde	3 kilogrammas,
Limalha de ferro	90 grammas,
Acido sulphurico	20 „
Agua	8 kilogrammas.

Ferve-se esta mistura por meia hora, ajuncta-se-lhe depois

Bi-tartarato de potassa em po... 6 kilogrammas.

Depois d'um instante de fervura decanta-se e filtra-se. D'outro lado deitam-se 6 kilogrammas d'agua a ferver sobre 3 kilogrammas e 150 grammas de carbonato de soda que egualmente se filtra. Resfriados os dous solutos se misturam pouco a pouco; remechem-se alguns instantes e se lança tudo sobre um coador, tendo a prevenção de coar de novo as primeiras quantidades que passam turvas. Esgottado o liquido se deita agua sobre o precipitado, remechendo em todas as direcções. A lavagem deve-se fazer com agua fria ou agua de rio ou da fonte a mais pura possivel, e repetil-a até que a ultima saia completamente insipida. Não se dá ordinariamente muita importancia a esta ultima parte da operação: contentam-se de lançar a agua uma ou duas vezes sobre o precipitado sem mesmo o remecher. O açafrão de Marte bem esgottado se põe a seccar na estufa, sendo no inverno, ou ao ar e á sombra sendo no estio. Convém remechel-o de vez em quando para o dividir, e para que apresente ao ar as differentes superficies.

A proporção do carbonato é assaz grande para que a capa-rosa perca ao menos um oitavo pela purificação.

(*J. de Ph. et de Chimie.*)

H. J. de Sousa Telles.

Reacções que apresentam, com diferentes saes, os iodureto, bromureto, e chlorureto potassicos; pelo Sr. Besnon, Pharmaceutico da Marinha em Brest.

IODURETO POTASSICO.			
<i>Misturado com</i>	<i>Triturado ao ar livre.</i>	<i>Em soluto concentrado a quente.</i>	<i>Aquecido em um tubo na alampada d'alcohol.</i>
Azotato ammonico.	Decomposição prompta. Amarellece e azula pelo amydo.	Coloração em amarello, e azula pelo amydo.	Vapôres róxos abundantes, immediatamente.
Sulphato ammonico	Idem.	Idem.	Idem.
Phosphato ammonico	Mais prompta.	Idem.	Idem.
Oxalato ammonico.	Prompta.	Idem.	Idem.
Carbonato (sesqui) ammonico.	Idem.	Nenhuma decomposição apparente.	Idem.
Chlorureto ammonico	Idem.	Idem.	Idem.
Azotato sodico.	Nenhuma decomposição apparente.	Idem.	Desenvolvimento de vapôres iodicos assaz sensiveis.
Sulphato sodico.	Idem.	Idem.	Idem.
Phosphato sodico	Idem.	Idem.	Idem.
Borato sodico	Idem.	Idem.	Idem.
Chlorureto sodico	Idem.	Idem.	Idem, exige um calor forte.
Carbonato sodico	Idem.	Idem.	Idem.
Sulphato magnesico.	Reacção mui prompta.	Idem.	Vapôres iodicos, immediatamente.
Azotato calcico	Idem.	Idem.	Idem.
Chlorureto calcico	Idem.	Idem.	Idem.
Azotato potassico	Nenhuma reacção.	Nenhuma reacção.	Nenhuma reacção.
Sulphato potassico.	Idem.	Idem.	Idem.
Chlorureto potassico.	Idem.	Idem.	Idem.
Carbonato potassico	Idem.	Idem.	Idem.
Acido borico.	Reacção.	Reacção.	Reacção, desenvolvimento de vapôres d'iodo.
Acido silico calcinado	Nenhuma reacção.	Nenhuma reacção.	Desenvolvimento d'iodo a uma temperatura elevada.
Sal marinho do commercio . .	Decomposição.	Idem.	Reacção mais prompta que com o mesmo sal puro.
BROMURETO POTASSICO.			
Azotato ammonico.	Insensivel.	Insensivel.	Desenvolvimento de bromio, menos facil que para o iodo.
Sulphato ammonico	Idem.	Idem.	Insensivel.
Phosphato ammonico	Idem.	Idem.	Desenvolvimento d'acido bromhydrico.
Chlorureto ammonico	Idem.	Idem.	Nada.
Carbonato ammonico	Idem.	Idem.	Nada.
Sulphato sodico	Idem.	Idem.	Nada.
— magnesico	Idem.	Idem.	Desenvolvimento d'acido bromhydrico.
Azotato calcico	Idem.	Idem.	Poucos vapôres de bromio.
Chlorureto calcico.	Idem.	Idem.	Nada.
Azotato potassico	Idem.	Idem.	Nada.
CHLORURETO POTASSICO.			
Azotato ammonico.	Nada apparente.	Insensivel.	Desenvolvimento de chloro a um calor forte.
Phosphato ammonico	Idem.	Idem.	Desenvolvimento d'acido chlorhydrico.
Chlorureto ammonico	Idem.	Idem.	Reacção lenta, desenvolvimento d'acido no fim.
Sulphato magnesico	Idem.	Idem.	Desenvolvimento d'acido sulphurico e chlorhydrico.
— sodico	Idem.	Idem.	Nada.
Azotato potassico	Idem.	Idem.	Nada.
— calcico.	Idem.	Idem.	Nada.

Das precedentes reacções conclue-se o seguinte :

1.º O chlorureto potassico é muito mais estavel que o bromureto, e principalmente que o iodureto d'esta base.

2.º Todos os saes ammoniacaes parecem dever decompôr-se á temperatura ordinaria; o iodureto potassico poê o iodo em liberdade.

3.º Os saes calcicos ou magnesicos operam da mesma forma.

4.º Os saes sodicos não poêm em liberdade o iodo senão depois de sua fusão aquosa, e por conseguinte a mais de 100 graus.

5.º E' de suppor que todos os saes, contendo agua de crystallisação, produzam uma acção analoga, do mesmo modo que os acidos mais fracos.

6.º Não é improvavel que a atmosphaera contenha iodo; mas livre e não combinado, pois que está demonstrado que o iodureto mais estavel perde seu iodo debaixo da influencia do simples contacto com os saes calcicos, magnesicos, e ammonicos, que se encontram sempre em todas as aguas e terrenos, na temperatura ordinaria.

7.º Pelo contrario, os saes de base de potassa reteem ou fixam o iodo. Isto mostra talvez a necessidade da addição d'uma pouca de potassa caustica ou de carbonato antes de reduzir a cinza os productos onde se quer descobrir o iodo, como nos oleos de figados de bacalhau e de raia, e nas plantas pouco ricas d'ioduretos.

8.º A decomposição dos bromuretos é muito mais difficil que as dos ioduretos, e muito mais facil que a dos chloruretos. Se o bromio tivesse offerecido reacções tão claramente manifestas com o iodo, a sua descoberta deveria ser anterior; ao passo que o iodo, desinvolvendo-se com tanta facilidade, e existindo nas aguas e terrenos em minima quantidade, é facil d'explicar como poude escapar por tanto tempo á observação.

9.º Apezar da estabilidade muito maior dos chloruretos, os residuos salinos das calcinações, quer das aguas quer dos productos organicos, não representam sempre a totalidade dos chloruretos que contem; do mesmo modo que a quantidade dos alcalis livres deverá variar em razão da natureza dos elementos, e conforme a temperatura, a que houver sido operada a incineração.

10.º Finalmente existe uma acção bastante especial da parte do sulphato de magnesia, acção que teria por fim afastar mais este oxydo da classe de que tem sido geralmente supprimido.

(*J. de Pharm. et de Chimie.*)

J. D. Corrêa.

PHYSICA.

Synopse das observações meteorológicas do mez de Abril de 1852, feitas na Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa; pelo Membro Benemerito, o Sr. Dr. C. M. F. da Silva Beirão.

Temperatura media da atmosphaera	13°,7
„ maxima „	15
„ minima „	13
Maxima variação diurna de temperatura	1
Pressão media da atmosphaera	755,97 ^{mil.}
„ maxima „	764,53
„ minima „	749,99
Ventos reinantes durante o mez	N. NE. SO. NO.
Somma da altura da agua no pluviometro	2,11 ^{pol. linh.}
Dia mais chuvoso do mez	1, 1
Grau medio d'humidade no hygrometro	0°,12

Observações.

As copiosas chuvas que tinham principiado a cahir no mez de Março continuaram até ao dia 22 d'Abril com pequenas interrupções; alguns dias houveram em que chueu bastante, tal como o dia 12, o 15, e o 21.

Os limites extremos, entre os quaes se conteve o thermometro e o barometro, tambem foram muito proximos entre si; pelo lado de temperatura, nunca subio a mais de 15°, e nunca desceu abaixo de 13° (dentro de casa), e o barometro oscilou entre 764^{mil.} e 749^{mil.}

Os ventos sopraram mais do lado da terra, ainda que

se contem onze dias, nos quaes o vento soprou pelo quadrante do Oeste.

O grau medio da seccura atmospherica approximou-se ja do dos mezes do estio.

Estas condições atmosphericas não podiam deixar d'influir d'uma maneira muito proficua sobre o estado da salubridade de Lisboa; em verdade pode dizer-se que no mez d'Abril não appareceram n'esta Cidade molestias constitucionaes graves, e que continuou a notar-se o que ja haviamos referido em Março, que o caracter grave e maligno d'algumas enfermidades ia passando. O Hospital de S. José e a clinica civil comprovam quanto acabamos de referir.

Os pleurizes e as pneumonias ainda continuam a ser as molestias da quadra; nem admira isto, é esta a sua epocha, a qual com tudo vae ja quasi terminada.

Na mais baixa pressão barometrica tive noticia d'alguns casos d'apoplexia.

Actualmente todos os Practicos de Lisboa são consultados frequentes vezes pelos phisicos mais ou menos adiantados em sua, quasi sempre, lethal enfermidade! Este esforço que a Natureza faz pela primavera para ressurgir da longa hibernação, em que tinha estado desde o outono, é a causa occasional mais forte do termo da existencia de tantos desgraçados! até n'isto elles são infelizes! parece que a Natureza se cobre de suas galas para escarnecer da morte d'estas victimas d'uma molestia, para a qual a sciencia ainda é tão fraca e impotente!

E' uma epocha d'angustia para os Medicos vêr ordinariamente pessoas, na melhor e mais viciosa epocha da vida, condemnadas a uma morte certa e proxima; e para evitar a qual, ou ao menos para a adiar, lhes faltam quasi que absolutamente todos os meios! Na phisica confirmada o Medico apenas se differença do que o não é, por que se não pode illudir, como este, ácerca do termo fatal da enfermidade!

Todos os conselhos pois ácerca de molestia tão grave, e desgraçadamente tão frequente em Lisboa, hão de ser

bem vindos e bem aceitos; ahí vão pois alguns, fructo da minha practica e da minha meditação, bem como da dos Medicos mais celebres de Lisboa.

Por via de regra o phtisico consulta sempre o Medico muito tarde. Todo o chefe de familia que observa que algum dos membros da sua familia tosse ou cança, ou emagrece, ou tem dôr no peito, ou escarra sangue, e isto principalmente desde os 12 annos d'idade até aos 35, deve desde logo tractar d'esse doente, como se elle estivesse com a phtisica iniciada; não perde nada com esta anticipação de cuidados, e de medicamentos, que a final lhe evitarão o grande remorso de o não ter feito muito a tempo. ¿E' a phtisica curavel? Se o é, é n'essa epocha na qual ainda o Medico mais experimentado chega a duvidar do seu proprio diagnostico; d'ahi por diante, duvidando que o seja.

Se a algum ou a alguns dos symptomas referidos se ajuncta a consideração de que o supposto doente pertence a uma familia, na qual ja tem havido algum phtisico, se a construcção do seu peito é acanhada, se as suas espadoas são salientes, como azas, se teve escrofulas, se é lymphatico, &c., então quasi que é um crime deixar continuar sem os necessarios soccorros uma molestia, que muitas vezes, mesmo apezar d'elles, caminha para seu termo fatal!

A estatistica, que tive a honra de ler o anno passado no centro da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, d'essa Corporação tão modesta, mas que poderia ser tão util com alguma protecção do Governo, prova que as habitações proximas á margem do Tejo predispoem muito mais para esta horrivel molestia do que as do interior da Cidade, quer sejam no cume dos montes, quer no baixo dos valles. Não deve pois ser desprezada esta circumstancia para a escolha da habitação do individuo predisposto ás affecções pulmonares. A phtisica não consiste tanto nos estragos pulmonares, porque ella ordinariamente se revella, como n'um *quid* incubado na economia, que a vicia, que a modifica toda, que a corcome; e que so uma hygiene bem dirigida, e longo tempo exercitada, pode e deve mo-

dificar e destruir : a phtisica, desenganem-se, não é uma molestia local.

A phtisica é a molestia que mais vezes busca as suas victimas nas classes abastadas, e no sexo feminino : será talvez uma terrivel compensação, que a Natureza quiz lançar áquelles, que a tantos respeitos gozam muito mais commodos do que os das classes miseraveis das cidades : se assim é inclinemos nossa cabeça sob esta Lei da Providencia. Mas o que é verdade, é que na generalidade dos casos é sempre um desvio d'hygiene, o frio por exemplo, a que os doentes se expoem, quem vae despertar a molestia que existia apenas como adormecida no centro d'essa desgraçada organização, ja predisposta para a phtisica.

Raras são as vezes em que o Medico é chamado para prestar seus conselhos ao phtisico, que este, ou a sua familia, não refira que uma *constipação* fôra a causa do desinvolvimento da molestia ; quasi sempre a passagem rapida d'um quarto mais quente para outro mais frio e onde corria ar, o pouco agasalho durante a estação invernosá, uma suppressão rapida de transpiração, a humidade dos pés e causas analogas, produzem uma ligeira bronchite, que em verdade se o elemento tuberculoso não estivesse ja incubado no organismo, não passaria d'uma irritação aguda mais ou menos grave da superficie interna pulmonar ; mas que verificando-se n'uma economia predisposta, o estado irritativo da mucosa pulmonar desafia a inflammção, e depois a fusão do tuberculo, e a phtisica manifesta-se com todo o horror da sua lethalidade ! As pessoas sanguineas, nervosas, e lymphaticas ficam por consequencia muito mais sujeitas do que as outras aos crueis effeitos d'estas constipações ; e com tal rapidez a molestia percorre, algumas vezes, seus diversos periodos n'estes individuos, que a phtisica toma um caracter agudo e entre quarenta a noventa dias toca sua fatal terminação : todos nós temos observado mais d'uma vez d'estes terriveis casos. D'aqui resulta o cuidado e a vigilancia que é necessario exercer, sobre tudo nas estações invernosas, sobre as pessoas mais ou menos predispostas para a phtisi-

ca; que desgraçadamente desprezam, cuidados e vigilancia, attento sobre tudo o modo por que se vestem e se expõem especialmente as senhoras!

Continuar-se-ha.

Casa no Largo do Caldas, em 2 de Maio de 1852.

DIREITO PHARMACEUTICO PORTUGUEZ.

Chronologia de todas as Leis, Decretos, Alvarás, e Portarias, relativas aos Pharmaceuticos, desde a Fundação da Monarchia Portugueza; continuada de pag. 94.

N.º 71.

Eu elRey faço saber aos que este Alvara virem que os officiaes da Camara da Villa de Almodovar me enviaraõ dizer por sua Carta que pelas incommodidades que os doentes da dita Villa e seu termo padeciaõ em não haver Botica na terra e mandarem buscar meizinhas fora della tratareaõ de trazer para a dita Villa hum Boticario e assentaraõ com elle que en cada hum ano se lhe daria um moyo de trigo do Povo em quanto o servisse com o necessario e que pelo Conselho não ter bastante Rendimento para lhe fazer o dito partido e os moradores não duvidarem a darlho me pidiaõ lhes fizesse merce de lhe mandar passar Provisaõ para que em cada hum ano pudessem fazer finta pelos moradores da dita Villa e seu termo do dito moyo de trigo e o poderem dar ao dito Boticario e visto seu Requerimento e Informaçam que se houve pelo Provedor da Comarca do Campo de Ourique Ei por bem e me praz que os ditos officiaes da Camara possam daqui em diante fazer a dita finta de hum moyo de trigo em cada hum Ano pelos moradores da dita Villa e seu termo e o darem ao Boticario que aestir na dita Villa com sua Botica em quanto nella Residir e mando ao dito Provedor da Comarca e as mais Justiças a que o conhecimento pertencer lhe cumpram e guardem este Alvara como nelle se

conthem que se Registara no Livro da Camara da dita Villa e valera como Carta sem embargo da Ordenaçã do Segundo Livro titulo quarenta em contrario. Joam de Sousa o fez em Lixboa a trinta de setembro de mil e seis centos e vinte e sete. Joam pereira de Castelbranco o fez escrever.

(Livro 16.º da = Chancellaria de FILIPPE III. = a folhas 257.)

N.º 72.

Eu elRey faço saber aos que este alvara virem que avendo respeito ao que na petição atras escrita dizem o juiz vereadores e mais officiaes da camara da villa dos arcos de val de vez e vista a enformaçã que se ouve pello provedor da comarca da villa de vianna foz do lima e seu parecer perque consta que na villa dos arcos não avia boticaireiro nem se poderia achar com menos de quinze mil reis de partido sendo muito necessario em Rezaõ de haver no termo da dita villa cincoenta freguesias e perque a camara della não tinha Rendas para satisfazer o dito partido ei por bem e me praz que no lançamento das Sisas que na mesma villa se fizer em cada hum ano se finte de mais quinze mil reis para pagamento do boticaireiro que nella adestir a satisfaçã do povo e mando ao dito provedor que leve em conta os ditos quinze mil reis constandolhe por asinado do dito boticaireiro que os Recebeo e que cumpre inteiramente com sua obrigaçã sabendo particularmente em cada hum ano e cumpra guarde faça comprir e guardar este alvara como se nelle contem o qual me praz que valha tenha força e vigor como se fosse carta feita em meu nome per mim asinada e pasada pela chancellaria sem embargo da ordenaçã em contrario. E este se registara no Livro da provedoria e da camara da mesma Villa e proprio se pora no Cartorio della pera a todo tempo se saber como assi ouve por bem. Antonio de Moraes o fez em Lixboa a vinte e cinco de maio de mil e seis centos vinte e oito gaspar da Costa de mariz o fez escrever.

(Livro 31.º da = Chancellaria de FILIPPE III. = a folhas 216 v.)

N.º 73.

Eu elRei faço saber aos que este Alvara virem que havendo Respeito a me enviarem dizer por sua Carta o provedor e Irmaõs da mizericordia da Cidade do porto que por justos Respeitos estavaõ contratados e tinhaõ feito assento com o Boticaïro Joaõ bautista em os vinte e hum dias do mes de Agosto do anno proximo-passado de seis centos e trinta e tres, para lhe dar as mezinhas para os enfermos do Hospital da dita Cidade pello presso que se achasse que ellas lhe custavaõ sem querer por seu trabalho agencia mais que huma propina moderada quoaal parecesse a meza cõ condiçaõ que alem disto lhe dariaõ gazalhado no dito hospital para dentro delle estar a dita botica com comodidade mas porque no exame do dito custo que se havia de fazer cada ano ao tempo do pagamento podia haver duvidas e deficuldades fizeraõ outro assento em o primeiro dia de Janeiro deste presente anno de seis centos trinta e coatro em que parecera mais conviniente haver certeza no presso de cada huma das mezinhas o que propondose em meza se assentara que se haviaõ de pagar por ametade menos do que estavaõ taxadas pelo regimento do fisico mor para o que se devia fazer Regimento particular como fizeraõ demenuindo nelle a dita ametade o quoaal se registasse nos Livros da Administraçaõ do dito hospital para por elle se fazer conta e paguarem as mezinhas que o dito Boticaïro desse sem mais outra propina salvo por emprestimo com boas fianças se lhe dessem cem mil reis para melhor provimento da botica e porque o dito boticaïro tinha asseitado o dito Contrato e assento que era em grande utilidade da Casa da mizericordia me pediaõ lhes mandasse passar provisãõ para poderem contratar por Escretura com ho dito Joaõ bautista na forma dos ditos assentos e Regimento que tem ordenado para os presos das ditas mezinhas E receberiã merce = E visto seu Requerimento constar por imformaçaõ do Desembargador

fernaõ de Matos de Carvalho que sera grande servisso de deus e beneficio da dita Caza da mizericordia e de suas Rendas fazerlhe a dita merce porque de mais de ser tam boa obra haver boticairo no seu hospital aonde os medicos e Surgiões vejaõ as mezinhas e as façaõ dar a bom tempo aos emfermos poupavaõ ametade pouco mais ou menos daquillo que dantes lhe custavaõ Hei por bem e me praz de lhes confirmar como por esta confirmo e hei por confirmados os ditos assentos e acordaõs de que fazem mençaõ para na forma delles poderem contratar com o dito Boticairo como pedem E por quoanto pagou de mea annata duzentos reis ao thesoureiro dellas joaõ paez de matos como se vio pela Certidaõ do Escrivaõ de sua Receita de como lhe foraõ carregadas as folhas quatro centas sessa e quatro verso mando a todas as justiças a que o conhecimento disto pertencer cumpraõ e goardem este Alvara como nelle se conthem posto que seu effeito aja de durar mais de hum ano sem embargo da ordenaçãõ em contrario e nas escreturas que se fizerem se treslladara este Alvara e se Registara nos Livros da administraçãõ da dita Caza da mizericordia e o proprio se poera no Cartorio della para a todo o tempo se saber como assi o ouve por bem Joaõ nunes de Sequeira o fez em Lixboa a doze de maio de mil e seis centos e trinta e coatro. gaspar da Costa de maris o fez escrever.

(Livro 29.º da = Chancellaria de FILIPPE III. = a folhas 199.)

N.º 74.

Eu elRey faço saber aos que este alvara virem que avendo respeito ao que me enviarãõ dizer per sua carta os officiaes da camara da villa de serolico da beira acerca da nececidade que tinham de haver hum boticairo com sua botica na mesma villa pera o que nomeavaõ a francisco lopez leal cristaõ velho e de boa fama que nella queria asestir e visto as causas que pera isso alegaraõ e informaçaõ que se ouve do provedor da Comarca da cidade da guarda e seu parecer ei por bem e me praz de lhes conceder

que possaõ dar de partido en cada hum anno por tempo de dous annos ao dito francisco lopez em quanto residir com sua botica que tera bem provida das couzas necessarias na dita villa e se naõ for pera outra parte doze mil reis que se fintaraõ cada ano pellos moradores da mesma villa e lugares de seu termo que ficaõ mais perto della que da dita cidade da guarda sã excepçaõ de peçoa alguma nem privilegio que tenhaõ e pello trelado autentico deste alvara e conhecimento do dito boticairo francisco lopez de como recebeo em cada hum ano pello dito tempo de dous annos os ditos doze mil reis seraõ levados em conta a pessoa que lhos pagar pello provedor da Comarca ao qual mando que naõ concinta se lance mais finta que a dos ditos doze mil reis nem se gaste em outra cousa senaõ no partido do dito boticairo que os ditos officiaes da camara lhe pormeteraõ aos quais mando e as mais justiças a que o conhecimento disto pertencer que cumpraõ e guardem este alvara inteiramente como nelle se contem que quero que valha posto que o effeito delle aja de durar mais de hum anno sem embargo da Ordenaçãõ em contrario e se pagara de mea annata novecentos e sessenta reis ao thesoureiro delles joaõ paes de matos sobre quem os cargou no Livro de sua Receita o scrivaõ dellas a folhas quinhentas e dez Joaõ pimenta o fez em Lixboa a dezanove de julho de mil e seis centos e trinta e quatro Joaõ pereira de castelbranco o fez escrever.

(Livro 26.º da = Chancellaria de FILIPPE III. = a folhas 197.)

N.º 75.

Eu elRey faço saber aos que este Alvara virem que havendo Respeito ao que os officiaes da Camara da villa de Obidos me emviaraõ dizer por sua Carta aserca de haver na dita villa hum boticairo que com sua botica acodisse com os medicamentos necessarios aos doentes della e terem buscado hum dos do partido da Universidade de Coimbra a quem tinhaõ promettido vinte cruzados de partido cada anno para o obriguarem a Rezidir na mesma villa

com a dita botica. E vista a informação que sobre este particular mandei tomar pello provedor da Comarca da Cidade de Leiria porque consta da necessidade que ha na dita villa de boticario para dar as medicinas aos moradores della Ey por bem e me praz que elles o possaõ ter e darlhe cada ano por Rezidir na mesma villa com sua botica vinte cruzados cada anno de partido pagos no lancamento das Sizas e mando ao provedor que ora he e ao diente for na dita Comarca que no dito Lancamento faça Repartir de mais os ditos vinte cruzados cada ano que pella dita maneira se entregaraõ ao dito boticairo constando que cumpre com a dita obrigaçaõ de Rezidir na dita villa e ter a dita botica provida de todas as cousas a ella necessarias e cumpra e faça comprir este alvara inteiramente como se nelle contem o qual me praz que valha tenha força e vigor posto que seu effeito aja de durar mais de hum anno sem embargo da Ordenaçãõ em contrario por quoanto tem pago tres mil coatro centos e ssessenta reis da mea anata ao thezoureiro dellas como se vio por Certidãõ do escripto de sua Receita de como lhe foraõ carregados a folhas cento e trinta do Livro de seu Recebimento manuel do Couto o fez em Lixboa a nove de novembro de mil e seis centos e trinta e sinco manuel lagundes o fes escrever.

(Livro 2.º de Privilegios de FILIPPE III. = a folhas 190 v.) (Continúa.)

REVISTA DOS JORNAES.

Recompensa de serviços. — S. M. a Rainha de España, querendo recompensar os serviços que durante o seu parto lhe prestou o Sr. D. Jerónimo Lorenzo, Primeiro Pharmaceutico da Camara, brindou-o com uma magnifica abotoadura para colete e camisa, de valor de 12:000 reales proxivamente. (Bol. de M. C. y F.)

Fallecimento. — Lamentâmos a morte do Sr. D. Antonio Moreno, Pharmaceutico da Camara de S. M. a Rainha Isabel II. Era reconhecido por habil Chymico, Cathe-

dratico da Faculdade de Pharmacia, e Membro de diversas corporações scientificas.

Analyse chymico-legal. — O punhal, com que o Padre Merino ferio S. M. a Rainha de España, foi analysado pelo Sr. D. Manuel Rioz, Lente de Pharmacia, e pelo Sr. D. Miguel Pollo y Lorenzo, Terceiro Pharmaceutico de S. M., por se julgar estaria envenenado; e não encontraram n'elle substancia alguma toxica.

Sentimos que o Restaurador Pharmaceutico, *Jornal d'onde o Boletim extrahio esta noticia*, não diligenciasse obter o relatorio circumstanciado d'aquelles trabalhos, que nunca são para desprezar.

O Restaurador Pharmaceutico. — Desde muito tempo não recebemos este interessante *Jornal*, que devidamente apreciavamos.

O Instituto. — Recebemos os quatro primeiros numeros d'este *jornal*, que se publica em Coimbra. Entre outros artigos traz um em que se mencionam os banhos de Luso, com a noticia topographica e geologica da Serra do Buçaco, e um ensaio qualitativo incompleto d'aquellas aguas. Dá noticia dos effeitos therapeuticos dos mesmos banhos.

Extracção da cantharidina pelo chloroformio.

— Consiste em esgotar as cantharidas, em po, pelo dobro do seu peso de chloroformio n'um apparelho de deslocação, depois de quarenta e oito horas de maceração. Separa-se todo o chloroformio pelo alcohol de 0,885; o liquido obtido faz-se evaporar espontaneamente, deixa-se em repouso por quarenta e oito horas, para que as crystaes se separem bem, comprimem-se estes entre muitas dobras de papel descollado para os privar d'algum oleo verde, que tenham, dissolvem-se de novo n'uma mistura de chloroformio e alcohol, e, por evaporação espontanea, se obtem puros. As vantagens d'este processo são: 1.^a dissolver-se melhor a cantharidina; 2.^a ser necessario muito menos chloroformio do que ether, ou alcohol; 3.^a crystallisar melhor a cantharidina do dissoluto no chloroformio do que do ethereo.

Acido particular do pulmão. — O Sr. Verdeil descobriu no parenchyma pulmonar um acido secretado ahi, o qual está em parte livre e em parte combinado com a soda. Compõe-se de carbonio, hydrogenio, azoto, enxofre, e oxygenio em proporções definidas. E' solido, crystallisavel, brilhante, refracta muito a luz; aquecido a 100° não perde a sua agua de crystallisação, a uma maior temperatura decrepita, funde-se, decompõe-se, dá origem a productos empyreumaticos, e a um carvão volumoso que o fogo destroe sem que restem cinzas. Julga-se que este acido, que por hora é inominado, rouba ao sangue, conduzido pelos capillares, a soda que estava combinada com o acido carbonico, evoluendo-se este pela respiração, e formando-se um novo sal, que passa a fazer parte do sangue. E' isto o que diz o Sr. Verdeil; ¿ porém devese-ha admittir que este novo acido seja um producto normal? ¿ Não poderá ser um producto morbido? ¿ O resultado de alguma causa desconhecida? ¿ Se é um producto normal não terá influencia na explicação do phenomeno respiratorio? ¿ Como é que senão tem encontrado no sangue? Esperamos mais minuciosos estudos acerca d'este corpo.

Analyse medico-legal do sangue e diferentes visceras que se suppoz conterem chloroformio. —

E' digno de lér-se o relatorio que com este titulo apresentaram ao Tribunal de Strasbourg os Srs. Tourdes e Cailliot por occasião da morte da senhora Simon, a quem administraram o chloroformio para lhe extrahirem alguns dentes. Vem no Jornal de Chimie Médicale de Pharmacie et de Toxicologie, Março 1852.

Accção da albumina sobre o acido arsenioso. —

Existem na sciencia duas opiniões appostas acerca do modo de obrar da albumina sobre o acido arsenioso; querem uns que entre estes dous corpos não haja affinidade alguma, e que a albumina se apodere do acido arsenioso prendendo-o nas malhas do seu redanho por uma simples accção mechanica; dizem outros que se combinam em proporções definidas. Para resolver este problema fez o Sr. Hérapath as tres experiencias seguintes:

1.^a Misturou 3 grãos d'acido arsenioso, perfeitamente dissolvido na agua distillada, por uma longa trituração com 499 grãos de albumina, e coagulou a mistura pelo calor. Lavou o coagulo, que deveria conter a combinação insolvel das duas substancias, em agua fervendo, e achou que o coagulo não continha arsenico apreciavel, e que as aguas das lavagens continham quantidades consideraveis.

2.^a Fez uma mistura de 61,7 de albumina e 0,386 de acido arsenioso (quantidades estas em que os dous corpos se combinam segundo alguns Auctores, formando o composto insolvel) e deixou um excesso de albumina. Lavou o coagulo, que segundo elles deveria conter todo o acido arsenioso, e apenas lhe encontrou traços inapreciaveis, e nas aguas de lavagem achou grande porção d'acido.

3.^a Para verificar se o acido arsenioso perde as suas propriedades venenosas pela acção da albumina, misturou intimamente, por meio de uma longa trituração, tres claras d'ovo com $6\frac{1}{2}$ grãos de acido arsenioso, incorporou a mistura com alimentos e deu tudo a comer a um gato; o pobre animal comeu so a quarta parte da substancia, apresentou todos os symptomas de intoxicação pelos arsenicaes, e morreu ao fim de tres dias sem que, até expirar, fosse possivel obrigar-o a tomar qualquer alimentação. Estas experiencias, que parecem concludentes, devem repetir-se, e variar-se por quanto grandes Chymicos, como Liebig e Muspratt sustentam o contrario.

Determinação do acido estearico da cera.—Ferve-se por um a dous minutos uma certa quantidade da cera, que se quer experimentar, com um excesso de soluto de carbonato de soda a um quinto n'agua distillada. Se na cera existe acido estearico, forma-se escuma e desinvolve-se acido carbonico. Segundo a quantidade maior ou menor do acido estearico o liquido alcalino toma, esfriando, uma consistencia mucosa, viscosa, gelatinosa, ou se converte em massa solida. Um quinto d'acido estearico na cera dá á agua alcalina consistencia gelatinosa. Se a cera é perfei-

tamente pura, a agua alcalina conserva, mesmo depois de fria, a fluidez primitiva.

A quantidade do acido estearico avalia-se pela do acido carbonico desinvolvido. Para isto introduz-se a mistura n'um balão de capacidade maior do que a necessaria para a conter, da parte superior parte um tubo bastante largo para que a escuma o não obstrua, o qual se eleva verticalmente e depois se curva e entra n'um vaso contendo agua de cal. Para que se forme um estearato neutro é mister que o carbonato de soda seja em excesso. Pesado o carbonato calcareo, que se produziu, conhece-se o acido carbonico desinvolvido, e consequentemente a quantidade de acido estearico que a cera contenha. Este processo é do Sr. Overbech. (*Journ. de Ph. et de Ch.*)

Filtro acelerador. — Todos sabem que nas filtrações por papel um dos inconvenientes que d'ordinario se experimenta é o collar-se o papel com o funil e tornar muito lenta a passagem do liquido diminuindo as superficies filtrantes. Para evitar este defeito inventou o Sr. Dublanc um filtro de rede metallica galvanizado, ou de prata cujos angulos reiterantes accomodam os angulos salientes do filtro de papel, e fazem com que o liquido corra facilmente. Para sustentar o filtro de papel na posição conveniente, colloca na parte superior do funil uma peça metallica em forma de estrella, cujos raios correspondem aos angulos do filtro, e o conservam aberto. Terminada a filtração, lava-o e secca-o a um brando calor ou na estufa.

Envenenamentos. — No dia 22 de Janeiro um tal Christiano Augusto da Fonseca envenenou dezeseis pessoas da sua familia, lançando-lhe o toxico na comida. Salvaram-se, felizmente, quatorze pessoas, e falleceram duas, uma irmã do propinador, e um mendigo, a quem, por caridade, haviam dado de comer. O Jornal de Pharmacia e Sc. accessorias, onde lemos esta noticia, não diz qual foi o veneno dado.

Em Sarrasola, logar pertencente á freguezia de Cacia, appareceu o nabal do Sr. Manuel Ventura coberto de um

po branco, que, examinado por um perito, se reconheceu ser *arsenico*.

Em Paradella de Barró, Concelho de Agueda, foi envenenado com uma grande quantidade de arsenico José Rodrigues Morgado.

No dia 13 de Março morreu envenenado, em Mafra, Francisco Rodrigues Pereira; suspeita-se que o propinador foi um sapateiro da mesma Villa.

No dia 5 d'Abril appareceu morto por veneno (?) o Pharmaceutico Paiva, que exercia a Pharmacia em Mafra.

No dia 14 d'Abril envenenou-se um official de Fabricante, da rua 23 de Julho, no Porto. Chamava-se José Barbosa.

No dia de Paschoa foi envenenada com arsenico, em Mirandella, uma familia, ficando em maior perigo os dous chefes da casa e um filho. O veneno fóra lançado por uma mulher n'um foliar, quando se estava fazendo.

Note-se o grande numero de envenenamentos em tão curto espaço; note-se que a sciencia nada tem utilizado com estes desgraçados casos, por quanto não nos consta que se tenha publicado uma unica analyse; e note-se, finalmente, que as Auctoridades dormem mais e melhor que os sete dormentes! Caminhamos n'um verdadeiro progresso... de carangueijo!!

Premios. — A Academia das Sciencias de Paris, na sua sessão annual, conferio, entre outros muitos premios, o de Physiologia experimental aos Srs. Cl. Bernard pela sua *Memoria sobre uma funcção nova do figado no homem e nos animaes*.

Menção honrosa aos Srs. Brown-Sequard pela sua *Memoria sobre a transmissão das impressões sensitivas na medulla espinal*; e A. M. Jobert (de Lamballe) por uma *Memoria intitulado: Considerações sobre os aparelhos electricos da torpilla e do gymnoto*.

Tractamento dos cánceros e dos engorgitamentos refractarios. — Os Srs. Francois Devay, Medico, e Guilliermand, Pharmaceutico, publicaram ha pouco as suas indagações sobre o principio activo da cicuta (conicina), e

sobre o seu modo d'applicação ás doenças cancerosas, e aos engorgitamentos refractarios. O Dr. Munaret, espirituoso folhetinista da *Abeille*, exprime-se ácerca d'este trabalho nos seguintes termos: C'est l'historique le plus complet de cet alcaloide vegetal et l'appréciation de ses effets physiologiques sur les animaux, que les auteurs ont le merite d'avoir appliqués, pour la premiere fois, aux travaux de la therapeutique humaine. . . . il y a lieu d'espérer que les nouvelles preparations de cigue ne seront pas un *specificque*, mais le remede-l'agent pharmaco-dynamique-offrant le plus de chance contre une des plus tristes maladies á l'espece humaine, que la chirurgie seule attaque par le fer et le feu, mais seulement dans ses effets.

Sousa Telles, Junior.



PECAS OFFICIAES.

Extracto das Actas das Sessões Litterarias.

Acta n.º 438, de 1 d'Abril de 1852.

Presidencia do Sr. A. Carvalho.

Pelas 7 horas e meia da noute abriu o Sr. Presidente a Sessão, e, em seguida, foi lida e approvada a Acta da antecedente, e deu-se conta da correspondencia e dos objectos doados.

O Sr. Telles Junior, como Director da Commissão d'Historia Natural, declarou não ter ainda podido apresentar o Parecer da mesma ácerca do Catalogo do Horto Botanico da Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa.

O Sr. J. A. Rodrigues apresentou, por parte do nosso Consocio o Sr. Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, a conclusão da Memoria e estudo chymico da Agua mineral de S. João do Deserto, em Aljustrel. O mesmo Sr. fez a leitura d'esta ultima parte do trabalho do Sr. Pimentel; finda a qual propoz que a Memoria fosse approvada, por ser um trabalho bem laborado, e digno da Sociedade man-

dal-o publicar no seu Jornal. Propoz mais que se imprimissem 50 exemplares em separado, para serem offerecidos ao Auctor da Memoria; em testemunho de consideração e estima; e bem assim propoz que aquelle nosso Consocio Honorario fosse elevado á Classe de Membro Benemerito.

Todas estas propostas, feitas pelo Sr. Rodrigues, foram declaradas urgentes, discutidas e approvadas; ficando adia-da para a Sessão seguinte a votação sobre a ultima proposta, na conformidade do disposto no Regimento Interno.

A Commissão especial encarregada do Projecto d'Instrucção Pharmaceutica, apresentou o addicionamento ao mesmo Projecto, na parte que regula os concursos para os Candidatos ás Cadeiras das Disciplinas alli designadas. — Approvado.

A's 10 horas fechou-se a Sessão.

Acta n.º 439, de 29 d'Abril de 1852.

Presidencia do Sr. A. Carvalho.

Aberta a Sessão pelas 8 horas da noite, foi lida e approvada a Acta da antecedente.

O Sr. 1.º Secretario deu conta da correspondencia e dos objectos doados. Entre a correspondencia fez-se menção de um Officio do nosso Consocio de Braga, o Sr. Caldas, offerecendo á Sociedade uma Obra por elle escripta sobre Zoologia; outro do Sr. Antonio Vieira Lopes, offerecendo a sua traducção das Lições recitadas na Faculdade de Medicina da Universidade de Madrid — *A homoeopathia julgada no campo dos factos.*

O Sr. J. D. Corrêa, como Director da Commissão de Redacção, disse que a mesma Commissão havia recebido do nosso Consocio, o Sr. A. B. Alves Leitão, da Covilhã, um artigo « Reflexões sobre a Representação dos Alumnos da Eschola Medico-Cirurgica Lisboa, ácerca dos Exames de Pharmacia, &c. », contendo algumas expressões que podiam desafiar polemica; e que apresentava o referido artigo á Sociedade, para decidir o que julgasse mais conveniente. — Ficou para segunda leitura.

Tiveram segunda leitura, e foram discutidas e approvadas, as 1.^a, 2.^a, e 3.^a propostas do nosso Consocio o Sr. Telles Junior, feitas na Sessão n.º 437; ficando adiada a 4.^a, para ser tractada em outra occasião.

Procedeu-se á votação, tendo precedido avisos previos a todos os Membros Effectivos, da proposta feita na antecedente Sessão, para ser elevado á Classe de Membro Benemerito o Membro Honorario o Sr. Pimentel. Terminada a votação, e contadas as espheras, declarou o Sr. Presidente ficar eleito por unanimidade de votos, para Membro Benemerito, o Sr. Julio Maximo d'Oliveira Pimentel.

Pelas 9 horas e meia levantou-se a Sessão.

Vicente Tedeschi,

2.º Secretario.

ABUSOS DE POLICIA PHARMACEUTICA.

Ill.^{mo} Sr. Aproveito esta occasião para rogar a V. S.^a, em nome da Humanidade, que a Sociedade não cesse de solicitar do Conselho de Saúde promptas providencias para a prohibição da venda do arsenico ao povo. Ha pouco dias se envenenou e morreu n'esta Cidade (Lamego) a filha d'uma tendeira. Nas Provincias ha muitos d'estes casos, porque a venda do arsenico é quasi publica, a titulo de ser para matar ratos. . . . José Antonio d'Araujo, Delegado da Sociedade.

Ill.^{mo} Sr. Sobre a policia sanitaria d'esta Ilha direi que é nulla, apesar dos esforços do Cirurgião-Mor da Provincia para a conseguir. Enterra-se nas Igrejas; vendem-se remedios nas tendas; vende-se peixe corrupto; consente-se creação de porcos no centro da Cidade; não se limpam os caminhos publicos; não se tracta nada a respeito de pantanos; &c. &c. . . . Ilha de S. Thomé, 27 de Fevereiro de 1851. = Lazaro Joaquim de Sousa Pereira, Delegado da Sociedade.

PHARMACIA.

Memoria sobre a analyse chymica comparada das raizes de ratanhia e tormentilla, esta ultima como succedaneo da precedente, seguida d'uma nota da preparaçao do xarope de base d'extracto; pelo Sr. Dause Senior, Pharmaceutico em Paris.

Ha muitos annos, as raizes de ratanhia que nos são remettidas d'America teem-se tornado mui raras; a que se designa com o nome de *ratanhia em filetes* falta ja inteiramente; são ellas so que fornecem um extracto rico em tannino, em materia corante, &c. &c. As cepas (raizes grossas), pelo contrario fornecem dous terços menos; estas são todavia bem raras tambem, e podem saltar igualmente. Com tudo, o extracto e o decocto d'esta substancia são empregados continuadamente. Procurei entre as substancias vegetaes adstringentes indigenas aquella que se approximava mais d'esta raiz exotica, e depois de muitos ensaios me assegurei que a raiz de tormentilla era a que se approximava mais d'ella; fiz a analyse d'esta raiz assim como da de ratanhia, e os resultados obtidos me confirmaram que os preparados de tormentilla completamente substituem os da ratanhia. Quiz por outra prevenir todas as substituições ou sophisticações, designando a substancia de que nos poderiamos servir para falsificar os preparados da ratanhia. O preço do extracto de tormentilla é inferior dous terços o menos do de ratanhia, este seria de grande economia para os doentes pouco abastados; eu recommendo esta particularidade aos Srs. Facultativos.

Tractamento de 25 gram. (6 oit. e 18 grãos) de po fino de ratanhia e 25 ditas de po de tormentilla.

PRIMEIRA EXPERIENCIA.

Esgottei uma e outra d'estas substancias pelo ether sulphurico.

2.^a Serie, T. III.— N.º 6.

Ratanhia.

Tormentilla.

O soluto de côr rubra carregada; sabor adstringente; cora fortemente o papel de tornasol; precipita pela agua sem communicar a este menstroo a menor côr. A materia precipitada vem nadar á superficie, se se lança n'este menstroo algumas gottas d'ammoniaci liquido: a substancia precipitada do ether dissolve-se n'agua; se se lançam no soluto algumas gottas de soluto de sulphato de ferro, obtem-se um precipitado abundante.

O soluto ethereo de ratanhia, fornece pela evaporação 4 gram. e 50 cent. d'extracto sêcco, que pulverisado é de côr rubra carminada.

O alcohol de 36° dissolve inteiramente este extracto.

Dissolve-se no xarope simples fervendo; mas pelo resfriamento torna-se um pouco turvo; ajunctando-lhe um pouco d'alcohol torna-se claro.

Soluto de côr menos carregada, cora muito o papel de tornasol; o sabor é adstringente. Precipita igualmente pela agua; o precipitado vem nadar á superficie; redissolve-se pela addição do ammoniaci; precipita abundantemente pelo sulphato de ferro.

O soluto ethereo de tormentilla produz so 2 gram. e 70 cent. d'extracto sêcco, que pulverisado é de côr de rosa pallida.

O alcohol dissolve-o inteiramente.

Dissolve-se no xarope simples fervendo; mas pelo resfriamento torna-se turvo; ajunctando-lhe um pouco d'alcohol torna-se claro.

SEGUNDA EXPERIENCIA.

Sobre uma e outra substancia, esgottadas pelo ether, fiz actuar a agua distillada até passar incolor.

Os dous solutos aquosos coraram muito o papel de tornasol.

Ratanhia.

Tormentilla.

O soluto é muito carregado de côr rubra amarellada; mas não é transparente, o que é devido a um pouco de soluto ethereo entranhado e distribuido na agua; aclarou com a addição do alcohol. Este soluto precipita menos pelos saes de ferro que o ethereo. Evapo-

O soluto é igualmente de côr rubra amarellada; torna-se claro pelo alcohol, precipita muito pelos saes de ferro, fornece 5 gram. e 70 cent. d'extracto sêcco muito adstringente, pouco friavel, transparente quando é em palhetas, de côr escura clara; redissolve-se

rado forneceu 3 gram. e 50 cent. d'extracto sêcco d'um amarello escuro, de consistencia friavel.

O alcohol e o xarope d'assucar dissolvem inteiramente este extracto.

inteiramente no alcohol e no xarope simples.

Os solutos são transparentes.

TERCEIRA EXPERIENCIA.

As 25 gram. (6 oit. 18 gr.) do po esgottado pelo ether e agua, depois de sêccas, tractadas pelo alcohol de 36°.

Ratanhia.

Até ao esgottamento o soluto é ainda muito carregado na côr; precipita ainda um pouco pelos saes de ferro; o seu sabor é ligeiramente adstringente; os dous solutos avermelham o papel de tornasol. Evaporado forneceu 3 gram. d'extracto sêcco, muito friavel, de côr escura carregada.

Tormentilla.

O soluto é menos carregado na côr que o de ratanhia; precipita pelos saes de ferro, mas um pouco menos; fornece so d'extracto sêcco 50 cent.

Recapitulação.

Extracto pelo ether	4 gr.50 c.	Extracto pelo ether	2 gr. 70 c.
— pela agua fria	3 50	— pela agua ..	5 70
— pelo alcohol de 36°.....	3 "	— pelo alcohol	" 50

Ratanhia total . 11 gr.11 c.

Tormentilla total.. 8 gr.90 c.

Diferença a favor da ratanhia — 2 gram. e 10 cent.

QUARTA EXPERIENCIA.

Ratanhia.

Sobre 25 gram. de po novo de ratanhia esgottado pelo alcohol de 36°.

Soluto de côr rubra violeta carregada muito transparente; este soluto enfraquecido com muita quantidade d'agua não se turva, precipita abundantemente em negro pelos saes de fer-

Tormentilla.

Sobre 25 gram. de tormentilla nova esgottada pelo alcohol de 36°.

Soluto rubro menos carregado; não turva pela diluição na agua; precipita pouco menos pelos saes de ferro; forneceram d'extracto sêcco 8 gram. e 60 cent., que em po é de côr ru-

ro, forneceu extracto sêcco 11 gram. e 60 cent. de côr rubra escura quando se reduz a po.

A agua dissolve so uma parte; porque, como se viu, pela quantidade d'extracto obtido, o alcohol de 36^o dissolveu todo o que tinha fornecido a mesma quantidade de po tractado successivamente pelo ether, agua, e alcohol.

Os 60 cent. d'extracto de mais, provém das perdas mais consideraveis que houveram sobre as tres operações do que n'uma so.

O xarope d'assucar fervendo dissolve-o inteiramente; mas esfriando turva-se ligeiramente.

Algumas gottas d'alcohol lhe restituem a sua transparencia.

A turvação provém da materia que o ether dissolve, se bem que é insolavel n'agua, mas não no alcohol.

Tambem a ratanhia fornece 3 gram. de mais que a tormentilla tractada pelo alcohol de 36^o.

bra clara, pouco solavel n'agua como o da ratanhia.

Esta operação produziu 80 cent. menos que as tres primeiras reunidas; talvez as não tinha assas esgotado?

O xarope d'assucar fervendo dissolve-o inteiramente; mas turva-se ligeiramente esfriando.

Algumas gottas d'alcohol dão-lhe a sua transparencia.

A turvação provém da materia que o ether dissolve, e que é insolavel n'agua, mas não no alcohol.

QUINTA EXPERIENCIA.

Ratanhia.

Sobre 25 gram. de ratanhia pelo alcohol de 21^o.

Esgottada por este menstroo, forneceu 9 gram. e 40 cent. de extracto, que pulverisado é de côr rubra clara; dissolve-se inteiramente no xarope simples; o soluto é muito limpido; dissolve-se inteiramente na agua fervendo, muito menos n'agua fria; é brilhante; a fractura viva e polida, transparente quando está em laminas delgadas, e de côr de romã.

Observação. — E' evidente

Tormentilla.

Sobre 25 gram. de tormentilla pelo alcohol de 21^o.

Forneceu extracto sêcco 11 gram. e 20 cent.; tão bello como o fornecido pela ratanhia, um pouco mais solavel em agua fria, egualmente solavel em agua fervendo, e no xarope de assucar, dando um xarope muito limpido. Como se vê, é este menstroo que forneceu mais extracto com esta substancia; elle ganha sobre o de ratanhia 1 gram. e 8 cent.

que o tractamento pelo al-

cohol de 21° ou ainda pela agua quente, é mais favoravel á tormentilla que á ratanhia. Os extractos obtidos por estes dous menstruos são muito ricos em materias tannantes e corantes, dissolvem-se bem no xarope d'assucar e agua fervendo, encontra-se alli pouca materia gorda que o ether e alcohol de 36° dissolvem; tambem os solutos aquosos são menos turvos. Egualmente a tormentilla forneceu, pelo alcohol de 21°, tanto extracto secco como a ratanhia nas 1.^a, 2.^a, e 3.^a experiencias reunidas. Mais abaixo veremos a differença quanto ao tannino.

SEXTA EXPERIENCIA.

Ratanhia.

25 gram. de nova ratanhia (as cepas) esgottadas pela agua fervendo, fornecem 5 gram. e 50 cent. d'extracto secco. O decocto fica transparente em quanto tem calor, mas em resfriando deposita abundantemente.

Extracto de ratanhia obtido das cepas e dos filetes.

10 gram. foram trituradas com 200 ditas d'agua fria; o dissoluto foi incompleto, era turvo; filtrado recolhi 2 gram. d'extracto que não pude dissolver n'agua, mas que se dissolveram no alcohol e no xarope commum.

Tormentilla.

25 gram. de tormentilla nova e esgottadas pela agua fervendo, fornecem d'extracto 6 gram. e 75 cent. Seu decocto fica transparente em quanto tem calor, resfriando deposita abundantemente.

10 gram. d'extracto de tormentilla, egualmente dissolvidas por 200 ditas d'agua fria, não se puderam dissolver na totalidade. O residuo pesou 3 gram. Este residuo dissolveu-se no alcohol e no xarope commum.

SEPTIMA EXPERIENCIA.

Ratanhia.

Tractamento de 25 gram. de po de ratanhia (as cepas) pela agua fria.

Obtive 2 gram. e 50 cent. d'extracto secco, de bella côr rubra viva, sabor muito adstringente; dissolveu-se inteiramente em agua fria, com tanto que se

Tormentilla.

Tractamento de 25 gram. de tormentilla pela agua fria.

Obtive 5 gram. e 50 cent. d'extracto de côr rubra amarelenta escura, de sabor menos adstringente. Dissolveu-se inteiramente n'agua fria.

empregue d'esta grande quantidade.

OITAVA EXPERIENCIA.

Ratanhia.

Tormentilla.

Quiz contestar a quantidade de tannato de ferro obtido pelo sulphato de ferro lançado n'um soluto de 2 gram. d'extracto hydraalcoholico de ratanhia; esta quantidade forneceu-me 50 cent.

2 gram. d'extracto hydraalcoholico de tormentilla, em soluto limpido, tractado pelo sulphato de ferro, forneceu um quinto menos.

Os extractos das substancias adstringentes teem um inconveniente que devo mencionar aqui; são muito sujeitos a embolorecer quando são molles, mesmo de consistencia pilular. Os de ratanhia, de tormentilla, de bistorita, noz de galha, &c. &c. estão n'este caso. Eguamente não se devem administrar senão no estado sêcco: n'este estado não contem algum sal hygrometrico, o que tende a deixar escapar a pouca agua que elles contem; esta agua, evaporando-se, encontra a cobertura do vaso que os encerra, e se fixa na superficie do extracto formando alli o bolor.

O extracto das rosas de Provença, longe de se dessecar, se elle é pilular, attrahe a humidade do ar e se liquida; com tudo como nos outros elle embolorece egualmente.

Parece que todas as substancias que contem tannino, apresentam estes phenomenos.

Uma outra particularidade d'estes diversos extractos, e que, quando se teem obtido pelo intermedio da agua fria, ainda que o soluto seja muito transparente, o extracto, logo depois da evaporação, ou no estado molle ou no estado sêcco, se dissolve com difficuldade na agua fria. Ha muitos casos d'estes: 1.º, é preciso para que se possa dissolver inteiramente tractal-o por uma quantidade d'agua igual á que serviu para o extrahir (é o que não pode ter logar quando se faz entrar nas bebidas ou misturas); 2.º provavelmente o calorico e o ar oxydam uma parte que se